

Set. de 1918

**MAPPIN STORES**  
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

# ARTIGOS PARA LYRICO

ROBES - MANTEAUX - FOURRURES



Pedimos uma visita de V. S. ao nosso Rayon de Confeções para inspecionar o nosso Stock de "toilettes" para theatro, que se compõe de modelos unicos, importados das melhores modistas de Paris e que traduzem os mais modernos figurinos.



## ACCESSORIOS



- LINDA COLLECCÃO DE LEQUES --
- LUVAS FRANCEZAS, DE PELLICA --
- MEIAS DE SEDA EM TODAS AS CORES --
- FINO SORTIMENTO DE BOLSAS --
- COMPLETO STOCK DE LENÇOS --
- GRANDE VARIEDADE DE GRAMPOS --
- COLLARES E FANTASIAS --



**MAPPIN STORES**

RUA 15, NOVEMBRO N.  
S. PAULO

**MUTILADO**

O ESPECIFICO DA ANEMIA  
TUBERCULOSE, etc.

Vinho Reconstituinte

— SILVA ARAUJO —

Chitismo - Fastio - Escrophulose, etc.

Usam-se 2 meios calices por dia

INGESTA Farinha lactea  
phosphatada  
de SILVA ARAUJO

ALIMENTO IDEAL

Para crianças, amas de leite, pessoas  
fracas, convalescentes

Torna as crianças sadias  
e fortifica os fracos

*Para uso das crianças dyspepticas, que têm difficuldade em  
digerir e cujas evacuações são irregulares, fétidas, esver-  
deadas ou talhadas. usa-se o poderoso. inegalavel e sempre efficaz*

**DIGESTIVO INFANTIL**

de SILVA ARAUJO

Usa-se ás colheres de chá após as refeições

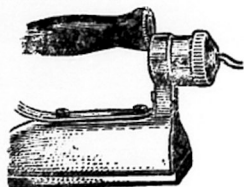
— ou após as mammadelas —

À base de papaina virgem, pura



**BYINGTON & CO.**

ENGENHEIROS ELECTRICISTAS E IMPORTADORES  
ARGO DA MISERICORDIA 4  
S. PAULO



FERROS DE  
ENGOMMAR  
WESTINGHOUSE

Apparelhos e material electrico em geral para  
— Luz Força e Tracção —

**MUTILADO**

## EXMAS. SENHORAS

### Ouvi um bom conselho:

Quereis ter a vossa pelle alva, avelludada e livre de manchas? Quereis, enfim, ser formosas?

Uzai em vossa toilette a

### Agua de Belleza ou Perola de Barcelona

Não contém mercúrio e nem outra substancia que possa irritar a vossa pelle.

### Ouvi mais outro conselho:

Para ter os vossos cabellos brilhantes, leues e ondulantes; para ter a vossa cabeça livre de caspas e de quequer parasitas.

Usai, pelo menos, duas vezes por semana o

### Petroleo Americano

magnifica loção preparada em kerozene dissolvido e purificado por processo especial.

Encontra-se em todas as casas e na

## Drogaria Americana

SOCIEDADE DE PRODUCTOS QUIMICOS L. QUEIROZ

RUA LIBERO BADARÓ N. 144

SÃO PAULO



O unico meio de conservar a vossa saude é ingerir alimentos sãos e beber agua pura.

Para este fim procurar os melhores fornecedores e comprar o

### Filtro "Fiel"

*O melhor dos filtros.*

A' venda na  
RUA SÃO BENTO, 14

Depositarario Geral para o Estado de São Paulo:

**Arsenio J. Silva**

Secção F. — Caixa Postal 740  
Telefone 5185 - Central  
SÃO PAULO

Peçam o catalogo  
illustrado sem compromisso algum.

## CASA GENIN

Rua 15 de Novembro N. 8-A

S. PAULO -- Caixa, 204

ESPECIALI-

DADE EM

BANDEIRAS

de Algodão estampado, de Filele de lã e de seda.



Confecção esmerada de bandeiras de seda proprias para Linhas de Tiro e escoteiros. - Preços modicos.

PEÇAM ORÇAMENTOS

A "Casa Genin" tem sempre um variado sortimento de lãs, linhos, sedas e artigos para bordar e para flores artificias.

# Epura

curo rapida e infallivelmente CROSTAS dos eczemas  
FURUNCULOS (cabços de prego) — ECZEMA — MEO BABITO —  
COMICÇÕES — molestias de pelle.

DEPURATIVO IDEAL DAS FAMILIAS proporcionando logo os  
primeiras doses um estado de bem estar geral.

SEM DIETA — INOFFENSIVO.

Tolerado pelos organismos mais delicados. Para todos as edades  
sãe a creação de pevio. Em todas as drogarias. --- S. Paulo

Companhia de Industria  
e Comercio

**Casa TOLLE**

Rua PIRATININGA N. 27 - Caixa N. 201 - São Paulo

Premiada em diversas exposições e com a maior recom-  
pensa «GRAND PRIX» na Exposição de Torino em 1911

**Bombons**  
**e Chocolates finos**

Unico fabricante no Brasil e America do Sul do

**Cacao com aveia, Abelha** (Marcas registradas). — **Vinhos,**  
**Vinagres, Licores, Xaropes.**

**Licores Cusenier** fabricados sob a fiscalização da casa de PARIS.

Possue o privilegio em todo o Brazil para a fabricaçao do alcool absoluta-  
mente neutro e inofensivo, unico que se presta para a fabricaçao dos licores  
finos que a Companhia prepara por destillação, com productos importados  
directamente da Europa.

**TINOCO MACHADO & CIA.**

**S. PAULO**

LARGO DO THESSOURO, 5 (1. Andar) - Telephone. 3558

Unicos vendedores neste Estado das superiores **VELAS**

**Brasileiras**

**Pequenas**

**Ypiranga**

**Colombo**

**Paulista**

**Bicho**

**Cia. Luz Stearica**  
**do Rio de Janeiro**

# O QUE DIZ UMA SENHORITA

Uma só caixa de

## PASTA RUSSA

do Doutor Ricabal foi o suficiente para ENDURECER e DESENVOLVER os meus SEIOS que estavam CAHIDOS, MURCHOS!! Agora possôo um busto que me alegra e com esperanças de vel-os como dantes. Estou entusiasmada com a

## PASTA RUSSA

do Doutor Ricabal, que constitue um verdadeiro thesouro para todas as Mulheres.

## A PASTA RUSSA

DO DOUTOR RICABAL VENDE-SE NAS

Principaes Pharmacias, Drogarias e Casas de Perfumarias

DEPOSITO EM SÃO PAULO: DROGARIA BARUEL

**AVISO:** Cautela com as imitações e falsificações perigosas!!

Exijam sempre A PASTA RUSSA, do Doutor RICABAL. Não se iludam!!

Preço de uma caixa 8\$000, pelo Correo mais 1\$000. — Pedidos á J. B. DE CARVALHO — Caixa Postal n. 1724

RIO DE JANEIRO



# LACTA

PREFIRAM

CHOCOLATE E LEITE, O MAIS DELICIOSO

## -Continental Products Co.-

Experimentae os afamados

**PRESUNTOS e**

**BACON**

**"CONTINENTAL"**

Tem sempre em deposito

qualquer quantidade

**Alameda Cleveland N. 30**

Teleph one: Cidade 143 e 144

**:- SÃO PAULO :-**

## BARUEL & CIA.

Fabricantes e Importadores

SECÇÃO ESPECIAL de perfumarias, sabonetes, loções, dentífricos, esponjas, escovas para todos os mistéres etc.

ESPECIALIDADES DA NOSSA SECÇÃO INDUSTRIAL: Agua Inglesa Baruel; tonico antifebril. ELIXIR ARISTOPEPTICO: nas digestões difíceis, enxaquecas etc. MAGNESIA FLUIDA BARUEL: indispensavel em todos os lares. SEGREDO ORIENTAL: o verdadeiro Segredo da Juventude. VINHO IODO TANNICO PHOSH. BARUEL: succedaneo do Oleo de bacalhau. SABÃO INFANTIL: para todos os usos domesticos. POLVILHO DIAQUILÃO BARUEL: nas assaduras e erupções em geral. DEPILATORIO MARTINS: effeito em 5 minutos sem produzir dor alguma.

A venda em todas as boas casas do Brasil.

CAIXA POSTAL 64 - TELEPHONE 20  
END. TELEGR. BARUEL - S. PAULO

## SAXONIA

TINTURARIA E LAVANDERIA

S. PAULO

LAVA E TINGE ROUPA DE

SENHORAS, HOMENS E CRIANÇAS, CORTINAS, PLUMAS, BOÁS,

LUVAS, Etc., Etc.

Fabrica: Rua Visconde de Parnahyba N. 210

Telephone - Braz 297

Lojas: RUA LIBERO BADARO' N. 145 A

Telephone - Central 2396

RUA SEBASTIÃO PEREIRA N. 5

Telephone - Central 833

## ORVALHO

DA

## BELLEZA



O MELHOR  
CREME  
PARA A PELLE

## Pharmacia Castor

Rua Alvaes Penteado, 5-A  
S. PAULO

# UMA HIJA DE LA GLORIOSA ESPAÑA

*Ilmos. Surs. VIUVA SILVEIRA & FILHO.*



*Saudo-vos. Com o intuito de communicar os beneficios que recebi dos preparados pharmaceuticos Elixir de Nogueira e Vinho Crocotado, ambos formulas do pharmaceutico e chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA, é o motivo de vir à vossa presença.*

*O Elixir de Nogueira, cuja extraordinaria fama percorre o mundo inteiro, curou-me radicalmente de espinhas no rosto, que possuía em grande quantidade, desde tenra idade. Hoje tenho a cutis fina e sem a menor mancha. Sentindo-me anemica recorri na mesma occasião ao Vinho Crocotado tornando-me robusta como nunca pensei chegar.*

*Maravilhada com tão completa transformação, achei de dever dirigir-vos esta acompanhada de minha photographia*

*MANUELA LOUZARDA.*

## = Estabelecimento Agricola = DE LUIZ DA SILVA

Escritorio: *Rua Libero Badaró, 125* - *S. PAULO*

*Grandes viveiros de plantas fructiferas e ornamentaes — Estação de Pirapitingy, Villa Emma e rua Maria Antonia, 69 - (Cons.)*

Especialidade em laranjeiras e roseiras.

Deposito de sementes: de algodão das melhores qualidades, de chá, dos capins da Australia, (*Paspalum Dilatatum*), Capim de Rhodes (*Cloris Gayena*), Manduvira, Alfafa de Murcia, Gramma de Castella, «Sectaria Gracillis», «Sacharina», «Sudana», Jaraguá e Catingueiro roxo; mudas de capim «Imperial» ou da Venezuela, capim «Araguaya», «Ramis», Gramma de Macahé ou de Pernambuco, Consolda do Caucaço e canna Stiambo.

Forragens especiaes para porcos: Araruta gigante e inhames diversos.  
Grande criação de porcos «Duroc-Jersey» e «Berkshire», puro sangue.

Fabrica do Carrapaticida marca «Touro», do ingrediente «Buffalo» e das afamadas machinas «Luiz da Silva» para matar formigas, unicas capazes de destruir grandes formigueiros.

PEÇAM CATALOGOS E INFORMAÇÕES

Compra e vende reproductores das melhores raças.

Agente geral de «La Hacianda»

Importador do arsenico marca «Cão», de Fenner, a melhor marca ingleza.

# A Saudada Mulher

CURA  
Incommodos de senhoras



Exma. Sra. Da. Maria Emilia Dias, curada com 'A Saude da Mulher'

Srs. Daudt & Oliveira.

*Declaro que, padecendo ha tempos, de males uterinos, mandei comprar por meu esposo, em Livramento, alguns frascos do seu poderoso preparado 'A Saude da Mulher', com os quaes fiquei completamente restabelecida. Em agradecimento, dirijo-lhes a presente para que façam della o uso que lhes convier.*

Maria Emilia Dias,

(firma reconhecida).

Rivera (Uruguay) Janeiro de 1917.



# SETEMBRO

(A mulher brasileira após a guerra)



ENTRE os muitos e variados assumptos que dizem com o renascimento do espirito feminino no Brasil deve ter primazia o da educação de nossas filhas, que precisa ser urgentemente remodelada, no sentido de que a nova geração de brasileiras possam cumprir a grande e abnegada missão que lhe será confiada nos annos que se seguirão á guerra actual, ou seja, o saneamento da moral que constituiu a decadência das civilizações de hontem.

E' superfluo repetir a these por demais demonstrada de que é a mulher a primeira, e quasi a unica fonte da moral humana. Tem ella as duas qualidades que formaram e gerenez daquella: — O pudor e o senso da castidade, que faltam ao homem. Estas qualidades são tanto mais valiosas que não constituem o seu patrimonio congenito, não são attributos inherentes á sua essencia; são qualidades que ella formou com o sacrificio de seus instinctos naturaes, com a abstinencia que lhe ditou sua razão. Deste seu gesto, desta sua immolação nasceu um sentimento novo, o amor, que é a mais admiravel dadeira que ella fez aos homens, agurrindo-os para que lhes pudessem ganhar as graças, creando os transe de paixão e de delirio, de arrebatamentos e de ciúmes, e construindo assim este grande edificio aonde se abriga, e só ali, o interesse da vida humana... Creando o amor, ella creou a familia; com esta a sociedade; com a sociedade a codificação das leis; e com o estatuto social, a nação. Toda a moral humana pois, nasceu daquelle seu gesto, formulada a mulher, da primeira lingua de terra cultivada á nação. E para que se não nos taxe de paradoxal e absurda a proposição que avançamos, incumbem-se os homens, por interregos não muito espaçados, de prova-a a sociedade nas guerras que acompanham todos os evos da civilização, por mais apurados que sejam. Nas guerras, cujos exercitos são exclusivamente compostos de homens, só a volta de masculina ordena, dispõe, domina e impetra com absolutismo. Ora basta que aquellos exercitos, degladiando-se em bruta e fera sanha de animalidade, invadam um territorio inimigo, para que, no delirio de sua victoria, deixem os homens explodir integralmente a miteria de seus instinctos, pilhando, saqueando, rasgando tratados e destruindo egrejas, escolas e hospitales, trucidando, violando as virgens, infamando as mulheres, arrastando os velhos, sem nenhuma outra inclinação que não seja a cova de sua concupiscencia selvagem e de suas tendencias barbaras, refreidas antes pela moral, e que transbordam de chofre dos diques oppresores inundando, enxovalhando, destruindo... Esta seria talvez a sociedade humana si lhe faltasse o poder moderador da

mulher, com a belleza de sua moral; força estatica que preside a toda a dynamica social, como no mundo physico nasce o movimento, da inercia.

E não digamos que seja este ou aquelle homem, este ou aquelle exercito de homens; em todas as guerras, de todas as raças, aquellas scenas se repetem de modo uniforme e invariavel. E isto porque no intimo das masculinidades, em toda a natureza, ha o instincto cruel, ha a lama pesada do sangue coagulado dos morticínios da lucta pela vida, que qualquer agitação traz á tona tingindo uma superficie aparentemente limpida que a civilização delibada tenta filtrar. A mulher, a meiguice da feminilidade que não nasceu para lutar, si é a fonte primeira da moral, é tambem a sua reconstituidora, ao fim daquelles cataclysmos.

No lar, na atmosfera de sombra e de quietude, do soldado, ao despir sua farda, ao despejar-se de seu armamento de guerra, é levado de novo pela esposa, pela filha, pela mãe a refreiar-se dentro dos principios de que se esquecera, e que a mulher, durante o lucto de ferro e fogo, soubera guardar e proteger com suas fracas mãos, como uma chama sagrada. E' este papel que nos vae caber, como a todas as mulheres do mundo que se diz civilizado, ao fim da tremenda guerra actual, na qual estamos envolvidos. Ora é evidente que para elle não nos está apparelhado a educação ultra avançada que se tem adoptado nestes ultimos annos, educação de frivolidade, de fantasias supersticiosas, de tolices declamatorias, que se distribue em collegios caros e luxuosos, que sabem explorar o veio optimo do orgulho dos paes ricos e de herdadeiras bem dotadas.

Para elle não podemos contar com a brasileira *demier cri* que vae resultando daquella educação; brasileira alfagada no berço por uma nurse, ou uma *fraulein*, ou uma *demoiselle*, vindas não se sabe de que meios e de que restos; guiadas, em seguida, por professoras estrangeiras que continuam a obra das primeiras, empenhadas em d-nacionalizal-a, em fazel-a desprezar a lingua, em fradejal-a contra os habitos e as tradições de nossa terra, para lhe inculcir linguas, habitos e tradições de seus paizes de origem; vestidas, ou antes, despidas em sedas estrangeiras com todos os excessos de figurinos escandalosos que cantadeiras e horizontaes apregoam como modelos de suprema elegancia; entradas em salões onde são iniciadas nas contorsões orientaes de dansas lascivas, de tangos e maxixes, que nossa moral antiga repudiava ás orgias carnavalescas; abeberando-se na immoralidade de theatros que exploram a scena de alcova e apothecosm o adulterio e a dissolução de todos os principios basicos da familia; emocionando-se em cinemas que divinizam o

crime; e adormecendo ao fim de seu dia com a imaginação assanhada pela picada da tarantula venenosa do romance de importação, rolando com suas aventuras e com seus heróicos lantejoulados de exultitudes inverosímeis... O momento actual vem com um rebate aversar-nos da necessidade urgente de renacionalizarmos a educação da brasileira, de arrancal-a dessa perigosa atmosfera, para revertel-a á nossa moral antiga; de *recipital-a, si cairismo* é ter um pudor e uma moral, é ser brasileira e amar o seu Brasil, ao em vez de macaquear ridicula e imbecilmente todos os vicios e desvios com que nos acenam os caixeiros viajantes da dissolução dos grandes centros mundiais. Sejamos caixiras, e principalmente tenhamos orgulho de o ser, restaurando nos nossos habitos e costumes o que possa marcar a nós a individualidade de povo, e a nossa autonomia de nação. Seremos menos ridiculas no nosso caixirismo, desde que elle nos accentue forma e proporções proprias, do que encaçados nas vestes largas que nos impingem por suas secções de exportação os bazares internacionaes, e que nos vestem como a fantechos, sobrando-nos em comprimento e largura, e dando-nos o aspecto comico de fallachos de circo, a tropejar e a cair numa azafama caricata de auxiliarmos outros povos: a distenderem na vasta arena mundial o tapete de uma civilização, cujas manchas e rasgos a luz artificial de nossa fantasia quente de tropicaes não nos deixa apereber. Todas as raças guardam com carinho o seu modo especial de ser. O inglez é impermeavelmente inglez de um extremo a outro do mundo; o francez proclama-se orgulhosamente o primeiro cidadão do universo, de Paris aos dois polos; o allemão só nasce allemão para poder ter a honra de nacer allemão; e assim todos os demais povos. Só nós brasileiros temos o máu vicio de denegrir tudo o que é nosso, de regatearmos sem maior exame tudo o que traz a etiqueta nacional, e de preferirmos sempre, sem analyse e sem conhecimento, tudo o que é estrangeiro.

E nenhum povo, nenhum no Universo — podemos dizel-o com mais orgulho do que o francez que é o idolo do nosso embacombaco — possui um paiz mais formoso, mais rico, mais paradisíaco do que esta magnifica terra de Santa Cruz, doirada pelo sol de um permanente triumpho, aclarada por um luar de sonho e por um estellar de gloria, adormecendo e acordando com o hymno grandioso de seus rios, no meio de gemmas, de caudaez de ouro e de riquezas, como uma princeza magica, como uma Cendrillon decusada de um palacio de pedrarias, de luz e de sons!

E' esta convicção e o orgulho desta convicção, que nós, mães brasileiras, devemos inculcir no espirito de nossas filhas, a convicção

e o orgulho da grandeza de nossa pátria, e do brilho de nossa história, pois que no futuro uma e outra nos devem assegurar o mesmo grande papel que está neste momento representando a nossa irman do Norte, que só se fez grande, porque nasceu com aquele orgulho. E são aquellos principios que se impõem á remodelação dos processos educativos que estão fazendo degenerar o caracter feminino brasileiro.

Então, quando tivermos preparado uma geração consciente de sua nacionalidade, que saiba tirar verdade dos menores incidentes historicos e geographicos de sua raça e de sua terra, mereceremos o respeito que ora nos nega a farandala de aventureiros, que, com explorar a nossa riqueza a, se permite rir-se de nosso feitiço!

Sejamos brasileiras, saibamos ser brasileiras, principalmente neste momento agudo e incalculável que atravessamos. E para isto a nossa educação tem de deslizar-se desde logo das *robes et manteaux* que nos trazem clandestinamente as *andorinhas* estrangeiras, de todas a roupas usadas, roupas que vêm dos bastidores do mundanismo dissoluto, com suas manchas bem lavadas com a benzina da insuflação ao nosso orgulho botucudo, e que nós aceitamos por novas e originaes, e que nos vão custando o preço despropósito da nossa desnacionalização. Sejamos caipiras para as horizontaes e para os arrivistas, que aportam ás nossas praias como moças brilhantes que emigram aos enxames da podridão dissoluta de outros paizes, para virem tentar nossa ingenuidade de ter a belleza serena das grandes palmeiras que ao alto de nossas montanhas, na entrada de nossos portos, insistem em exhibir orgulhosamente a nota de nosso triumpho tropical. Sejamos como ellas orgulhosamente caipiras. Não importa que nossas creanças não saibam receber o sol da manhã com *bon jour*, ou com um *good morning*; basta que ellas saibam exclamar: embriagadas de patriotismo, como a primeira prece de seu dia: Salve sol do Brasil, sol da maior, da mais bella e da melhor das patrias!...

Anna Rita Malheiros.

(Colaboração especial para Revista Feminina, S. Paulo).

Nota da redacção: — *As chronicas de nossa illustre collaboradora d. Anna Rita Malheiros são transcriptas por centenas de jornaes do interior do Brasil, mas muitos delles deixam de citar o nome de nossa Revista, para a qual são ellas especialmente escriptas. Seríamos, pois, immensamente gratos aos nossos confrades si não nos quizessem negar aquella declaração, que tem para nós a indiscutível vantagem de propagar o nome de nossa Revista e para os nossos collegas a satisfação de um dever de lealdade cumprido.*

## Nossa exposição de trabalhos

A sala annexa a esta redacção, onde está installada a nossa exposição de trabalhos femininos, continúa a ser visitada diariamente pelas familias. As senhoras paulistas não podem perder a oportunidade, que agora se lhes offerece, de vir vizitar a nossa exposição, onde encontrarão, por certo, muitos trabalhos de prendas

domesticas, proprios para ornamentação da casa e para outros usos. Em rendas, applicações, almofadas, roupas para creanças, aquarellas, quadros a oleo, vasos, trabalhos artisticos de ceramica e arte applicada, possui a nossa exposição os mais lindos e interessantes exemplares.

Muitas senhoras paulistas estão longe de suppor de quanta oserosidade, de quanto talento creador, de quanta habilidade artistica são dotadas algumas das nossas patrias, que têm concorrido, com o producto das suas mãos delicadas e industriosas, para o exito, cada vez mais crescente, da nossa exposição. Os nossos mostruarios são o que ha de mais interessante no genero. Os trabalhos que expomos, devidos sómente ás mãos femininas, não devem confundir-se com os artigos congeneres, de confeção industrial, que se vêm nas casas de armarinho e outros estabelecimentos commerciaes. A maior parte delles constituem, em sua especialidade, verdadeiros labores de arte, onde se admira a mão de obra, a delicadeza da feitura, a graça decorativa dos desenhos, e, sobretudo, o cunho de uma idealidade pessoal, qualidades essas que se não encontram nos productos da arte industrial, fabricados em grosso, para as necessidades do mercado.

No ultimo numero desta revista dissemos que a Exposição de Trabalhos estabelece uma boa escola de solidariedade feminina. Aprende-se a conhecer de quanto a mulher brasileira é capaz; divulga-se a sua habilidade, a sua cultura, a sua intelligencia; adinham-se as suas aspirações; publicam-se, comê mister, os seus multiplos merecimentos e as suas numerosas aptidões. Este vinculo é importantissimo para a obra grandiosa que d. Virgílinia planejou, que ella executou e que nós devemos continuar. A mulher brasileira, para bem do paiz e para gloria do seu proprio nome, deve sair da penumbra humilde em que tem vivido. Precisa impor-se pelas suas qualidades de trabalho, pela sua capacidade de acção. Tudo quanto suas mãos produzem de bello e bom convem que appareça afim de que se veja a nossa cultura na sua cellula fundamental, que é a familia.

Essas palavras, que escrevemos em nosso ultimo numero, transcrevemol-as de novo, para que fiquem bem gravadas na memoria das senhoras paulistas o espirito de solidariedade que as deve unir.

As aulas de pintura, costura, modelagem e outras prendas continuam a ser frequentadas, tendo as suas numerosas discipulas obtido os mais brilhantes resultados.

Cada uma dessas especialidades está a cargo de professoras competentissimas que, a par do conhecimento tecnico, dispõem dos mais adiantados methodos de ensino.

## EXPEDIENTE da Revista Feminina

(Fundada por VIRGILINA DE SOUZA SALLES)

Secretaria - AVELINA DESOUZA SALLES

Redacção: Praça Antonio Prado

(Palacete Briccola) 2.º and. salas 1 - 3 e 5

Telephone n. 5661 - Central

Officinas: Rua Aurora 3 — S. PAULO

Correspondencia: Toda a correspondencia sobre assumptos femininos, encomendas de trabalhos, etc., deve ser dirigida á secretaria AVELINA DE SOUZA SALLES. Toda a correspondencia relativa á administração da Revista, pedidos de assignaturas, emissão de vales postaes etc., deve ser endereçada ao director JOÃO SALLES.

### ASSIGNATURAS:

ASSIGNATURA ANNUAL - 10\$000

Assignatura annual com registro - 15\$000

Assignatura para o estrangeiro  
20\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez, terminando um anno depois, no mez correspondente.

Toda a senhora que nos arranjar 10 assignaturas de uma só vez, terá uma assignatura gratis.

Olisamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes, evitando assim que lhes seja suspensa a remessa da REVISTA.

Precisamos de boas agentes em todas as localidades do Brasil.

# O grande e brilhante concurso de nossas leitoras

*Dia a dia a mulher brasileira convence-se de que não pôde, sem prejuizo de seus direitos futuros deixar de tomar parte no grande movimento feminino que se esboça em todo o Mundo civilizado; convencendo-se, igualmente, que sem uma imprensa sua, que seja o orgão directo de suas aspirações e de sua reeducação, nada poderá realizar. Eis como se explica o entusiasmado trabalho de propaganda de nossa Revista que um sem numero de brasileiras está empilhando em todo o Brasil, do Amazonas ao Rio Grande, — brasileiras que representam o esol da intellectualidade feminina — e ás quaes confessamos, pela nossa causa commum, a nossa penhorada gratidão. No mez que acaba de findar, o trabalho daquellas nossas dedicadas cooperadoras attingiu o record, pois que alem das assignaturas habituaes, tivemos quatrocentas e dezoito novas assignaturas, sendo que dois terços uteram do Norte do Brazil, cuja cultura, é grato reconhecer, cresce brillantemente.*

Si o escopo desta Revista fosse, como o das demais publicações do genero, puramente commercial, já de ha muito podíamos ter annuciado nossa completa victoria, pois nenhuma outra revista, no Brasil, em qualquer epoca, obteve tão rapidamente a cifra de nossas edições, que variam entre a 20 a 25 mil exemplares. Esta cifra que a muitos se affigou de pura reclame foi por nós exuberantemente demonstrada com a exposição de nossa edição em uma praça publica, na maior praça publica de S. Paulo, onde os incredulos e os malevolentes puderam durante muitas horas tocar com seu thomismo o volume admiravel de nossa tiragem. E fizemos a photographia, publicando a photographia no nosso penultimo numero, para que se pudessem, igualmente, certificar, os nossos leitores de outros Estados.

E' esta, indubitavelmente, uma primeira e grande victoria da mulher brasileira, até hontem considerada apenas apta aos affazeres domesticos, e que surgiu, de repente, na arena publica, acompanhando com galhardia e não menor valor, o movimento feminino que se alastra por todos os países civilizados, e que já obteve da roineira Inglaterra o maior de todos os direitos politicos, ou seja o do voto. O nosso primeiro numero foi acolhido, é certo, por um sorriso de ironia dos homens, e — porque não o dizer? — de muitas das proprias mulheres! Uma tentativa de senhoras no Brasil!... dizia-se — será quando muito um boião de rosa perfumado e colorido, que se abrirá para viver, como as resas historicas, *l'espace d'un matin*...

Ao nosso primeiro numero succedeu, porem, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, e passou-se um anno, e mais outro, e outro e outro, e aqui estamos no nosso quinto anno, com uma das maiores edições do Brasil, tendo introduzido mil melhoramentos na nossa modesta publicação inicial, que pode com orgulho dizer que vive só e só do favor publico, sem nenhuma subvenção ou dependencia!

Como prova de aptidão e como resultado commercial bastava a demonstração acima para documentar que a brasileira é tão capaz quanto o homem, e quanto a mulher de outras civilizações, de lutar no campo das conquistas intellectuaes e sociaes.

E' preciso considerar, porem, que ao fundar esta Revista, o espirito magnanimos, abnegado e raro de nossa nunca esquecida fundadora, não teve em mira a victoria do orgulho ou lucro material, ambos sentimentos que se não coadunavam com sua grande e bella alma, que nascera votada ás excelletudes dos apostolados. Não; seu programma era mais alto e mais generoso, por impessoal e desinteressado. Nossa Revista devia ser e é a expressão continua do espirito feminino brasileiro, a summa de todo o concurso que elle pode e deve dar á causa da restauração da moral e do sentimento, neste terrivel transe do guerra que dizima a humanidade: nossa Revista devia ser e tem sido a leitura que faltava ao lar brasileiro, invadido pela litteratura deteriorada do commercialismo sem escrúpulos: a leitura que reflecte: nossa crença e nossas antigas tradições, que fizeram a belleza passada do nosso ambiente domestico, e que se bate por expurgar de nossos costumes todas as impurezas que têm sido arremessadas ás nossas praias na vasa emigratoria do declinio das civilizações occidentaes. Neste cinco annos temos vivido aclaradas por aquelle lar, por aquelle ideal, e tão sinceramente o temos procurado realizar que de todo o Brasil nos chovem as expressões de solidariedade, e que nossa Revista mereceu uma carta autografa de S. Eminencia o Cardeal Arcoverde, chefe da Igreja Brasileira recommendando a sua disseminação nos lares catholicos. expressões que foram repetidas por muitos de nossos Bispos que se constituíram em propagadores de nossos esforços pela boa causa.

Assim, sem nenhum escopo commercial, tudo quanto se tem apurado nos nossos balanços tem sido empregado na propria Revista, augmentando-se suas paginas, criando suas exposições, suas aulas, sua bibliotheca — unica bibliotheca feminina existente na America — suas distribuições de trabalhos, realizando, enfim, com maior extenção tudo o que constitue o seu programma. Não basta, porem, Ha innumeras outras obras a começar, innumeros outros assumptos a desenvolver, e eis porque não podemos prescindir da valiosa cooperacão de nossas patricias, pois não queremos dormir sob os louros colhidos. Com um pouco de esforço de cada uma de nossas leitoras poderíamos dobrar a nossa edição, elevando-a a 50.000 exemplares, cifra a que nunca attingiu nenhuma publicação no Brasil, e que nos permitiria augmentar ainda o nosso texto, publicar-a quinzenal ou semanalmente, e dar-lhe o grande desenvolvimento com que continuamos a sonhar e que havemos de realizar.

Si grande deve ser o orgulho de todas nós de termos conseguido attingir a uma edição de 20 a 25.000 exemplares, que grande prazer não nos seria si pudessemos exclamar, dando assim uma resposta decisiva aos que duvidam de nossa intelligencia e de nossa acção publica:

— A revista de maior circulaçào no Brasil, com uma tiragem de 50.000 exemplares é uma revista de senhoras!...

Estamos longe disto? Não. Para conquistar este inigualavel triumpho, que asseguraria ao nosso sexo uma posição de ponderavel eficiencia na direcção social de nossa Patria, é bastante um esforço minimo de cada uma de nossas leitoras, conseguindo a adhesão de uma de suas amigas... Um esforço minimo para um resultado incommensuravel!... Não deixemos, pois, para ananhan!

# Manifestações de pesar

O falecimento da nossa prezada e querida directora d. Virgínia de Souza Salles despertou em quantos tiveram a ventura de privar pessoalmente com ella e em quantos, não a conhecendo pessoalmente, conheceram o seu espirito e admiraram, atravez das paginas desta revista, a sua obra, as mais sinceras e espontaneas manifestações de pesar. De todos os pontos do paiz, de todos os Estados, dos rincões mais remotos da patria, onde o seu nome souo, onde ella acordou uma sympathia, chegaram-nos, dia a dia, cartas e jornaes em que, de envolta com a magua que o seu desaparecimento causou, é lembrada e posta em evidencia a obra empreendida por ella. Se a ingente tarefa que ella se impoz e que consistiu em trabalhar para o progresso do espirito feminino, para a elevação da sua moral e da sua cultura, se é certo que ella não conseguiu vel-a realisada — porque uma obra dessas só se realisa atrez das gerações — é tambem certo que ella lançou as bases mais seguras para essa realisação, traçando com admiravel tenacidade e raro espirito de previdencia, a melhor direcção a seguir. Esta revista, pois, não é, hoje, como não será mais tarde, uma obra nossa, senão a continuação de uma obra iniciada por d. Virgínia de Souza Salles.

Muitas, innumeradas são as pessoas, representantes das mais variadas classes e castas sociais, que, admirando-lhe o espirito, lastimam a sua morte. As paginas da Revista Feminina seriam poucas para abrigar todas as communicações de pesar que são dirigidas constantemente ao seu actual director e inconsolavel esposo.

Seja-nos permittido, porém, transcrever algumas dellas, a exemplo do que já temos feito nos numeros anteriores.

\*\*\*

Da nossa illustre patricia d. Anna Cesar, senhora notavel pelo seu brilho, pelas suas virtudes e pelos seus grandes talentos literarios, recebemos as seguintes linhas, em que externa, com tanto calor, a admiração que lhe despertara a saudosa extincta:

## Sincera homenagem

A infausta noticia da morte de Virgínia Salles causou fundo pesar a todos que conheciam esse perfil de mulher superior, intelligente, combatente, que vinha, com brilhantismo, trabalhando na imprensa em prol da causa feminina.

Exemplo de energia, vontade e dedicação, tornou-se geralmente conhecido e admirado, salientando-se como nenhum outro no campo de exaltar o seu sexo.

Para constar o valor de Virgínia Salles, basta conhecer a Revista Feminina, de São Paulo, por ella fundada e dirigida com excepcional destaque. Illustração apreciada e divulgada em todo o Brasil e considerada o mais robusto organo a proclamar os surtos dos ideaes que aspira a mulher realisar na esplanada gigantesca da civilização.

O criterio, a elevação e a belleza do comporte dessa Revista attestam a competencia de sua directora e bastaria isso para erigir-lhe um monumento, se outros relevantes meritos não a distinguem:

Orientando e preparando o espirito feminino para as novas veredas do progresso, Virgínia Salles agigantou-se, irradiou-se nessa cruzada benedita, em a qual a sua grande alma de lutadora expandia-se, desdobrava-se como a luz de um astro, deslumbrando com o seu esplendor.

Ante o ideal formoso que architectou e reconcou com as joias preciosas das maiores virtudes e dedicação, trabalhou e consubstanciou a sua obra, em o louvavel intuito de levar um valioso contingente para a construção do edificio social de sua terra: Esforço que vale por uma pesa, com a resistencia do bronze e as cintillações do diamante.

Ella, comprehendo o valor da mulher na formação das patrias, sabia que em suas mãos está o destino dos povos, por isso que, são as mãos que educam e imprimem no coração o cunho dos sentimentos altos que enriquecem o caracter e formam o patrimonio nacional.

Quiz positivar o que lhe ia na alma em amor e anhelos de grandesa para o seu Brasil e fundou e dirigio a Revista Feminina — que brilhou como um santelmo entre as suas coirmãs de imprensa,

em a propaganda dos interesses sociais e educação da mulher, em todos os nuances e aspectos.

Dos assumptos domesticos ás mais altas aspirações, ellucidou, guiou, doutrinou, sonhando com o esplendor do amanhã patrio e sentindo a necessidade que tem as brasileiras de se instruir, elevar e dignificar, mais e sempre, trabalhando por nossa terra e nossa gente, a exemplo do que se está passando no vello mundo, onde a mulher aureolada pelo civismo, sublime, alnegada, heroica e infatigavel, asombra a humanidade, substituindo a intelligencia e o laço masculino em todas as actividades.

As brasileiras que comprehendem o valor dessa apothecose de amor patrio e sabem que ella só se pode realisar pela instrução e cultura civica, estarão sempre ao lado de paladinos á feição da «Revista Feminina» a colaborar com elles, no preparo nacional para as conquistas maravilhosas do porvir.

Virgínia Salles e todas as que assim se dedicam a nobres causas, não morrem, se perpetuam nas proprias obras e vivem na saudade e gratidão de seus compatriotas.

As dedicadas auxiliares que deixou na direcção da Revista continuarão com o mesmo religioso afam a desfar as perolas do collar com que ella vinha emaltando o programma de sua fecunda directriz.

Dia a dia mais só confirma o axioma: de que os vivos sempre governados pelos mortos.

Anna Cesar.

16 de — 6 — 918. Ceará, Fortaleza.

\*\*\*

D. Maria Candida Monteiro é um espirito de elevação. Sem outro interesse mais que o de espousar a nossa causa, cooperando, na medida das suas forças, para a propagação das nossas idéas, trabalhou para a vulgarização da nossa revista. A saudosa fundadora da Revista Feminina tinha nessa distincta senhora uma das suas mais sinceras e dedicadas amigas.

Estancia, (Estado de Sergipe) 19 de Julho de 1918.

Ilmo. Sr. João Salles — S. Paulo

Em a «Revista Feminina», no numero de Junho findo, na competente pagina de honra, desparou-se-me a photographia de vossa terna esposa D. Virgínia de Souza Salles, insequivel e digna directora da «Revista Feminina».

Contemplei-a com sincero affecção e religiosa admiração. Mas... inflexivel fatalidade! Duas fitas negras que ornavam a pagina anterior, prenderam-me, sensivelmente, a attenção. Li... morta D. Virgínia de Souza Salles... a mulher de alma forte, de imaginação creadora e bemfazeja, a alma philantropica da Imprensa Feminina Brasileira. Ainda moça e formosa, foi-lhe cortado o fio da existencia! Mas... é assim mesmo... resignemo-nos, e, convosco, resigne-se a Imprensa Feminina Brasileira, porque a morte, não é senão a conclusão do mandato d'Aquelle que eternamente imperará sobre as nossas cabeças.

Aceitae, no triste luto de vossa vivez, a fiel condolencia de

Maria Candida Monteiro.

\*\*\*

Ocioso é enquerer o valor e o prestigio pessoal do conego sr. J. M. Lemerrier, secretario geral do bispado do Maranhão, tão conhecidos ao seu valor e ao seu prestigio. O conego Lemerrier, além do virtuoso sacerdote, é um fino amador das letras. É notoria a sua profunda cultura classica.

São do illustre sacerdote estas palavras que, commodivamente, publicamos:

Ilmo. Sr. João Salles.

Aceite o sr. os meus sinceros pezaes pela morte da sua exma. senhora. O F... e, em particular, a causa catholica perderam este grande auxilio. Um mesmo golpe que feriu a V. Exa. veiu, no dia seguinte, ferir o meu coração; na mesma hora tive a dor de ver expirar em meus braços o meu amigo e pae Sr. Bispo do Mara-

nhão, também apostolo e zeloso propagador da «Revista Feminina». Elles foram chamados para receber a recompensa dos esforços que empregaram para a salvação do Brasil e o seu levantamento moral.

Continuarei a ser o amigo da «Revista» e os meus fracos préstimos estarão ao seu dispor.

J. M. Lemeleter.

Parahyba do Norte, 1.º de Agosto de 1918.

Sr. João Salles.

Com os meus cumprimentos, apresento-vos os meus pezares pela morte de sua digna esposa, Exma. Sra. D. Virgínia Salles, competente directora que foi da «Revista Feminina», que neste município tem agradado imensamente a todos que tiveram a felicidade de assignar-a, e aquelles que não tendo assignantes, gozam, por intermédio dos amigos, de sua leitura.

Como seja o numero de Junho, o ultimo que ainda recebera a intelligente confecção da vossa saudosa esposa, e não tendo elle chegado ás minhas mãos, peço-lhe o obsequio de não remetterdes para que eu possa também guardal-o como lembrança, rendendo assim um preço de veneração a essa illustre patricia, digna por todos os titulos.

Peço me desculparde, se com este meu modo de proceder possa offender a sua susceptibilidade.

Patricio e Cro. Obto.

Jucenel Spinola.

São estas as expressões com que *O Nordeste*, e interessante e magnifico jornal que se publica em Moscóv, Rio Grande do Norte, se refere, no seu numero de 20 de Julho, á d. Virgínia de Souza Salles:

«A Revista Feminina e a Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles — Pela segunda vez, esta directa, tivemos o prazer de receber a mimosa «Revista Feminina», em cujas linhas só ha ensinamentos dignos de acolhimentos dos lares patrios, pela sublime energia irradiante dos seus conceitos que dizem sobre o caracter da mulher sempre docil e forte em todas as suas «hases, como um complemento do homem através desta existenci-a de luctas.

Este bello ideal realiado, de uma virtuosa mulher, acaba de sofrer um terrivel golpe na sua trajetória: falleceu a sua Directora, a Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles, no Sanatorio de Santa Catharina, ás 7,30 da manhã do ultimo dia de Maio.

Ao seu esposo, o Sr. João Salles, e aos seus collegas de trabalho, a expressão profunda de nosso sentir sincero.

Transcrevemos, como uma homenagem, pa do necrologio que sobre a illustre morta traz a «Revista Feminina», de Junho p. findo:

«A fatalidade cruel, atroz, despiadada acaba de roubar-nos, em poucos dias, a existencia, por multiplos motivos, preciosa, de nossa dedicada e carinhosa directora, D. Virgínia de Souza Salles, a fundadora e a alma desta nossa cruzada, o espirito lucido que nos guiava como um farol, a coragem decidida e abnegada que era nosso exemplo, e o coração! O grande, o enorme coração, todo bondade e virtude, que a fazia o idolo de todos quanto com ella temos dado o melhor de nossos esforços ao ideal para o qual ella nos conquistou, com essa palavra colorida e entusiasta que vencia todos os obstaculos... E com que saudades, e com que lagrimas retomamos hoje a penna, entrando nesta casa que parece, he subito vazia, não de uma só alma, mas da alma de toda uma legião com a qual Virgínia de Souza Salles animava a sua obra, a grande obra da Imprensa Feminina, levando a boa leitura a todos os lares e preparando o espirito da mulher brasileira para a nova era que se abre ao nosso sexo em todo o mundo!...»

Eis como *O Dia*, o excellente jornal que se publica nesta capital, sob a intelligente direcção do sr. dr. Oscar R. Tollens, se refere, em seu numero de 15 do passado, á nossa revista:

«Revista Feminina. (Anno 5.º, n. 51, agosto da 1918).— A bem leita revista, fundada pela saudosa escriptora, sra. d. Virgínia de Souza Salles e, actualmente, secretariada pela sra. d. Ave-lina de Souza Salles, com o numero de agosto, do corrente anno, que temos sobre a mesa, apenas veiu confirmar o justo renome que

tao proveitosa publicação já goza, nos nossos meios, principalmente familiares.

Collaborações selectas, esmeradamente cuidadas, bons «clichés», variada e interessante — com innumeras secções para senhoras — é a unica revista, no genero, no Brasil, que se impoz e cada vez, por isto mesmo, mais leitoras e leitores conquista. Gratos pela vista.»

O *Correio da Lavoura*, de Nova Iguaçu, é um dos orgãos mais interessantes e bem feitos que se publicam no Estado do Rio. O seu proprietario e director sr. Silvino de Azeredo, pela sua independencia e espirito combatiivo, conseguiu impôr o seu jornal, carregando para elle as sympathias geraes.

Estas são as palavras com que o *Correio da Lavoura*, em seu numero de 8 de Agosto, se refere á saudosa fundadora da nossa revista:

«Revista Feminina — Faltam expressões para dizer da fulguração de cerebros privilegiadas servidos por ferrea vontade. Como «logiar Beecher-Stow — uma das precursoras do levantamento intellectual da mulher deste seculo? Como precizar a levitação do espirito superior de Mme. de Staël, que mereceu a inimidade de Bonaparte pelas suas tendencias liberaes? Os ensinamentos e emoções que o leitor guarda dos bellos livros — A Cabana do Pai Thomaz e Da Alemanha — são, por certo, os encontros mais verdadeiros a esses dois grandes vultos femininos.

Aqui, Carmen Dolores é de hontem e Julia Lopes de hoje, não falando em tantas e tantas outras representantes do sexo frouxo, que têm provado de que luz benéfica e influencia extrema se aureola a mulher culta.

D. Virgínia de Souza Salles é um desses espiritos illuminados que devem ser comprehendidos em toda a extensão de sua obra. D. Virgínia de Souza representa exemplo eloquentissimo. Fundadora da «Revista Feminina», foi uma abnegada, uma combatiiva, uma reformadora, uma alma alerta aos largos ideaes trazidos á mulher no immenso theatro da vida.

Intellecual, não sem coller muitos louros do grande e bello sonho em realiação, foi precocemente arrebatada á sua extremosa familia e á mulher brasileira. A sua obra, entretanto, continúa e culmina, porque o seu exemplo deixou illustres continuadoras e intellectuaes paulistas. Deve S. Paulo orgulhar-se desta filha, dessa grande Iniciadora. Tentamos tão nobre e levantado em nenhum outro ponto do paiz esquecer-nos do brilho e a energia que lhe emprestou o talento fulgurante de D. Virgínia de Souza.

Cada pai, marido ou irmão deve levar para o lar a «Revista Feminina», porque dessa forma aproximará a filha, a esposa, a irmã, da grande Beneficora. Ao seio da familia levará a «Revista Feminina» inextinguíveis distracções e ensinamentos os mais uteis e necessarios.

O «Correio da Lavoura» envia ao grande orgão feminino votos de prosperidades incessantes.

O *Dia*, orgão da imprensa cathariense, é um dos mais importantes que se publicam naquelle adeantado e prospero Estado. No seu numero de 15 de Agosto refere-se, com expressões elogiosas, a esta revista e á obra da sua saudosa fundadora:

«Revista Feminina — O sr. Amadeu Beck, estabelecido á rua Felipe Schmidt com agencia de jornaes, teve a gentileza de nos offerecer um exemplar do n. 31, anno V da excellente «Revista Feminina», que vê a luz da publicidade na capital do adeantado Estado de S. Paulo, e da qual foi fundadora a sra. d. Virgínia de Souza Salles, fallecida a 31 de Maio ultimo.

O numero a que nos referimos, correspondente ao corrente mez, registra as innumeras manifestações de pezar que de toda a parte do Brasil recebeu a redacção da «Revista Feminina» pelo prematuro passamento da distincta jornalista paulista.

Entre as muitas e excellentes produções que abrilhantam as paginas da «Revista Feminina», encontramos um capitulo do livro «Heroinas do Brasil» do general Carlos de Campos e um bello conto — Ao cair da tarde — do major Miguel Tenório de Albuquerque.

Grande numero de gravuras, nitidamente impressas, ornão o texto, o que ainda mais recommenda o magnifico magazine paulista.

Agradecendo ao sr. Amadeu Beck a remessa da «Revista», aproveitamos o ensejo para testemunhar, embora tarde à redacção da mesma, o nosso sincero pesar pelo falecimento de d. Virgínia de Souza Salles, sua distincta fundadora.

O *Município*, excellentes jornal que se publica em S. João da Boa Vista, neste Estado, sob a intelligente e criteriosa direcção do professor sr. Michel Aoun, tratando do ultimo numero desta revista, usa destas expressões:

«Revista Feminina — Acabamos de receber o ultimo numero da bem feita «Revista Feminina» editada na Capital do Estado.

É uma obra verdadeiramente primorosa, traz uma variada collaboração litteraria exclusivamente feminina das melhores escriptoras brasileiras.

Esta esplendida revista foi fundada, desde 1913, por D. Virgínia de Souza Salles, reputada beletista fallecida em maio ultimo em S. Paulo.

Recommendamos a leitura da «Revista Feminina» ás nossas gentis e intelligentes leitoras, que nella encontrarão delicioso conforto intellectual.

Agradecemos a visita deste ultimo exemplar que enfeitou nossa redacção.

O *Porvir*, de Rio Preto, a cuja frente se acha o distincto jornalista sr. Adolpho Guimarães Corrêa, em seu numero de 14 de Agosto, refere-se, por esta fórma, á nossa revista:

«Revista Feminina — É a preciosa revista fundada pela saudosa Sra. D. Virgínia Salles e que alcançou lugar de destaque entre as publicações congêneres da capital, dada a feição intelligente, cuidada e atrahente que lhe soube imprimir aquella senhora.

Os numeros agora recebidos contém summario, que não desmerece das anteriores edições, e optimas gravuras.»

1) interessante semanario *A Comarca*, que vê a luz em S. Manuel, neste Estado, refere-se, na sua secção «Publicações», á nossa revista:

«Temos sobre a nossa mesa de trabalho, o numero 51 da bem impressa «Revista Feminina» que sob a competente direcção do sr. João Salles, se edita na Capital do Estado.

Rica de boa collaboração, a «Revista Feminina», fundada pela distincta e saudosa finada d. Virgínia de Souza Salles, é digna de ser lida e introduzida no seio das exmas. familias.»

Recebemos ainda outras cartas, muitas dellas referentes a assumptos que dizem respeito á administração desta revista, mas nas quaes se nos manifestam os mais expontaneos sentimentos de pesar pela morte da nossa querida companheira de trabalho. Neste numero damos publicidade ás seguintes:

Rio de Janeiro, 17—7—1918.

Ilmo. Sr. João Salles.

Saudações.

Não tendo recebido, com immenso pesar, o numero de Julho, do corrente anno, da apreciavel «Revista Feminina», desejava que me fosse remittido outro exemplar afim de não ser desfalçada a minha collecção.

Aproveito a oportunidade para apresentar os pezaes, embora tardios, pelo grande golpe que soffreu a «Revista Feminina» com o falecimento da distincta d. Virgínia de Souza Salles.

etc. etc.

Divúlia Pereira.

Agosto, 17—1918.

Exmo. Sr. João Salles.

Em Junho dirigi uma cartinha á saudosa e illustre senhora d. Virgínia Salles, endereçando um pedido, acompanhado da respecti-

va importancia. Não sabia eu ainda do seu fallecimento, pois ainda não havia chegado ao Recife esta infausta noticia tão dolorosamente sentida.

etc. etc.

Maria Candida Cavalcanti.

Barbacena, 16—7—1918.

Exmo. Sr. Director.

Cordeas saudações.

Por motivo do falecimento de vossa dignissima esposa e directora da «Revista Feminina», venho apresentar-vos os meus sinceros pezaes.

etc. etc.

Balbina E. Canedo.

Telegramma do tenente-coronel sr. Ernesto Cesar, commandante do 46.º de Caçadores:

Fortaleza

Só nesta data é que soubemos, pelo numero 49 da «Revista», d. Anna Cesar e eu da irreparavel perda da vossa digna esposa d. Virgínia de Souza Salles. Por tão infausto acontecimento apresentamos nossas condolencias sinceras á «Revista» e ao inconsolavel esposo.

Recebemos cartões de pezaes de mais as seguintes pessoas:

Dr. João Baptista do Amaral, Palmeiras; Virgínia Machado da Silveira, Alegrete (Rio Grande do Sul); Tranquillo Giannini, capital; Cavalieri Schifini, capital; Joaquim Antonio Godoy, Palmas, Estado do Paraná; Maria Eugenia Rabello, Manáos; Francisco do Espirito Santo, Villa Seabra, (Territorio do Acre); Anibal Leite, Goyaz; Maria de Paula Fleury Curado, Goyaz; Felicia Rodrigues Soares, Santa Maria, Rio Grande do Sul; Michelina Antonia Fiuza, Santo Antonio do Jesus, Bahia; Rodrigo Pereira Leite, Agua Limpa, Alagoas; Maria Stella Soares, Maranhão; Maria Flora de Jesus, Florianopolis; Augusta dos Reis, Pará; Dr. Teotonio de Menezes, Manáos; Israel Campos, Santo Angelo, Rio Grande do Sul; Floriano Augusto do Amaral, Itabora do Campo, Minas; Eugenia Santos Formoso, Barbacena, Minas; Thimoteo de Lago, Viçosa, Bahia; Balduino do Amaral, Bello Horizonte; Clotilde Soares de Mattos, Bello Horizonte; Isabel dos Anjos Machado, Ponte Nova, Minas; Joaquina Gonzaga Ribeiro, Maria Victoria Pires Caldas, Maria Diniz Freire e Mello, Fortaleza; Isabel Freire de Aguiar, Ouro Preto, Minas; Joanna Guimarães Passos, Uberaba, Minas; Dr. Astolpho Rezende Mattos, Bahia; Plinio Augusto das Chagas, Pará; Aline Mello Lins, Bahia; Guiomar Rodrigues dos Santos, Ribeirão Preto; Catharina Amaral Pires, Guaxupé, Minas; Camponesa Leal Pires, Maranhão; Irene Martins Muniz, Iguape; Virgilio Bandeira, Rio Grande do Norte; Coronel Miguel Faustino, Mossoró; Dr. Acrisio Bezerra, Acre; Viscondessa da Cunha Bueno, capital; Paulo Mazzoldi, capital; Condessa de Serra Negra, capital; Emilia Ferreira de Albuquerque, Brotas; Celsa Fernandes de Mello, Areia Branca, Rio Grande do Norte; Coronel Antonio Filinto das Chagas, Bahia; Claudionor de Moraes Saimento, Santos; Celuta Pereira Lima, Pelotas; Eugenia Maria da Graça, Florianopolis; Major Joaquim Pinto do Nascimento, Cachoeira, Bahia; Hermogene dos Santos Prado, Rio de Janeiro; Exmo. Sr. D. Aquino, Governador de Mato Grosso; Maria Furquim dos Santos, Pará; Honorina Pereira de Queiroz, Rezende, Estado do Rio; Dr. Reynoldo Americo de Abreu, Campos, Estado do Rio; Eglantina Passos, Aracaju; Dorothea Dias do Amaral, Recife; Glorinha de Menezes, Maranhão; Aurea Pires Forjaz, Tieté, Clara Amaral Torres, Pirajá; Antonietta Castro Pupo, Rio de Janeiro; Coronel Evaristo das Chagas, Manáos; Rogelio Pinto Trindade, S. Felix, Bahia; Eulalia Pires, Cajurú; Amalia Martins de Lemos, Don Pedro, Rio Grande do Sul; Petronilha Fiuza Neves, Pirassununga; Clotilde Pires Netto, Niteroy; Carmen Reys, Petropolis; Dr. Eduardo Pinto, Pará; Emilia Coutinho, Barbacena, Estado de Minas; Segismunda Xavier de Moraes, Campos, Estado do Rio; Ernestina de Queiroz, Maria da Gloria Soares, Eulalia Maria de Jesus, Noemi dos Reis, Melina Augusta Pinto, Chiquita Miranda, capital; Maria José Figueira, Bahia.



## LUIAR

Noite macta e calma. Estrellas pensativas,  
 Num sussurro de luz por sobre a paz terrena...  
 Vem na aragem, de longe, uns vagos sons de avena,  
 Confidencias subitís... secretas narratiuas...

A flora se retrae tal como a sensitiuas,  
 Ao contacto da sombra estellejada e amena.  
 Símete, aqui e alli, tímida fólha acena.  
 Adelgaçam-se no ar fragranças fugitiuas...

Todo o espaço é de onyx. No entanto, de repente,  
 Straphico pallor, abrindo uma clareira  
 Na treva, alastra o solo indefinidamente...

Ha um rumor matinal de passaros em festa...  
 Mas, desfeita a illusão, volta ao campo e á floresta  
 A calma... e sonha, á luz do luar, a terra inteira...

LUI CARLOS.

(Para Revista Feminina)

## PELO MUNDO

*Abre-se para os velhos uma nova era. Acaba de ser descoberto o elixir da longa vida. Teremos novos patriarchas de 150 a 200 annos, alcançando dois e tres gerações.*

A grande mortalidade de homens mocos na actual guerra, que orca por algumas dezenas de milhões — sendo que só na Russia as baixas da guerra elevaram-se a 18 milhões! — vai obrigar a velhice a voltar á actividade para o reequilibrio da vida social após a guerra. E pensa desde já em desenvolver os meios de activar a energia dos velhos, para que se possa contar com ella para o grande esforço que dallas vao ser exigido. E o segredo do rejuvenescimento parece descoberto, não na retorta do dr. Fausto, mas no laboratorio scientifico dos doutores modernos.

O espantallo da velhice vao, pois, cessar temporariamente, e os homens vão ter uma vida longa, que não se approximará por certo da longevidade dos patriarchas biblicos, mas que vao ser de cento e vinte e cinco e cinquenta annos, segundo nos noticia o dr. Julio Dantas, nas linhas seguintes:

A guerra produziu condições e oportunidades que permitem assegurar a longevidade humana. Os velhos, com os tecidos rejuvenescidos, poderão completar o seu cyclo vital e morrer, como pretendia Buffon, com cento e muitos annos. Está resolvido pela guerra o mais impressionante de todos os problemas da orthobiologia. Como? Com o elixir d'ouro de Roger Bacon, com o grial philosophal do hyacintho Telesmusin, com o sirmaismo dos Pharaós, com os conselhos de Luigi Comaro, com as fantasmas de Hoffmann, com os fermentos lacticos de Metchnikoff? Não. Apenas com polpas frescas

de orgãos e de tecidos humanos, pelo mechanismo da acção dos séros hemolyticos. Injectando-se num cavallo sangue humano, o soro sanguineo do animal preparado adquire a propriedade de dissolver, de destruir os globulos do sangue do homem, e, em quantidades mínimas tal qual como a digitalina para o coração, a propriedade contraria para os revigorar. O mesmo que se dá com os globulos do sangue, dá-se com os elementos nobres de todos os nossos tecidos e orgãos — cellulina cerebraes, cardiacas, hepaticas, renaes — que, introduzidas na circulação de um animal qualquer, provocam a formação dum *embocaptor*, dum anticorpo especifico destruidor (ou, em doses mínimas, revigorador) do cerebro, do coração, do figado, do rim do homem, isto é, a produção dum soro capaz de prolongar a vida humana. Por que não se tinha preparado ainda esse soro? Porque, não sendo facil tirar do corpo humano vivo pedaços de orgãos, pelo menos com a simplicidade com que se lhe tiram centímetros cubicos de sangue, e não se encontrando tecidos sãos em cadáveres, a não ser na hypothese de morte violenta de organimos moços e vigorosos, e immediatamente *post mortem*, — só uma grande carificiência, como a guerra actual, poderia fornecer materias-primas frescas e abundantes para a fabricação de um soro regenerador da velhice. Em conclusão: a vida dos velhos será prolongada; e teremos novos patriarchas.

E como é a experiencia dos velhos que conforma e melhora a vida, é de esperar que a nova geração, a que vao surgir amanhã e que vao ser longamente guiada por avós e bisavós, traga para a humanidade um pouco menos de desequilibrio e de loucura...

*Ha processos modernos de fazer perolas artificiaes tão perfectas, que*

*os populos conhedores não as distinguem. Quem sabe si não é falsa uma das nossas perolas?*

Acaba de ser julgado em ultima instancia em Paris um curioso processo de falsificação de perolas, iniciado em 1913 contra os individuos Altischmier, Harbous (bessileiro ou portuguez?) e o indiano W... e foram condemnado a seis mezes de prisão e a uma multa pecuniaria.

Dos autos, ficou apurado que Wama collecta um meio de melhorar perolas da America, tendo estado incumbido de polir a perola em questão, apagar-lhe as manchas e lhe dar maior vivacidade no brilho.

A operação consistia na immersão da perola em um banho de coloido com acetato de amido que lhe mudava a cor de origem — o tom branco-matte das perolas da America — dando-lhe a cor amarelada das do Oriente, muito mais valiosas.

Nestas condições foi preparada uma perola que foi vendida por 250,000 fr., ou seja, 120,000\$200, mais ou menos em nossa moeda... Vejamos lá si vale mais a pena andar de escappandras procurando perolas verdadeiras... A imitação era tão perfeita que os grandes joalheiros Tiffany, Cartier e Boucheron, os melhores peritos de joias em Paris, deram a perola como verdadeira.

E a mystificação só foi descoberta por puro acaso, acaso este que veio indicar qual o meio de ser ella re-ochada.

Assim as nossas leitoras que possuem perolas de preço poderoso verificar desde logo si ellas são verdadeiras immerdando-as em alcool a 40° por algumas horas.

A experiencia é decisiva, mas não accretar com a perla de uma illusão, a perda de alguns contos de réis, do valor da perola enquanto se não descobrir que ella é falsa... E há tanta coisa na vida que é preferível ignorar-se.

## O HEROE

Foi nos dias turbulentos e inolvidáveis de Maio, a Itália inteira, a Itália maternal tremia, inquieta, como nas ancias supremas do parto. Que caminho escolher? A hora do seu renascimento ou da sua morte havia soado. Todos os olhares cravavam-se avidamente no porvir escuro... Foi quando o verbo de fogo de Gabriel D'Annunzio ateou o rastilho patriótico, que se fez chamma em todos os corações. Tinha sido lançada a sorte... E a Itália entrou na guerra.

O mesmo carterio entregou a Gabriel Sachetti a ordem de incorporar-se á fileira e a carta da sua noiva, que, de Civitavecchia, o encorajava para os momentos decisivos, lhe jurava que o esperaria se marchasse para a fronteira, sem lhe occultar, entretanto, a magua que a invadia, a angustia que lhe enchia o coração amoroso, estrangulado de dor ante a perspectiva sombria de uma ausencia talvez definitiva.

O artista esperava, a cada momento, aquellas noticias; emtanto, quando terminou a leitura do aviso official que reclamava a sua presença, a cabeça de Gabriel, perdida a arrogancia, abateu sobre o peito, annuviou-se-lhe a physionomia e a sua imaginação transportou-se para a «villa» onde a sua prometida tragava, áquella hora, a taça amarga da separação. De Civitavecchia a sua imaginação, em vôo suave, transportou-se para Milão, e alli se deteve, como de costume, no «Scala», Meca dos fervores de sua alma, crente na religião universal e eterna da arte, a Cólchida sonhada, onde, apezar da distancia, elle entrevia o vellocino de ouro da riqueza e da fama. Pensou em seus dois amores, na noiva e na gloria; na sua juventude, que vivia risonha sob tão bellos auspícios; pensou na vida, cheia de promessas e de encantos, esperando-o como uma virgem que se entrega... e por alguns instantes, ante a idéa de partir e de não voltar, teve medo.

A noite já tinha descido, clara e enlurada, sobre

a Cidade Eterna. Da rua chegavam-lhe aos ouvidos os gritos insistentes, freneticos, dos vendedores de jornaes. Esses gritos não lhe pareceram, naquella noite, inspirados apenas pelo lumide afan mercantil, que impõe despatchar depressa os diários, ainda frescos de tinta. Esses prégões acudiram o animo abatido do baritono, do

futuro artista ainda desconhecido, incitando-o a pôr a ultima clausula no testamento espiritual pouco antes começado. Nessa clausula, Gabriel Sachetti, relegando para o segundo plano todas as suas affeições, sacrificava, sem titubear, sua vida pela unidade italiana, pela rede m p c a o do Trentino, pela Patria, sentimento latente, que existia em seu coração desde a mais tenra idade, embora outros ideaes mais proximos e accessiveis o houvessem mantido occulto até então. Elle proprio, mais de uma vez, o havia dissimulado, chegando a negal-o em publico, com esse inconsciente pudor com que nós, os homens, escondemos a curiosidade alheia as mais puras volições do nosso espirito.

Não havia tempo a perder. Poz em ordem os seus papeis, seus livros, e seus objectos de arte, seus retratos e roupas, tendo decidido deixar tudo aquillo sob a guarda fiscalis-

sadora da sua amada. Enquanto executava a tarefa, a lua tinha invadido a sua «garçonnière», poetisando, com sua luz suave, a desordem da habitação por largo tempo occupada e que o seu morador é obrigado a abandonar talvez para sempre.

Antes de partir, Gabriel debruçou-se pela ultima vez ao balcão, saudou ceremoniosamente a lua, como se se despedisse de uma bella vizinha, e sahiu.

Naquella mesma noite os seus futuros sogros o convidaram a ceiar em Civitavecchia, ao lado da sua noiva, que o contemplava, enamorada e triste, atravez das suas lagrimas interminaveis.



Ao despedir-se, apertou contra o peito a cabeça da sua noiva, que desatou em soluços...

Tres socios faltaram ao «Conclave». Tinham sido mobilizados precipitadamente, não lhes restando tempo para acudir á reunião que regularmente, todas as noites, se realisava num salãozinho íntimo, familiar, proprio para as palestras phantásticas de arte e para as fraternidades ideologicas, no antigo café do Quirinal, em Roma. Exceptuados dois ou tres amigos, meros espectadores da Belleza, todos eram artistas. Todos aquelles rapazes estavam naquella idade ditosa em que, fechada ainda a caixa de Pandora, cada um, cheio de fé, se cuidava possuidor da Verdade, senhor do Triumpho e conquistador do Futuro...

Gabriel Sachetti era, por sua condição excepcionalíssima de cantor, o «menino de ouro» do cenaculo. Poetas, pintores e philosophos attendiam, de preferência, ao futuro subjugador de publicos, como se tratassem com um irmãozinho ou com um querido convalescente. Se sa abria uma janella e elle tossia, todos se apressavam a fechar-a de novo; se um dos rapazes, ao accender um cigarro, observava nelle um gesto de aborrecimento ou de repulsa, atirava-o logo para fóra, reprimindo o seu vicio para satisfazer-o em outra occasião. Gostavam de beber largamente os vinhos do paiz, de Falerno, Chio, de Sorrento, e, ás vezes, generosos licores das vinhas de França e da Hespanha. Para elle, de natureza delicada, a despeito da sua corpulencia, todos quantos o rodeavam tinham o cuidado de pedir um refresco assucarado de laranja ou aconselhar-lhe uma bebida inocua. Era preciso preservar contra qualquer accidente aquellas preciosas faculdades, aquella garganta. Era tão grande o affecto, o carinho que aquelles rapazes tinham por Sachetti, que, toda vez que, em meio ás discussões acaloradas, ás controversias promptas, aos elogios e censuras, percebiam que elle, distraído, iniciava, *sotto voce*, uma aria ou uma romanza de opera, tratavam logo de calar-se, impondo silencio aos demais. E era um silencio em torno d'elle, um silencio recolhido, para não interromper as suas phrases musicas, no desejo que elle erguesse mais a voz, fazendo-a vibrar, clara e sonora, no pequeno salão.

Gabriel Sachetti, por tradição de familia e por natureza, era dotado de uma voz nobilíssima. Hercules deralhe a força; Apollo, a harmonia graciosa das suas linhas, e Cupido, a habilidade de ferir corações. A Sorte, que se apraz, ás vezes, em aperfeiçoar as suas obras, para que a sua felicidade fosse perfeita, deu-lhe a posse da herança invejavel, ungiundo-o artista, e cercando-o, prodiga de favores, de uma aureola de sympathy. Era, numa palavra, o predestinado para o triumpho, o eleito da gloria.

Aquella noite, mais que nas outras, o nome de

Gabriel era o assumpto absorvente de todas as palestras, o alvo de todas as curiosidades, naquella salinha do café do Quirinal, onde, como de costume, estavam reunidos os socios do cenaculo que constituíam o «Conclave» diário. A chamma patriótica estava accessa no alma de todos. Dois companheiros faltavam. Tinham-se reunido aos seus respectivos regimentos. Os que ainda não tinham sido solicitados pela mãe patria, mas que a compaixão que lhes inspiravam os seus amigos pelos rigores que a guerra lhes reservava, sentiam a inveja, essa inveja generosa dos que se preparavam para a lucta



Gabriel caminhava ao lado do velho garçon.

Firenzuola, o musico — o íntimo de Sachetti, collega de profissão e irmão pelo temperamento — entrou, já tarde, no Conclave, com as ultimas noticias. Um grupo de patriotas, cheio do mais justo odio, sabendo que havia sido descobertos uns espias tudescos, dirigia-se, naquella momento, á Embaixada Imperial, decidido, em seu cego furor, a converter o edificio, onde, pouco antes tremulava a bandeira inimiga, em pasto da sua sagrada coera.

— E Sachetti? que sabes d'elle?

— Vi-o em caminho da estação. Foi despedirse da sua noiva. Logo pela manhã incorporou-se ao 9.º de bersaglieri e partiu para a frenteira.

— Ditoso rapaz! Elle vai ser dos primeiros.

E todos sentiam inveja daquella ventura.

— Que sorte! Vai bater-se como um bravo. Tem uma força e uma coragem...

— Nem se fale. Não haverá no regimento muitos que o egualam.

— No regimento, como em toda a parte. É um typo de excepção.

Os seus camaradas imaginam-n'o já com o seu airoso uniforme de caçador alpino, cantando sob a metralha e expondo a pontaria inimiga a pluma audaciosa da sua gorra. E invejavam-n'o, cheios de impaciencia. Gabriele Sachetti era, sem duvida nenhuma, um homem afortunado, um predestinado.

Frequentemente os comunicados officiaes, a im-

prensa e uma ou outra correspondencia postal levavam aos frequentadores do Conclave, que ainda permaneciam em Roma, noticias dos expedicionarios. Um d'elles foi ferido a 4 de Julho, em Montfalcone. Outro, por sua pobreza, por sua condição de namorado não correspondido, por seu absoluto desprezo pela vida, ou pela ansia de divorciar-se della, buscava, em vão, a morte, tomando a dianteira nos assaltos e a iniciativa nos combates corpo a corpo. Assistiu ás acções mais sangrentas, sahindo inclúmpe. Gabriel, por seu turno, peijou em Gradisca, participou com os denodados caçadores do seu regimento a gloria da occupação do Carso; atravessou, ebrio de triumpho, o Isonzo, como se fosse

a Italia inteira que penetrasse com elle em territorio austriaco; por ultimo, cahiu ferido gravemente, mas heroicamente, em Radipuglia, no dia 24 de Julho. Após os primeiros curativos, feitos com precipitação no proprio logar da batalha, o baritono foi transportado para Uline.

Pelas manhãs, na ampla sala do hospital, Gabriel e outros compatriotas que, com elle, tinham cahido em frente do inimigo secular, esperavam uns, a cura das suas feridas, ou resignaram-se, outros, á morte que os aguardava. O maior consolo para aquelles primeiros heróes da guerra era a correspondencia familiar, muito maior que os caldos e medicamentos. Sacchetti foi, durante aquella forçada demora no hospital, dos que mais demonstrações de affecto recebiam por parte dos seus companheiros, das pessoas queridas de quem a guerra o tinha separado. De Civita-Vecchia, onde a sua noiva chorava, desconsolada, a pena de sabel-o ferido, de Roma, onde residiam os seus melhores amigos, da sua cidade natal recebia o artista cartas extremecidas, que lhe alentavam a esperança e lhe minoravam as dores.

Depois de duas semanas, até o seu obstinado silencio, os seus amigos, que lhe escreviam assiduamente, começaram a resentir-se por sua indifferença, mostrando-se mais avido por saber noticias delle. Por fim, depois de tanta censura que recebia, de tantas recriminações pelo seu ingrato silencio, respondeu o ferido a todos em cartas laconicas, excusando-se ambiguamente por não ser mais explicito, pretextando, para isso, a licença proxima que lhe dava liberdade de repatriar-se a Roma, como ferido. As suas proprias expressões, além de laconicas, não eram claras. O que, porém, consolava a todos era a noticia do seu accesso a official por merito de bravura. Na carta que dirigia aos seus collegas romanos rogava-lhes que o esperassem no salõesinho onde se realisavam os cenáculos diários. Elle ia para Civita-Vecchia; mas, logo que lhe permitisse o seu estado de saúde, apresentar-se-ia no Conclave, como nos dias saudosos da paz.

A necessidade de commentar, com inflamado animo, o victorioso avanço das armas italianas em territorio inimigo, havia reunido, naquella noite, na salinha destinada ao Conclave, maior numero de artistas. Como sempre, a recordação do baritono ferido fluctuava nas palavras de todos. Os amigos, cada vez mais impacientes por vel-o, por ouvir dos seus labios a narração das façanhas, as suas impressões palpitantes, vividas, da frente, pensavam já em emprender um passeio á cidade proxima, onde o cuidavam 'feliz entre os amores cuidados da sua prometida.

Depois de uma larga e vibrante discussão sobre estrategia, em que todos, com equal enthusiasmo, se mostravam entendidos, os rapazes calaram-se por alguns momentos. Os ruidos do café, do salão grande que dava para a rua, chegavam, claros e distinctos, ao pequeno salão, destinado, pelo dono do estabelecimento, para reunião de artistas e homens de letras. O choque secco e monotono das bolas de bilhar e o pesado golpe

do taco no soalho do pavimento, no amplo salão do andar superior; e, em baixo, o tinar metalico das colheres, o rumor crystallino dos copos e o espoucar das roldas que se sacam: uma palavra mais alta em meio á conversação, uma porta que se abre, um freguez que reclamava, o arrastar de uma cadeira... entre todo este incessante ir e vir os artistas percebiam claramente o rumor de uns passos que se approximavam. Não era, por certo, o audaz, resolutivo e rythmico andar do baritono official dos *benagliaiti*. Os outros dois soldados, socios do Conclave, permaneciam na fronteira. Não era tambem o passo do velho *garçon*, lento, medido, mesmo quando queria ser apressado, passo, que produzia, no sólo, um rumor arrastado de pés que se fatigaram em trinta annos de trabalho assiduo. Quem podia ser a pessoa, que, a passos vagarosos, desiguaes, avançava em direcção ao salõesinho, atravez do corredor discreto e mal illuminado? Levantando-se, os rapazes dirigiram-se, curiosos, para a porta, a ver quem era o intruso. Uma aclamação unanime, de asombro, de alegria, de surpresa, de admiracão, de pena, acolheu a chegada de Gabriel Sacchetti. Sua cabeça sua tinha uma nobre expressão de dor; sobre o seu peito, curvado para a frente, brilhavam duas condecorações, premios dos primeiros encontros; nas mangas da farda destacavam-se os galões de primeiro tenente; sua mão esquerda, da qual pendia, ao longo do corpo, o amplo chapéo de aba larga enfeitada de plumas, apoiava-se num grosso bastão; sob o braço direito a pesada maleta o firmava na posição vertical. A perna direita tinha sido amputada acima do joelho, pelo cirurgião, no hospital de Uline.

— E's um valente!

— Vem cá, heróe! Deixa que te apace!

— Viva a Italia!

Com fraternal effusão, os amigos acotovelavam-se na ancia de abraçá-lo, apertavam-se contra elle, aclamavam-no, alegres, ruidosos, satisfeitos por tel-o, emfim, entre os braços, e, sobretudo, embriagados na gloria que a sua dolorosa figura irradiava.

Quando Frenzuola, o musico, o amigo predilecto de Gabriel Sacchetti, poud chegar até elle para abraçá-lo, apertá-lo contra o peito, o heróe, deixando pender a cabeça sobre o hombro do doce camarada, que o recebia triste, abatido, silencioso, murmurou-lhe ao ouvido, em voz baixa, quasi imperceptivel:

— Tu! só tu me comprehendes!

As vozes de triumpho des demais soavam em sua alma, coxa e truncada como a sua perna, semelhantes ao epitaphio de uma vida. O velho e tardo *garçon* acabava de entrar, empunhando varias garrafas de champagne para sollemnizar o regresso do *benagliaite*.

— Vaes beber esta vez, por excepção, nem que seja por excepção, pela gloria da Italia e da França...

— Esta vez... Agora posso beber sempre! disse, mostrando o seu corpo mutilado, enquanto, com a mão esquerda, erguia a taça rutilante: E bebeu, tristemente, á sua gloria!

J. G. Olmedilla.

### Conselhos medicos

As aguas de Carlsbad, por suas virtudes curativas, agindo directamente sobre o estomago, fígado e intestinos, ganharam, como era de ver, uma grande reputação. Mas nem todas as pessoas que soffrem desses organos têm meios bastantes para se transportar até á provincia da Bohemia, na Austria, para tirar proveito daquellas fontes. Para obviar esse inconveniente, o sr. Francisco Giffoni, que, seja dito de pas agem, é um dos mais notáveis chimicos pharmaceuticos do pais, conseguiu um preparado, conhecido em nossas pharmacies pelo nome de «Sal de Carlsbad», que tem as mesmas propriedades therapeuticas do sal obtido por evaporação da agua dessa fonte, e, tambem, a mesma composição. Em muitos paizes

da Europa, notadamente na Inglaterra e Alemanha, se usam, de ha muito, os sais artificiaes dessa fonte e de outros, graças ao conhecimento exacto que a analyse chimica fornece da sua constituição.

Para dar uma prova do valor de tão uteis e commodos agentes medicamentosos, basta advertir que Nothnagel e Rossbach, professores nas Universidades de Vienna e Iena, recommendam o sal artificial de Carlsbad.

O Sal de Carlsbad obtido pelo sr. Giffoni recommenda-se ainda pela sua effervescencia. Ao contacto da agua, elle desenvolve o acido carbonico, que, quando introduzido no tubo digestivo, em solução, activa as secreções do estomago e do intestino, o que o torna agradável ao paladar.

As nossas leitoras que soffrem de affec-

ções do estomago, fígado e intestinos, como gastro-enterites, ulceras no estomago, catarrho gastrico chronico, prisão de ventre, indigestões, hepaticas, ou, ainda, gota, diabetes obesa de, aconselhamos esse sal pela sua extraordinaria efficaçia.

Podemos annunciar ás nossas leitoras que, com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PETALINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o mundo o que dá ao cabellito uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azeviche. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10.000, inclusive 500 reis para a despesa do correio e dirigidos á redacção da Revista Feminina.

## O 'ROCHEDO DE SISYPHO



*A's leitoras pouco entendidas em coisas mythologicas pode passar despercebida a razao do titulo dado e este conto. Sisypho era filho de Eolo e rei de Corintho. Foi mau filho e governou cruelmente o seu povo. Enríqueceu á custa de rapinas. Foi condemnado, depois de morrer, a rolar, nos infernos, uma enorme pedra até ao alto de uma montanha. Toda vez que elle chegava á cima, a pedra tornava immediatamente a cair. O 'rochedo de Sisypho' representa, pois, o symbolo de um trabalho extenuante, nunca terminado e sempre reconhecado.*

— Foi um presente de Jacintho Benevente, que me deu hontem. á noite, ao felicitar-me pela meu exito, disse o poeta, emquanto, com os olhos semicerrados de gozo, chupava o longo charuto.

Em seguida procurou com os olhos um logar onde pudesse quebrar a cinza.

— Não te rales, João, não temos cinzeiro, exclamou a esposa com a voz triste das grandes resignações.

— Tudo se ha de fazer, ha de chegar o dia, atalhou o poeta. «Ha de chegar o teu dia!» Foi esta a phrase com que, hontem, o Fernando Monteiro me deu os parabens. Fernando Monteiro tem já os seus cincoenta annos, muitissimo talento e ainda não conseguiu estreitar. Vê tu como são as coisas! Verdade é que elle é um pensador, um philosopho . . .

Continuou a fumar. O aromatico havano, que elle mantinha entre os labios, fazia um contraste com aquelle interior pobre, na vizinhança das mansardas. Na toalha, que cobria a mesa cheia

de remendos e poida em muitos sitios, destacaram-se as manchas violaceas e pardas de vinho e de café. As vasilhas, de louça baratas eram desapparelhadas. Nas paredes, uns desenhos a lapis e a carvão — bonecos disparatados que os filhos do poeta traçaram com má travessa — interrompiam a brancura duvidosa da cal velha.

A mulher contemplava o marido com os seus olhos profundos e humidos, onde se lia a admiração inconsciente e o amor infinito.

Era esse olhar humido dos cães fieis, que sabem bem o que é a ternura e desconhecem o que é a razão. Ella já tinha dobrado o cabo dos trinta annos. Tornara-se gordalhufa e estava deformada pela maternidade. Tinha aquella pallidez da cêra das pessoas que padeceram longos captivos, longe da luz do sol.

— Quando te dispões a assistir á minha peça? pergantou o poeta, levantando-se.

— Mas eu já a conheço, já te ouvi ler tantas vezes! respondeu ella. Mas olha, qualquer dia, sabes? quando eu não tiver nada que fazer, irei de boa vontade. Para a outra semana irei sem falta.

— Pois está bem. Pedirei ao bilheteiro que dobre duas cadeiras, na segunda fila.

E sem querer despedir-se das creanças, para não as despertar, beijou a mulher, com um beijo que tinha mais de affecto fraternal que de amor, e mais de habito que de affecto fraternal. Limpou o chapéu de feltro com a manga do casaco, vestiu o sobretudo e sahiu.

João era vaidoso e ingenho, excessivamente sonhador e bom. Uma ambição d'arte arrancou-o da sua provincia e arrastou-o á capital. Na capital ia vivendo, ou, melhor, ia morrendo, mas collocando sempre as suas rimas sonoras e deixando ouvir, nos cenáculos litterarios, o seu verbo eloquente, demolidor implacavel de tudo que cheirava á rotina e á velharia.

— A mocidade deve ter um ideal, exclamava, arregalando os olhos, e deve ser sincera, violenta, iconoclasta.

Com semelhantes theorias, como é de ver, difficilmente conseguia collocar, nos jornaes, as suas collaborações, mesmo as gratuitas, por-

que o meio, habituado ao elogio mutuo e a incensar os medalhões, recebia com desconfiança essa litteratura de combate.

Soffreu muito. Mas o soffrimento não obstruía a que continuasse a tecer os seus versos e a urdir os seus dramas e comédias, que lia nos cafés, aos camaradas.

Depois do exito de um punhado de sonetos de amor, publicados num periodico illustrado, em certo momento de exaltação romantica e fé ingenua, decidiu casar-se com a noiva dos seus vinte

annos sentimentaes, e voltou ao seu rincão provinciano, onde se casou, sem outros recursos que algumas centenas de mil réis. Para tentar a vida, contava elle, pois, com o dote da mulher, que foi dissipado em pouco tempo, e com a ardente ambição de autor dramatico. E assim, pela vida adiante, foi elle desliando, a frequentar os bastidores dos theatros suburbanos, sempre a empunhar as suas peças, que poucos queriam ler e nenhuma empreza queria montar.

Nunca quiz ouvir conelhos em questões de arte. Era allivo e irreductivel em suas opinões. Muitos collegas mais novos, que elle,

na sua vaidade, cuidava inferiores e faltos de talentos, tinham alcançado uma reputação, tinham os seus leitores e o seu publico. Mas elle mantinha-se inflexivel, voluntarioso. Tinha o heroismo de perseverar com o ardor de um illuminado e a paciencia de um beneditino. Os seus sogros, na provincia, sabedores da sua situação e da luta em que se empenhava para viver, tinham-lhe offerecido, com um carinho sincero, hospitalidade. Naquelle rincão da sua provincia vivia-se em paz. Lá iam vivendo perfeitamente, o Pedro, o Ramiro, o Gonçalves, sem inquietações nem vigilias, parasitando na vida por meio da recommendação, da intriga, da "cavacção", nos empreguinhos publicos ou no serviço da Justiça.

Elle, não. Elle havia lutado, havia vencido a sua vida, uma vida intensa, toda erigida de obstaculos e desesperos quotidianos, mas toda florecida de esperanças eternas. E tinha estreado na capital, num dos melhores periodicos, com um punhado de sonetos! elle! com que desdenhos, com que superior piedade se lembrava agora dos Pedros, dos Ramiros, dos Gonçalves, futuros chefes de aldeia, sem ideal, sem poesia, engordando á sombra das arvores dos logarejos, onde a graça melada e rude das donzellinhas rusticas e a pasmada mada-



YZQUIERDO OVIŁÁN



# A cooperação feminina na guerra

Transcrevem-se, a seguir, a correspondência enviada de Paris, aos nossos colegas do Correio da Manhã, do Rio, pelo brilhante escriptor francez Victor Marguerite, e que dá bem nítida idéa do terribel momento social: Na sua chronica Victor Marguerite salienta a importancia da acção feminina, concluindo que não tardará que a França, seguindo o exemplo da Inglaterra, lhe conceda o direito do voto, chamando-a assim aos seus cargos de administração pública.

Juldamos as brasileiras sobre as linhas que vão ler, e veráo que não podemos perder o momento de reivindicar para o nosso sexo, no Brasil, os mesmos direitos que começaram a ser assegurados á mulher europeia. A Revista Feminina, a primeira publicação de rotine da mulher brasileira, tem nas linhas que se vão ler a mais ampla justificacáo de sua opportunidade. As senhoras brasileiras devem, pois, amparar e propagar a como o primeiro nucleo de cristalizaçáo dos ideos feministas brasileiros.

O sauguiamento da obscura selvageria para as forças novas. O escriptor francez, do futuro se assombrário do-tido, ella imprimita a certas causas justas. Exemplo: a emancipação.

A mulher europeia compra presentemente sua independencia pelo trabalho e pelo soffrimento. Em quatro annos de angustia ella espera a volta — as mais-das vezes sempre retardada — do marido, do filho do morto. Quatro annos a chorar no lar devastado, mas todo seu empenho consagrado a este unico desejo: a victoria e a paz.

Em todos os paizes, entretanto, tem-se visto que a mulher toma na guerra, indirecta mas eficazmente a parte a mais activa. Compreendeu que seu esforço era necessario, não a si propria nem á sua familia sómente, mas a seu paiz. Necessidade que se impõe, sentimento que é commum a todos os belligerantes. As mulheres porém, dos paizes alliados — França, Inglaterra, Italia — mais as animas o sentimento de que combatem, não por ellas exclusivamente, nem só por sua patria, mas por uma causa mais nobre e mais elevada: a liberdade dos individuos e dos povos, a realisação do mundo de maior bem estar e felicidade, o futuro, enfim, da humanidade.

E entregaram-se ao trabalho corajosamente. Vendo abandonado o campo em que scintillava, em milhares de outro, a sear, a camponesa de França curvou-se sobre a gleba. Auxiliada pelas velhas, pelos meninos, por alguns, muito poucos, homens validos que ficaram na aldeia, ella ceifou o trigo, amontou-o bateu-o com o feno, fabricou manteiga, levou os productos ao mercado. Regem, não raro em bellas condições, turnas de operarias agricolas. Viseu ella até dirigindo machinas novas de manejo rude. E no anno seguinte, nos annos seguintes, prosseguiu na mesma faina com a mesma coragem. Esperava certamente, o fim da guerra, e a volta do marido ou dos filhos: a guerra continuava e a França pôde assegurar o approvisionamento multiplicando, que a França pôde assegurar o approvisionamento dos seus exercitos e o abastecimento de sua população.

Já antes da guerra, a camponesa de França não trabalhava a suor de sua fronte para arrancar ao solo, muitas vezes ingrato, o pão de cada dia. Em tempo de guerra, para a mulher só, sem companhia, agravou-se a pena, e com os nossos soldados, participa ella da admiracáo do mundo. Quando a nossa alliada, a Inglaterra, instituiu o serviço obrigatorio e desertando os campos, quiz, ainda assim, manter, no mais alto nível, a producção agricola do paiz, foi para as mulheres que naturalmente applicou, e foi o exemplo das francezas que lhes propoz. Foi enviada á França uma missão para estudar a actividade feminina em nossos campos, missão que daqui voltou maravilhada. E dirigiu as principais sociedades femininas inglesas os mais ardentes apellidos a suas concidadãs: "Deixae a casa para manejar o arado e o arado." E o governador a encarecer: "Toda mulher que trabalha, em tempo de guerra, na agricultura, serve o seu paiz quanto o homem que combate nas trincheiras ou no mar." As senhoras da aristocracia, ainda tão bem ouvidas na

ello, que desencadeou sobre o mundo do passado, trabalhos ás vezes. Sem chegar até a falar, como um dos seus productos agricolas. Desde 1915, mais de 110.000 mulheres trabalharam nos campos ingleses.

Nenhuma novidade, entretanto, no trabalho agricola feminino. Já antes da guerra, por necessidade natural, ella atrahia milhões de energias. Muito mais surpreendente, admiravel, é a extraordinaria, a prodigiosa erupção da mão d'obra feminina na transformacáo das multiplicas industrias de paz e de guerra. Ao tempo em que mais de sete milhões de homens estavam em tempo de guerra, mais de sete milhões de mulheres assumiram o seu

trabalho, não admiradas, dão o exemplo, empunhando o rastão e o batedouro. Conduzem a charrete, atreladas a cavallos, empunham seus auxilios e a mais brilhante sociedade para a exposicáo dos seus productos agricolas. Desde 1915, mais de 110.000 mulheres trabalharam nos campos ingleses.

Nenhuma novidade, entretanto, no trabalho agricola feminino. Já antes da guerra, por necessidade natural, ella atrahia milhões de energias. Muito mais surpreendente, admiravel, é a extraordinaria, a prodigiosa erupção da mão d'obra feminina na transformacáo das multiplicas industrias de paz e de guerra. Ao tempo em que mais de sete milhões de homens estavam em tempo de guerra, mais de sete milhões de mulheres assumiram o seu



Mulheres numa granja agricola substituindo os homens na colheita (Inglaterra).

Inhara na luta contra a materia. E ellas tornam-se, em criticas obuzes, enchem granadas, temperam o aço das espingardas. Manejam até enormes projectis de 151 e conduzem as pontes que se movem sobre as catacumbas do metal em fusão. Mas, para acollher a mulher, a usina de guerra teve que se transformar. Por toda parte machinas, machinas novas destinadas ao trabalho della. (Quasi em toda a fabrica o poder da machina substituiu o vigor humano. E a entrada da mulher, na usina de guerra, parece, no meio do cataclysmo, a luz de uma aurora annunciadora de tempo em que o homem, dominando o elemento, produzirá seu esforço.)

Caminhos de ferro, banco, grandes casas de commercio, a propria organizacáo militar, suscitaram egualmente o esforço feminino. Por toda a parte, a mulher, até em um redutor de pregos subalternos e a salarios de fome, mostrou-se, como confessou e proclamou camaradas e patrões, na altura de seus ingrats missáo. A sua boa vontade, ductibilidade, facilidade de adaptacáo, paciencia, resistencia mesmo — resistencia que não se quebra no do sexo fraco — merebaram a admiracáo de todos. Obrigam a reconhecer, conforme a expressáo de Voltaire, que "as mulheres são capazes de tudo e que os homens o são". Não substituiram tambem os funcionarios nas administracões publicas, sobretudo nas municipalities, não ensinam rapazes nas escolas e creches? Já não se vê, depois da mulher operaria, a mulher engenheira? E ministros não as chamam para chefes de seus gabinetes?

Eis a mulher a penetrar na arena politica, na qual, até hoje só os homens combateram. Alcançará ella seu divel e seu trabalho de pouco tempo, em França — como já obteve na Inglaterra — o direito de voto, recompensa de seus serviços e pronuncio de bellas reformas para o mundo futuro.

VICTOR MARGUE R

## CARTAS DO RIO

Chacara de Jaquira, (Cosme Velho) :5 de agosto.

II

Senhora dona Rosa Pudica

O assumpto desta carta, referindo-se ao theatro Municipal e ao *sieur* André Brulé, comico enviado de França, vae-me ser difficil de escaurçar aos olhos castos de V. Ex... porque, positivamente, em sua integra é assumpto de leitura para homens!

Há neste caso dois aspectos. — Um do nosso grande ridiculo, que desta vez ficou a cargo das senhoras e senhoritas, que andaram carregando em andar o adorado actor; outro o desrespeito ao nosso principal theatro, o Municipal, que foi creado com dinheiro nosso, para a selecção de arte. A entrada do sr. André Brulé, com um repertorio immoralissimo, pornografico, e em grande parte de valor litterario nullo, no nosso principal theatro, constituiu um acontecimento social.

Em Pariz, de onde veio pela terceira vez aquelle comico, ninguém lhe dá apreço como celebridade, e nem grande valor como artista, e assim é que elle tem recorrido successivamente aos *badauds* que contituum a plateia do Brasil, para recheiar sua escarcella, e conquistar applausos que em Pariz lhe seriam impossiveis. Aliás neste momento de guerra qualquer artista tem publico em Pariz, porque Pariz é escasso de artistas; e só emigra quem de todo perdeu esperanças de obter o favor daquella plateia. Mas quando o sr. Brulé veio pela primeira vez «descobrir o Brasil», na phrase de um de seus interviews ou palestras, fez-se preceder de uma grande reclame, não como artista mas como homem elegante, amado das mulheres. Cantaram-se os ternos que elle traria, e que andavam por quatro ou cinco duzias, — que no entanto não appareceram; — contaram-se suas aventuras, e exaltou-se o gesto de uma *midnette* — aliás uma pobre coitada vendedora de fructos secos — que tentara suicidar-se apaixonada pelos encantos do melodioso galan.

O resultado foi estrondoso, pois antes que elle aqui aportasse, já a maioria das nossas indigenas que trocaram a tanga pelas toilettes ruidosas da rua de la Paix, estavam no cêes, de braços abertos á espera do principe encantado, bradando como suas avós: Caramurú... Caramurú!

E desde seu desembarque analysavam todos seus gestos, todos seus passos, todos seus mais imperceptiveis cacotetes, alagando-se de entusiasmo, e exclamando umas ás outras:

— Como elle se veste bem! Como elle sorri bem! Como elle pisa bem! Como elle cospe bem!... (E posso garantir-lhe, minha casta e pudibunda amiga e senhora dona Rosa, que havia indigenas que desejariam ardentemente que elle lhes cuspsisse!)

Ah, d. Rosa, d. Rosa, esse servilismo, essa submissão, essa idolatria para com o estrangeiro, é o que nos perde, é o que nos estraga, é o que chega a causar asco ao proprio estrangeiro!

Pois o principe, assim chegou a chamar-lhe nossa hyperbole tropical, sahii uma tarde e foi tomar chá á avenida. Não imagina, d. Rosa! As secções elegantes annunciaram de vespera o successo, e no dia seguinte não houve nenhuma tontinha, nenhuma bobinha — e nenhuma bobona, desses bonecos que os maridos deixam andar em farranchos, e que fariam melhor de cuidar de seus filhos e de seus lares — que não corresse á avenida, e que não transitasse por todas as casas de chá, pois que o principe de combinação com os vendedores de chá, não especificara a casa em que devia apparecer. A avenida encheu-se; nas casas de chá disputavam-se as mesas, e algumas indigenas mais avisadas fizeram tomar mesas em diferentes casas, por empregados da agencia dos *Rapidos* e dos *Mensageiros*, constando mesmo que pretenderam — o que não foi feito pela urgencia do caso — installar telefones nas mesas occupadas e collocarem-se num ponto central, com um automovel de 80 cavallos, para accorrerem tão depressa lhes fosse dado aviso de qual a casa que merecera a preferencia do afortunado galan, e assim não lhe perder nenhum dos ges-

tos, desde que elle apanhasse a chicara pela sua aza, até que com ligeiros piparoles sacudisse de seu collete as particulas imperceptiveis da fatia de pão com que officiaava... a *Primeira Missa no Brasil selvagem!*...

E durante toda a tarde daquelle dia, e durante toda a noite daquella tarde, uma unica phrase se ouvia: *Viu-o?... Viu-o?...* Que amor!

E contava-se que para beber uma chicara de chá fizera-o elle em quinze pequenos goles; que para comer uma *brôche* calçara luvás; que para enxugar os labios encostara apenas a menor das pontas de um guardanapo que de pequeno mal chegaria para limpar o bico de um beija-flor... Quando o principe deixou a mesa, contam os chronistas de El-rey Frivolo, que algumas indigenas saquearam os restos que havia na mesa, e que á noite, no Municipal, ouviam-se phrases como esta:

— Olha, filha, só arranjeri este pedacinho de *brôche*... Ainda vou dividil-o com a Clara para duas reitiquias, pois ella tinha 40.<sup>o</sup> de febre por ter chegado tarde!...

— Eu apanhei meio centimetro do guardanapo... Dividimol-o entre muitas... Mas creio que o meu meio centimetro é o meio centimetro que elle encostou aos labios, porque cheira a chá e a sarro...

Nas noites de espectáculo, segundo contam aquelles mesmos immoralos chronistas, telefones da caixa não cessavam um só instante, e os phones, apesar de seu revestimento impermeavel de ebanite, chegavam a corar.

Fizeram-lhe festas e demonstrações publicas, e nessas festas houve senhoras que lhe beijaram as mãos! Será mentira? Não sei, d. Rosa. Toda a gente o diz e cita-se o nome de cada uma das indigenas, que com a acquiescencia criminosa de paes e esposos, tomaram parte em taes folguedos e procições, que francamente causam uma tristeza, uma tristeza enorme, para quem vem, como nós, d. Rosa, de uma outra epoca, de um outro regimen!...

Na noite em que o principe fez seu beneficio o palco ficou juncado de flores e de presentes. Deram-lhe tudo, e isto é verdade, grande numero de almofadas bordadas, e até uma ou mais bonecas... Eu queria saber o que vae fazer o principe encantado daquellas almofadas, e de chinellos bordados, e de toalhinhas de filó, em que puzeram suas almas as nossas pobres herdeiras de Caramurú!... Como elle levará temas novos para se rir ao canto lobrego das *boites* de Montmartre de toda a ingenuidade de nossas patricias... E como vão ficar ornamentadas de almofadas e de rendas e de filós as alcovas das Fonfions, das Mimis e das Lióús!

Toda essa festa, todo esse barulho porque foram feitos? Trouxe-nos o afortunado comico — que fóra de scena orça pelos 45 annos e tem a physionomia precocemente envelhecida de 49 — alguma nova revelação de arte, alguma forma de esthesia?... Não, absolutamente não. Trouxe, com a sua arte, que não sendo ruim, não sóbe no entanto á altura maior do que a de um actor commum — um repertorio do genero livre; que só por uma aberração — sem nome, — por uma inconsciencia que toca as raias da loucura, moças de familia foram ouvir. O seu repertorio foi tão immoral que num dos espectaculos o Governador da Cidade retirou-se com sua familia a meio da representação, e no dia immediato mandou censurar o director do Municipal por consentir que se fizessem alli daquellas exhibições jogralescas, de peças de descabellada pornographia. Os jornas todos — a para que os jornaes em tal assumpto se mexam! — secundaram o protesto do Prefeito, e em qualquer outra capital do mundo estes protestos teriam acarretado para o actor que assim entendesse de zombar da plateia, algumas demonstrações... alimentares de batatas, ovos e feijão preto. Pois os espectaculos continuaram no mesmo teor, e as indigenas enviaram flores e mimos ao principe, em desagravo á selvageria do prefeito e dos jornaes, e offereceram-lhe festas em familia, para demonstrar-lhe que a sociedade não pactuava com os escrupulos de seus dirigentes. Assim, depois do *Traité de Auteuil*, tres actos de absoluta fancia, sem uma phrase, uma attitude, um aspecto, que pudesse interes-

sar, e recheado da mais grosseira e mais suja pornographia, vieram ainda outras, igualmente immoraes, e só por prohibição expressa da policia deixaram outras de ser representadas.

O que diz a tudo isto, a minha casta amiga? Eis: eu lhe faço esta pergunta é para evitar de responder-lhe á mesma pergunta, que deve de ser a sua exclamação ao acabar de ler estas linhas.

Quanto nós precisamos, minha presa da d. Rosa, de reeducar os nossos costumes! Pois é possível que continuemos a dar desses espectaculos, absolutamente ridiculos e idiotas, apenas pela vontade de que os cabolins que aqui aportam apremem a nossa civilisação? Mas não comprehendem taes vaidosas e semi-civilisadas botucadas, que o effeito é justamente contrario, e que esse senhor Brulé, que nunca reve em Paris nenhuma dessas demonstrações, será o primeiro a rir-se de nós, e a narrar, como anedoctas, nos centros mundanos de Paris até onde vae a nossa ingenuidade?

— Oh, mes amis, si vous savez comme ils sont bêtes, lâ-bas!... Et les femmes!... Ne m'en parlez pas...

E assim, entre uma casquinada e uma taça de champagne, paga ainda pelo nosso bom dinheiro, primitivo e beato, teremos a nossa anatomia dissecada numa mesa do café de Paris, no terraço de La Paix, ou ainda...

Dona Rosa, tudo isso faz pezar, porque prova que ainda não temos a consciencia e o orgulho de nossa nacionalidade... Não somos gente; somos ainda o animal de Darwin, a fazer mimices e tregeitos a quem nos olha!... E é pena, d. Rosa, porque este paz, tão vasto e tão bello, merecia de ser habitado pelo homem!...

Creia no devotamento e na gratidão do menor de seus respeitadores, sem ser o mais antigo,

Barão de  
Tres Pontas.

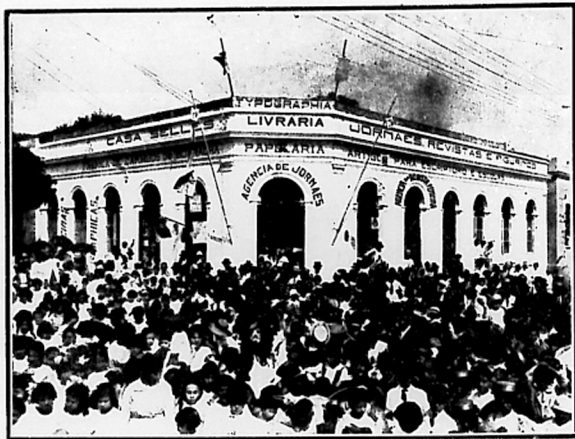
(Para a "Revista Feminina" de S. Paulo).

## Soliloquio

(Lendo o "Intermezzo de Heine").

Si as florinhas do valle pudessem comprehender quanto, soffre meu pobre coração, quanto elle se debate no cárcere de meu peito trariam logo, para esta Alma combalida, o balsamo consolador de seus viduos perfumes.

Si as tímidas avesinhas que atravessam o espaço modulam thê nos de amor



O importante estabelecimento do Sr. José Sélles, em RIBEIRÃO PRETO, e onde funciona a agencia da "Revista Feminina".

desprezassem os meus sentimentos, apenas pela vontade de que os cabolins que aqui aportam apremem a nossa civilisação?

suspeitassem minha intima agonia, com epinicos triumphaes repelliram, de vez, o horror desta lúgubre afflicção.

Si as estrellinhas douradas que pontillam de luz o ceoço comprehendessem o meu pezar, banindo as trévas que me atormentam, desceriam lá das Alturas para vislumbrar meu negro pensamento.

Entanto, a máguia vem silenciosa, paulatinamente, amofinando meu sêr tristonho, sem revelar o meu fatal segredo! Mas só tú sabes... ah! só tú conheces quem é a dona dos cabellos avelludados e daquellas unhas côr de rosa... E vens ainda, sem piedade, apunhalarme a vida, causando-me tão forte e cruciantedor!...

(De "Frivolidades".)

José Velho.

## O VICIO DE ROER AS UNHAS

Temos em mão neste momento um excellent preparado, da Mfg. Drugs S. Paulo Co., para evitar o vicio de roer as unhas, que é muito commum nas creanças e sempre prejudicial, provocando lesões no estomago e cosos frequentes de appendicite com morte em 24 horas.

Quem vê uma linda creança, com os dedinhos postos na bocca côr de rosa, roendo as unhas, não imagina muitas vezes os perigos a que ella se expõe e cuja responsabilidade cabe ás mães imprevidentes e descuidadas. Por um accordo com a Manufacturing Co., poderemos accellar os pedidos das nossas leitoras, ao preço de \$5500 o vidro livre de porer.

## CANTARES CHRISTÃOS

(PARA A REVISTA FEMININA)

Convem que te revistas do homem novo, que te mudas em outro homem.

*Das ínguas das jasmims no bom perfume  
No ocul embragador da vista esthetica,  
No sussuro das aguas ou no lume  
Dos astros, patentei-se o Deus-Poeta.*

*Out'ra descendexo, o lar assume  
Com a familia, hoje, a paz discreta.  
Felo o nuvi; e golpetha, no cume  
Jitare quem o predisse — o Deus-Phrotheta.*

*Vas cantares improprios para solhos,  
Para os novos philosophos ingerços,  
Para os traidores dos divinos labios...*

*Ai, sem pharel minh'alma não caminha!  
Deus — communhão do terra, mar e céos,  
Dicta-me o verso, e eu já não vou sossegha...*

ALZIRA REIS

30 de Julho, 98



# A SEDA

À sua lenda, as suas tradições, o seu fabrico e a sua industria. À sua poesia e o seu commercio



*Desde as folhas da amoreira, onde se descurtam os bichos, até aos "ateliers" da moda, onde se fez a industria feminina, por quantas transformações, por quantos avatares passa a seda!*

As pessoas de pouca imaginação, deante de uma peça de seda, comprazem-se apenas em admirar-lhe o brilho, o encanto da cor e a sugestão das tonalidades, e nunca se dão ao incommodo de evocar, em cada retalho do precioso tecido, a multiplicidade e complexidade de trabalhos penosos e exaustivos que foram precisos para produzi-la. A seda foi creada para dar maior realce à belleza da mulher, e é por isso que a lenda deu à mulher o merito da sua invenção.

Ha muitos seculos, ha uma boa porção de millenios, numa epoca tão remota, que escapa à indagação da Historia, havia, na ilha de Cós, uma mulher. Provavelmente, nessa ilha havia outras mulheres. Mas essas outras, que, talvez, fossem mais bellas e gentis do que aquella, não nos interessam, porque dellas se desinteressou a lenda que nos occupa. A mulher, a que se refere a lenda, era curiosa. As nossas leitoras precisam advertir que todas as descobertas são filhas da curiosidade. Se Colombo não tivesse curiosidade de saber o que se passava além dos mares, não teria descoberto a America. A curiosidade é tudo.

O individuo que, por cima do muro, espia para o quintal do vizinho, pratica um acto de curiosidade. acto esse a que correspondem, em geral, duas consequências: um castigo e um premio. O castigo é ser intultado ou talvez apedrejado pelo vizinho, o premio é ficar conhecendo o que se passa no quintal do vizinho. Esta observação não é nossa; fê-la, com muito mais graça, por certo, e com o relevo do seu estylo maravilhoso, Eça de Queiroz, numa pagina admiravel em que estudou a individualidade de Eduardo Prado.

Mas, voltemos à lenda. Esta mulher da ilha de Cós, num momento de curiosidade, poz-se a examinar por todos os lados um casulo do bicho de seda, que se balouçava à brisa marinha, pendente de uma folha de amoreira. Arrancou-o da folha, pegou-o entre os dedos e, não contente com esse exame exterior, rasgou a capsula, dentro da qual a larva informe agardava, sonhando, o prodigio da sua transformação em crisálida...

Essa mulher puxou, com a ponta dos dedos, um fio quasi impalpavel. Puxou-o, enrolou-o, teceu-o, e das suas mãos industriosas viu surgir, brilhante, translucido e subtil como uma neiga de neve, o primeiro véo de seda, ante o qual, a propria Aracne, se fosse viva, recusaria assombrada...

Mas a fabula, que, segundo pensam as pessoas de imaginação curta, é filha da phantasia, e que, consoante opinam as pessoas de imaginação larga, é filha da verdade, é sempre visionaria e viajera. Não gosta de horizontes limitados. Apraz-lhe criar azas para voar além dos horizontes que abarca. A lenda peregrinou tanto através do passado, que não se contentou em ter nascido na estreita ilha de Cós. Voou para traz. A seda teve o seu advento na Asia mysteriosa, naquelles bemaventurados tempos em que o Occidente era barbaro e em que só havia as civilizações orientaes, aquellas ci-



*Casulos de bicho de seda estendidos nos secadores, onde se conservam, durante algum tempo, expostos à acção do ar. Os casulos que se vêem nestes secadores representam uma enorme fortuna em seda.*

viltações que mostram como viveram, mudas e impenetráveis, soffrendo a proclamação das suas ruínas, mas guardando, virgem, o segredo da sua alma...

\*\*\*

Havia, num rincão remotissimo do Oriente, numa epocha ainda mais remota, uma mulher, desse typo côr de ambar das mulheres do Extremo Oriente, de olhos cortados á feição de amendoas. Era tão pre-juenica e tão fragil, que, vestida, não parecia mulher, mas menina. Certa manhã de primavera, sob a ramagem frondosa de uma faia, despiu-se á imagem de um regato, que corria, trépido e cantante, sobre o seu leito forrado de cascalhos de ouro e prata. Antes de pôr os pés-nhas na agua, toda arripada de frio, levantou os braços para apañar, no alto da cabeça, a enorme cabeleira negra onde os primeiros raios do sol primaveril punha um halo de ouro rutilante.

La caminhando a minuscula e linda mulher regato abaixo, pondos longos instantes de quietação entre cada um dos seus movimentos, que tinham a pausa e a solennidade de um rito. E toda vez que, immovel, alçava o corpo da flor da agua, numa attitude hieratica, estremejava em torno della a agua do regato, todo enrespado de ondas que, succedendo-se e ampliando-se á distancia, cibravam com o rythmo profundo e lento da universal palpação, nessa ancian universal e infinita do amor...

Sahindo da agua, deixando, patente á luz do dia, toda a belleza das suas fórmas, toda a harmonia das suas linhas, dirigiu-se a virgem oriental á margem do regato onde deixara as suas roupas. Antes de as vestir, contemplou-as, um momento, com uma desoladora tristeza.

As roupas eram velhas e rotas. Olhou-as e disse de si para si:

— Cebeta com taes farrapos, hei da parecer sen e obscuro e triste como uma tarde de inverno. Entretanto, o crystal da agua me disse que, livre destes farrapos que me occultam, sou como uma alvorada de primavera...

Levantou os olhos para desvilar-os da sua miseria, e viu, pousada numa rama viridente, uma crysálida. Cega pela luz do dia, a crysálida, immovel, descansava. A mulher pegou-a entre os dedos, e contemplando com inveja o brilho das suas azas maravilhosas, exclamou:

— Ah! se eu tivesse, como tu, estas roupas tão lindas!...

Angustada pelo favor, a crysálida agitou as azas, debatendo-se toda. A moça, apiedada, pousou-a de novo sobre a rama.

O bicho falou-lhe então:

— Tão nus como tu estás, nossas barras



Operaria asiatica desfilando o fio de seda de um casulo. O operario desfia, as suas duas vezes, tres casulos e torce os tres fios, juntando-os, antes de entrar no casulo e fio que resulta desta operação. A extensão do fio de seda de cada casulo attinge, em geral, de 1.000 a 1.500 metros.

bre es a tunica, não, as borboletas, sacudiremos o pó chromatico das nossas azas... Não haverá no mundo mulher mais bem vestida que tu.

Assim falou a borboleta, e abrindo o vôo, fugiu...

Naquella noite mysteriosa, na noite daquelle mesmo dia, voltou a vaidosa rapariga ao mesmo lugar, á margem do ribeiro, sob a fronde verde da faia. Ali encontrou um maravilhoso vôo que parecia tecido com raios de luar. Sobre aquelle vôo saediam as borboletas o pollen de ouro das suas azas. A formosa mulher envolveu-se naquelle vôo e partiu para a cidade.

Todos que a viam, deitiam o passo, deslumbrados. Os moços apertavam no peito, com as mãos amadas, o coração ancioso de amor. E elle passava. As mulheres seguiam-na, na es-



Fabricante de Sincira comprando casulos a um sericoteur

sabem tecer, para

embalar o seu

sonho, um leito

tão prodigioso,

que, ao despertar

nelle, vêm

realizada a mar-

avilha da nossa

transformação.

Nuas, andamos

de rastos na ter-

ra. Vestidas, de-

mandamos o azul,

de azas albertas.

Se sentes o

dejo de tecer,

tu meima, a tua

roupa, volta a

este mesmo

lugar hoje á noite.

Nossas habite-

cellas te offere-

cerão a tua tuni-

ca tão leve e

tão brilhante,

que, semelhante

á luz, ella te

vestirá, desnudando-te. E so-

teira do seu passo, cheias de iaveja e de azedume. Os príncipes sahiram dos seus palacios para disputar-lhe o sorriso. O rei offereceu-lhe o reino, e ella aceitou-o.

\*\*\*

Foi desta maneira que se formou, naquella tempo remotissimo, a lenda da seda, que começou, então, a correr mundo. Posta ao serviço da ambição dos homens e da vaidade das mulheres, foi pretexto de disputa entre mercadores, de briga entre rivais e de guerra entre nações.

A Asia, a antiga, fez presente dos seus prodigiosos á Europa, a nova. A Europa entrou a tecer os fios de luz, a crear manufacturas, a fabricar os mais lindos tecidos, que, das ilhas do mar Egéo, eram enviadas á Grecia e á Italia. E assim, com a mesma sumptuosidade da mulher oriental, começaram a vestir-se as damas de Athenas e de Roma.

Não foram apenas as mulheres as que soffreram a fascinação da seda. De Cós sahiram tambem as ricas tunicas fulgurantes, que, bordadas no Egypto com fios de ouro e prata, eram pagos pelos patricios da Roma imperial por preços inverosímeis. Tibério, com os seus edictos, tentou prohibir a seda. Tertuliano anathematizou-a. S. Clemente de Alexandria, levantando a mão prophetica, excomungou-a. Tudo porem foi inutil. A seda resistiu á prohibição, ao anathema, á excomunhão, continuando a dominar o mundo, triumphante.

Foi no seculo IV, depois de Jesus Christo, que a seda, que, até então, era apontada como cumplice da soberba e da luxuria, entrou gloriosamente no templo de Deus. A Igreja romana

adoptou-a para dar mais dignidade ao seu culto. O sacerdote teceu com ella a sua casula, enfeitando-a de ouro.

A seda, gala das elegancias pagãs, logrou vencer o escrupulo dos grandes senhores feudaes, que, de volta das Cruzadas contra o turco infiel, traziam, como despojos de guerra, peças de seda, de brilho maravilhoso. Foram as damas da Italia e da França que acolheram com maior entusiasmo aquelles presentes, que, de terras remotas e fabricados por mãos infelizes, lhes vinham trazer os seus senhores amados.

No seculo XIII appareceram na Europa as primeiras manufacturas de seda, installadas por artifices obreiros de Genova, Florença e Veneza. Mais tarde, em 1450, fundam-se as primeiras fabricas em Lyon e, trinta annos depois, em Tours.

E foi tal a prosperidade de industria, que, ao cabo de tres seculos, existiam em França, e só em Lyon, doze mil manufacturas. Na Inglaterra havia com mil e na Suissa quarenta mil. Foi em Zurich que se fabricaram os primeiros tafetás.

Isto occorria ha um seculo e meio. Porque hoje nem Lyon, nem Tours, nem Spialfield, nem Zurich, nem os numerosos teares do Japão e da China existem para satisfazer a necessidades, cada vez mais crescentes, do mundo... O espirito humano identificou-se de tal forma com a seda, que, sem ella, não ha belleza, nem encanto, nem poesia na vida. Despojada da seda, a mulher deixará de ser bella. Ora, a mulher não consentirá nisso, nem o homem, por certo... Se assim é, façam-se todos os sacrificios para a eterna gloria de seda.

Entretanto, se não fora aquella mulherzinha oriental,

E sem rememarmos aos infinitos extremos, naquillo que a nossa vista alcança, naquillo que as nossas mãos tocam, quantas e quantas maravilhas nos demonstram a profunda subleitoria da caura creadora do Univero?

Não existe acaso no mais insignificante dos seres um agente dessa essencia creadora? A gente que na sua humilde esphera faz do

côr de ambar amarello e olhos cortados em feiçao de amendoa, talvez a seda ainda não existisse, e as mulheres, a despeito das suas roupas tecidas de algodão e estopa, teriam a mesma irradiante e triumphal belleza.

Assim como escapa á nossa mente, assimbrando-a, o estudo do infinitamente grande, porque o não alcança a percepção humana, que carece de termos de comparação para traduzir a magnitude das cousas, não é menos extraordinario e astombroso o estudo do infinitamente pequeno.

Milhões de seres vivem numa gota de agua; milhões de mundo rolam pelo espaço, e só os concebe a mente humana numa hypothetica percepção.

As mulheres, em Paris, que não podem manter quinhentos lencinhos por uma "belle" de seda, sentem-se profundamente desgracadas.

nica, foi a mulher do imperador Yao quem desvendou aos seus subditos o segredo de tecer a seda, segredo que lhe foi revelado numa visão celestial quando chorava, encerrada em infecta marmorosa, o desamor do seu egrejo esposo.

Appareceu-lhe — diz-lhe a tradição — um anjo trazendo na mão um ramo de amoreira, e presas no manto duas borboletas. Collocou-as na caude do vestido da imperatriz, e, volvidos momentos, começaram as mariposas a pôr microscopicos ovos, dos quaes sahiram centenas de vermes que, passados alguns dias, se transformaram em casulos de seda. Então, o anjo ensinou á desventurada princeza a maneira de fiar os finissimos fios.

Por este meio conseguiu a prisioneira reconquistar as boas graças de Yao. Pouco antes da nossa era, não era ainda conhecida em Roma tão apreciada materia, que se vendia mais caro do que o ouro: tão cara, que o imperador Aureliano se negou a comprar um vestido á régia consorte em vista do exagerado preço que por elle lhe pediriam.

Não é facil precizar a data em que a industria da seda foi introduzida em Hespanha e Portugal. Todavia, Santo Izidro diz que, no tempo dos gots, existia já o cultivo da amoreira e cria dos bichos de seda, com a qual se teciam os preciosos ornamentos sacerdotaes.

que dizemos uma verdade inconcussa?

Pois dos mil exemplos que dessa verdade podem citar-se, sirva-nos hoje para a demonstrarmos, o bicho de seda.

Vêde-o! Feio, repuloso, asqueroso, segrega uma materia viscosa em forma de tenuissimos fios, que endurecem ao contacto do ar, e servem deste remota antiguidade para a confecção dos mais apreciados tecidos.

Verme que se prende no casulo formado com a bala que expelle, e lá dentro, ao abrigo dos agulhas exteriores se transforma em mariposa.

Originaria das regiões orientaes da Asia, 2.698 annos antes da nossa era,

aprenderam os chinezes a arte de crear o bicho de seda e de aproveitar o fio que elle segrega para o fabrico de preciosas telas. Segundo narram as chronicas,



Sem affirmarmos que seja verdadeira a tradição, alguma coisa de sobrenatural parece existir nella, se tivermos em conta a data e que a industria da seda remonta e as complicadas transformações que soffre o insecto de que nos occupamos.

A mariposa sae do casulo, mercê de um liquido que contém uma glandula collocada junto da bocca do insecto, tendo o liquido a propriedade de dissolver o verniz ou gomma de que estão impregnados os fios, e com o qual amollece e separa os filamentos vedados de uma gas extremidades do casulo tem os partir ou cortar, abrindo um orificio por onde sae, invariavelmente nas duas ou tres primeiras horas que precedem do apparecimento dos raios solares, ou á tarde, quando o astro rei se vae sumindo no poente e caem as primeiras ombias da noite.

A mariposa une-te ao macho que lhe fecunda os ovos e a sua postura dura tres dias, realisando-se sempre á mesma hora e pon-do o maximo de 700 ovos. Passados alguns dias, morre extenuada.

Nascem os vermes, adormecem ao quarto dia, e no quinto perdem a pelle que, de escura e coberta de pèlle, se transforma n'outra de cor mais clara. Esta é a primeira idade.

A segunda dura quatro dias, caindo em lethargo durante a tarde do terceiro. A terceira e quarta edade comprehende seis a sete dias cada uma, e durante qualquer dellas soffrem notaveis transformações, exigindo cuidadosos regimens na comida e meticulous limpeza.

Durante estes quatro periodos não fazem mais do que comer e dormir.

Chega finalmente a quinta edade, e por volta do quinto dia commecam os vermes a far o casulo, expellindo o fio formado por duas partes distinctas: a exterior, ou a gomma, e a central que constitue a fibra textil. E' facto quasi averiguado que o verniz ou gom-

ma que segrega, é destinado a preservar o fio da influencia da humidade no mundo normal em que vive o insecto silvestre.

Finalmente, na industria apenas se deixa que chegue a produzir mariposas, para se colher a semente, um numero determinado de casulos.

Nos restantes é destruido todo o elemento de vida antes do tempo proprio de se operar a transformação.



As mulheres de Suiza que trabalham na seleção dos casulos gatinhos, no momento, com três por dia, e dá-se por satisfeitas

## Pensemos no Brasil...

Estes ultimos mezes, entre as muitas festas e subscrições que se têm organizado em nosso paiz, a favor de differentes aspectos da moletia e da indigência que a guerra acarretou para os povos da Europa, destinam-se algumas do mez passado, á L'Oeuvre des Petits Lis Blancs — ou seja uma obra que prolege os orphãos francezes da guerra — accrescendo assim a lista anterior na qual já se he'iam inscripto as obras da protecção dos cegos, das viúvas, da reconstrução das cathedras da Europa, das mairraíns, das creanças belgas, do cigarro de guerra, etc., etc.

Todas essas festas e beneficios e subscrições, organizadas por propagandistas estrangeiros, que com habilidade obtêm a adhesão de senhoras de nossa melhor sociedade, o que lhes garante inteiro successo, têm produzido uma somma incalculavel, que tem sahido do Brasil. Este movimento de generosidade para com o estrangeiro, como todos os movimentos de generosidade, não pode ser condemnado, e antes deve de ser elogiado. E' preciso notar, porém, que no nosso caso é doloroso constatar que tal movimento não se manifesta a favor das instituições nacionais de caridade, que deviam ser as primeiras a merecer todo nosso carinho. Ora a maioria dellas arrastam-se por ahí com mil difficuldades, sendo que as que entendem com a infancia, com a viuvez, com a invalidez — já não falando em reconstrução de egrejas e distribuição de cigarros — só existem em duas ou tres das nossas capitães. No resta do Brasil andam pobres creanças abandonadas — creanças, porém, que não têm o rotulo snob de «petits lis blancs», e que, o piladas, devastados pela vermina, com a cós terrosa de

sempelcos ambulantes, estendem a mão á caridade publica... E quantas vezes não recebem como resposta a phrase seguinte, daquelle mesmos protectores do lit blanc:

— Não me amole ou chamo a policia...

Diga a seu pae que vá trabalhar, e não seja tagabundo!

«Pobres lis noirs!... da miseria... nacional!...»

No resto do Brasil, segundo o grito de alarma dos nossos grandes scientistas ha toda uma população famelica, chagada, roída pelos ulceras, sugada pelos prozoarios, banhada pelas febres, intoxicada pela superstição, e retrogradada pela ignorancia... Em todo o Brasil ha as reliquias historicas abandonadas, velhas cathedras que ovuram as precas de nossos acós, cahindo aos pedaços, decepadas pela lepra mutilante do tempo indifferente...

E, para vergonha nossa, vem da America do Norte uma missão, a missão Rockefeller, para a obra de caridade do socorro aos nossos setentaes doentes...

E quando tudo isto se passa nós, besuntados de estrangeirismo, embaixcados de ciotilização, fazemos subscrições para os pobres de nações opulentas, que nos emprestam dinheiro a juros...

Este absurdo paradoxo começa a despertar, felizmente, a attenção de nossos humoristas e philosophos sociaes, e foi com prazer que lemos o seguinte trecho de Bastos Tigre, num dos jornaes do Rio, a proposito de uma daquellas festas:

«Recebemos de um anonymo a quantia de 100 réts para a obra dos «Petits lis blancs».

Como não quizesse a «commission» receber tão exigua quantia, offerecemos-l-a um requeno magricela de tres annos que

estava a mendigar na esquina, conduzido por uma Jalsa mãe protegida pela policia...

Pensemos um pouco, e com um pouco de amor, no nosso Brasil!

## A embaixada italiana

Os srs. embaixadores li fians, que se acham ainda em notto paiz em missão de seu governo, no interesse de conhecer a nossa vida, o nosso meio, as nossas instituições e penetrar mais fundo em nossa intimidade, não se esqueceram de fazer a sua visita á redacção da «Revista Feminina», onde se demoraram por espaço de meia hora.

Emquanto permanecerem em nossas salas, indagaram, com a curiosidade que é peculiar ás pessoas de saber, dos elementos que contamos para impôr o nosso periodico ao credito publico, examinaram a nossa bibliotheca, folhearam os nossos lexicons e obras de consulta, observaram, com um minucioso cuidado, as collecções da Revista, demorando-se por fim a vizitar a nossa exposição de trabalhos femininos

Nessa occasão, annexa á redacção, que, de resto, é vizitada todos os dias pelas mais distinctas familias de S. Paulo, os srs. embaixadores louvaram alguns trabalhos expostos, como quadros a oleo, aquarellas, objectos de ceramica e arte applicada, rendas, bordados e outros objectos de arte domestica. Nada lhes passou despercebido.

Os embaixadores e nos vizitaram foram os srs. Luigi Princivalle e Amicar Marchesine. Vieram acompanhados do sr. dr. Almeida e Silva, ministro do Tribunal de São Paulo.

Os srs. embaixadores, ao despedir-se, deram-nos os seus parabens pelo esforço que temos demonstrado, pela moral elevada e edificante com que, desde o inicio da nossa publicação, vimos notorando os nossos ideaes e pela victoria que obtivemos, conseguindo vulgarisar em todo o paiz, de norte a sul, uma revista que, como a nossa, está fadada a grandes destinos.

# THEATRO LIGEIRO

(PARA A "REVISTA FEMININA" DE SÃO PAULO)

Em casa da elegante Madame Ramos, D. Catharina (55 annos) entra sem bater, e encontra no hall, a creada de Valentina.

D. Catharina — Bom dia.

Valentina — Bom dia, minha senhora.

D. Catharina — A Albertina já se levantou ?

Valentina — Madame ?

D. Catharina — A Albertina, digo-te eu.

Valentina — A patrãoa ?

D. Catharina — Sim; a mulher do patrão; compre-hendeu agora ?

Valentina — Ah! sim, senhora. (a sorrir) Desde que a senhora me disse que era a patrãoa eu percebi que era a mulher do patrão. Eu não sou tão estúpida... Quando estive na escola ganhei o primeiro premio de ler para traz.

D. Catharina — Para traz ?

Valentina — Sim, senhora. Como eramos poucas alumnas a professora não queria... a escola quando já tínhamos apprendido a ler, falava para o numero de alumnos que o governo exige. Eu não falava para a escola não ser supprimida, as que já sabiam ler para diante, começaram a aprender de traz para deante. A professora chamava de leitura turca porque os turcos escrevem de traz para deante...

D. Catharina — Mas, enfim, a Albertina já se levantou ou não ?

Valentina — Eu peço desculpas de não conhecer a senhora, porque eu só entrei ha dois dias para o serviço, e como nestes dois dias a senhora cá não veio...

D. Catharina — Oh, lá, lá, lá... vamos mal, assim, si você não pára de falar...

Valentina — Eu estou calada. E' que a gente tem de desculpar-se quando...

D. Catharina — Está bem... Está desculpada... A Albertina está a pé ?

Valentina — Pois, então, havia de estar a cavallo ? Que horas a senhora tem no seu relógio ?

D. Catharina — (enervada) Uma boa aq: sua patrãoa já se levantou ? Sim ou não ?

Valentina — Si a senhora não me diz que hora tem... D. Catharina — (olhando o relógio que tem no pulso) São 10 horas e tres quartos.

Valentina — (olhando o relógio de D. Catharina) Ai, que gracinha!... No começo, quando eu via uma senhora com isso amarrado no pulso, pensava que tivesse deslocado o punho... como aconteceu com o João, quando lhe rompeu a corda em que tinha preso o bezerrão... teve o coitado que ficar com um couro amarrado no pulso p'r'ahi seus tres mezes...

D. Catharina — (batendo a sombrinha no chão) Uf... uf... uf... Você parece ter uma corda de relógio embaixo da lingua!...

Valentina — (espantada) Uma corda de relógio!... Não venha!... (Põe toda a lingua de fóra) Ahm!

D. Catharina — Oh sua atrevida, para quem é que você está pondo a lingua ?

Valentina — Não, senhora... E' para mostrar que não tenho nada...

D. Catharina — Albertina levantou-se ou não se levantou ?

Valentina — Si só são 10 horas e 3/4! Madame só se levanta ás 11, e depois tenho que ir lá acima preparar o banho, aquecer a toalha, e depois esfregal-a, e depois ajudal-a a pentear-se... Ah, é um trabalho!

D. Catharina — Tanto melhor.

Valentina — E' porque não é a senhora que esfrega... Não quer um pedacinho de pelle, que não fique vermelho como um pimentão... Ainda agora faz frio, mas para o calor hei-de pedir-lhe que aumente o ordenado.

D. Catharina — E o doutor Ramos ?

Valentina — Cruzes! O doutor não sou eu quem esfrega!

D. Catharina — Pergunto si o doutor tambem ainda está deitado.

Valentina — Ah!... Não, senhora. Nem bem amanhece que elle já está fóra da cama. Si não fosse elle a gente podia tambem dormir até ás 11, como a patrãoa. Mas elle põe-se logo a chamar os creados.

D. Catharina — Tanto melhor.

Valentina — Não venha. Era melhor que elle se levantasse tambem ás 11.

D. Catharina — E' melhor que elle tenha sahido, é o que quer dizer. Quantos creados ha aqui ?

Valentina — Somos seis, sim, senhora.

D. Catharina — Seis creados... Para uma casa de casal...

Valentina — E' que o casal com mais os seis fazem oito. A senhora sabe que com oito pessoas não se podia fazer o serviço com uma pessoa só...

D. Catharina — E o que faz cada um de vo:és ?

Valentina — Eu trato dos quartos. Ha o copeiro, ha a cosinheira.

D. Catharina — Tres...

Valentina — Ha o que esfrega o soalho...

D. Catharina — O copeiro podia esfregar o soalho pela manhã...

Valentina — E' que pela manhã esfrega o patrão, depois do banho...

D. Catharina — São quatro... E quem ha mais ?

Valentina — Eu já disse o copeiro ?

D. Catharina — Já.

Valentina — Ah!... O que limpa os metaes.

D. Catharina — Os metaes ?

Valentina — Sim, senhora. Todas as fechaduras são de metal... Ha as varetas das cortinas, e a cosinheira e o copeiro têm cama de metal amarello.

D. Catharina — Oh, mas é espantoso.

Valentina — Não, senhora, dizem que é muito bom para não dar nevralgia.

D. Catharina — O que ?

Valentina — As camas de metal amarello.

D. Catharina — E' espantoso que minha nora tenha creados até para arear a cama dos outros creados.

Valentina — Ah! Mas não haviam de ser os patrões que fossem fazer esse serviço.

D. Catharina — Oito creados!...

O açougueiro — (na porta da cosinha) A carne!

Valentina — Com licença, minha senhora. Vou receber a carne. (sáe a fazer mesura) Com sua licença!

D. Catharina — (examinando um muevel, que está coberto de poeira) E andam os moveis assim, com oito creados!...

Valentina — (de volta) Prompto, minha senhora.

D. Catharina — Já pesou a carne ?

Valentina — Não, senhora. Ella vem pesada do açougue.

D. Catharina — Então vocês não verificam o peso ?

Valentina — Não, senhora.

D. Catharina — Vá buscar a carne e a balança.

Valentina — Sim, senhora. (enquanto Valentina va buscar a balança, D. Catharina fica a examinar os moveis, fazendo gestos de desgurado. Valentina volta com uma balança e com a carne, embrulhada).

D. Catharina — Vamos pesar isso. Que peso oh!

Valentina — Quatro kilos, sim, senhora.

D. Catharina — Quatro kilos!?

Valentina — E tem que vir, ainda, de outro açougue o peso de vitella. Vem de um açougue que compra as vitellas de um instituto, onde se faz vaccina. E' o chafueur quem va buscar.

D. Catharina — Seis kilos de carne para um casal. E' espantoso!...

Valentina — Não, senhora, para oito pessoas. Eu já expliquei à senhora que é um casal de oito pessoas.

D. Catharina — (pensando a carne) Veja-me isto. Tem apenas tres kilos!... Um kilo por dia é quanto rebauda açogueiro.

Valentina — A senhora tem certeza?

D. Catharina — Como si tenho certeza. Leia aqui... Tres kilos justos.

Valentina — Sim, senhora. Mas que ladrão de açogueiro. Elle me dá apenas trezentos réis, dizendo que só diminui meio kilo...

D. Catharina — Heim?... heim?... Então você recebeu gorgeta do açogueiro? (que desceramento!)

Valentina — Mas em todo a casa é assim. Não é só o açogueiro; também o padeiro... Tudo vem para aqui com o seu quebrado.

D. Catharina — Naturalmente. Com uma patrão que se levanta às 11 da manhã.

Valentina — Ah, mas eu não me emprego em casas em que as patrões levantam cedo. E não sou só eu quem tem gorgetas. O chaffeur tem trezentos mil réis de ordenado, mas faz quinhentos e seiscentos por mez. Outro dia elle me disse que fazia mais como chaffeur do que o patrão como medico.

D. Catharina — Evidentemente.

Valentina — Porque o patrão é medico, novo, e parece que não se occupa muito com a Medicina. A patrão não quer que elle se mate... nem que mate aos outros.

D. Catharina — Ah, ella não quer que elle se mate?

Valentina — Não, senhora. Hontem ainda ella lhe disse: — Não se mate; você tem seus paes — que são ricos; emquanto elles forem vivos não nos hão-de deixar passar miséria...

D. Catharina — Ah, ella disse isso?

Valentina — ... e quando elles morressem com o que nos deixam não nos faltará nada!

D. Catharina — Ah!... Então a minha nora disse isto?

Valentina — (espantada) Sua nora?...

D. Catharina — E' a mulher de meu filho, compreendeu?

Valentina — Sim, senhora, compreendo... Não sou tão estúpida assim. Desde que a senhora disse que era sua nora eu logo vi que havia de ser a mulher do patrão!... Mas eu lhe peço que não diga nada à patrão. Si eu soubesse!... (ouve-se uma campainha).

Mme. Ramos — (do interior da casa) Valentina!...

Valentina — E' ella... E' a patrão... Então, por caridade, não lhe diga nada, sim?

D. Catharina — Vá... vá... e diga-lhe que eu estou aqui!... (Valentina sáe) Sim, senhor!... E sou eu quem paga tudo isto, para minha nora levantar-se às 11 horas! Ah, mas eu a ensino!

Mme. Ramos — (entra em panteador e corre a tomar a benção a D. Catharina) Oh, mamãe! Que surpresa! Porque não me mantou acordar?

D. Catharina — (zangada) Bom dia!

Mme. Ramos — (infantil) Oh, mas que é isso? Que tem a senhora? Está zangada por a ter feito esperar? Ora, mamãezinha... (afaga-lhe o rosto).

D. Catharina — (afastando-lhe as mãos) Minha nora, temos coisas muito sérias a tratar. Sente-se.

Mme. Ramos — (sentando-se) Mas que houve? A senhora assusta-me... (aparte) Já sei. E' o sermão pela conta da modista!

D. Catharina — Coisas muito sérias e muito graves.

Mme. Ramos — Sim, senhora! (aparte) Vou experimentar o meu tuc...

D. Catharina — Quando eu e seu sogro casamos-nos...

Mme. Ramos — Ali, já sei... Mas isso não tem importância...

D. Catharina — Como não tem importância? Então quando eu me casei com seu sogro, quando eu e meu marido jurámos um ao outro, ao pé de um altar...

Mme. Ramos — Todos os maridos são assim; não se pôde prendê-los. E pôde não ser verdade...

D. Catharina — Pôde não ser verdade o que?

Mme. Ramos — Afinal de contas que grande crime é que o tenham visto a conversar na avenida, com uma dançarina...

D. Catharina — (furiubunda) Com uma dançarina? Hein? o que me está a dizer?

Mme. Ramos — (aparte) Está pegando!

D. Catharina — Vamos, explique-se! Onde foi isso?

Mme. Ramos — E' que eu pensei que lhe tinham dito o que me disseram hontem no theatro, isto é, que viam um homem muito parecido com papae falar com uma dançarina, na avenida. Mas eu provei hoje que não era elle porque o facto se passou às 6 horas precisas, e justamente ás seis horas papae não falta ao jantar.

D. Catharina — Justamente. E todos estes dias tem estado em casa ás 6 horas. (sentando-se) Ah, que allô!... Mande dar-me um copo de agua.

Mme. Ramos — (para dentro) Valentina, depressa um copo d'agua... (Para D. Catharina, que se abana furocemente) Quer uma gotta de agua de flor? (D. Catharina faz um gesto affirmativo) Umas gottas de agua de flor, Valentina!

Valentina — (de dentro) Sim, senhora.

Mme. Ramos — (aproximando-se de D. Catharina) Então, está melhor...

D. Catharina — Sim... sim... Não se assuste assim uma pessoa - 30 annos de casados...

Mme. Ramos — Mas, então, é uma coisa que se pudesse crê!... Papisinho é tão bom, tão seu amigo... é incapaz de uma coisa de dessas...

D. Catharina — (risonha) Tã achas?

Mme. Ramos — Ora nem se pergunta. E' a perola dos homens. Eu sempre digo a Alberto que lhe siga o exemplo. Si ha quem possa dormir tranquilla é a senhora...

D. Catharina — Obrigada, minha filha, obrigada por elle e por mim.

Valentina — Prompto o copo d'agua...

D. Catharina — Obrigada!... (toma o copo de agua que Mme. Ramos lhe offerece, e bebe).

Valentina — Foram só dez gottas de flor de laranja, e como a senhora gosta de ter tudo medido, contei-as com o cenat-gottas de curar o ouvido da cosinheira.

Mme. Ramos — Oh, você não passa de uma estúpida.

Valentina (aparte) E' isso quando os creados pesam chamam-nos de estúpidos! (sáe)

D. Catharina — (entregando o copo) Não faz mal... Foi tão grande a alegria que tive de saber que não era verdade! (levanta-se) E não quero demorar-me. Corro ao encontro de meu velho, para desculpar-me de o ter suspeitado, ainda que tivesse sido por um segundo!

Mme. Ramos — Mas a mamãezinha disse-me que me queria falar sobre um assumpto sério.

D. Catharina — Quería, apenas, aconselhar-te que levantasses um pouco mais cedo. Todos te roubam, aqui, enquanto tu dormes. Pesei a carne, faltava um kilo... Ha-de ser tudo mais assim... Tu sonno da manhan custa-te assim mais de dez mil réis por dia.

Mme. Ramos — Bem, mamãezinha, vou fazer por me levantar mais cedo!

D. Catharina — Eu sempre me levantei ás 6 horas, e calculo o quanto tenho ganho com isso!

Mme. Ramos — Mamãezinha recebeu o meu pedido? Compre-me, sim, mas é que a clinica de Alberto ainda não se rende o sufficiente...

D. Catharina — Recebi... Vou dar-te o dinheiro. (Toma a bolsa e verifica que está vazia) Oh, bonito!... Saquearam-me a bolsa... Quinhentos mil réis que eu trazia... Devia ter sido um individuo que se sentou a meu lado no bonde!... E agora?

Mme. Ramos — Oh!... E eu sou eu! padei disso! Si a senhora não tivesse sahido tão cedo por minha causa?

D. Catharina — Corro á Policia... Vou queixar-me, pôde ser ainda que se descubra o gatinho. Tu pe me passarás mais tarde pela modista. E dizer-se que eu me levantei ás 7 horas para ser roubada em 500\$000...

Mme. Ramos — Já vê, mamãezinha, que eu só fui roubada em 10, acordando ás 11 horas...

D. Catharina — Tem razão, minha filha, si eu soubesse dormia até o meio-dia!...

(Panno)

# Cerâmica Japonesa



*Maquilha japônesa de porcelana japonesa com desenhos azuis sobre fundo de Kintô bi-ubante e com um resposho de decoratio no centro.*

Os japoneses já estavam, seguramente, familiarizados, desde os tempos prehistóricos, com a arte da cerâmica ordinária; mas parece provável que a arte da cerâmica fina lhes

foi ensinada pelos chineses, cuja civilização e cultura são espantosamente mais antigas. Segundo a tradição, de um tratadista, a cerâmica, no Japão, cingiu-se, durante quatro séculos, à fabricação dos objectos de Toshiira, isto é, dos serviços de chá.

Hoje em dia fabricam-se serviços de chá por preços economicos, como imitação das porcelanas da Satsuma, destinadas, quasi que exclusivamente, à exportação. Mas essas porcelanas, a despeito de, no estrangeiro, obterem preços bastante elevados, estão muito longe dos modelos da porcelana fina.

As guerras intestinas que conturbaram o Imperio do Sol Levante, desde o século X até ao século XV, fizeram cabir por terra a industria, anteriormente promissora, da cerâmica. Mas, em 1598, ao voltar Hideyoshi da sua feliz expedição á Coréa, trouxe consigo os mais habéis ceramistas daquele desditoso reino, e, graças a elles, a arte japonesa tomou novo alento e ponde recuperar, pouco tempo depois, a sua antiga pujança. Por outra parte, antes desta época, por volta de 1530, alguns ceramistas nipponicos tinham aprendido dos chineses a arte, sobremaneira difficil, de decorar a porcelana; e embora a sua habilidade não ultrapassasse o estylo a que chamaremos *subterráneo*, mais tarde aprenderam tambem o segredo de esmaltar sobre o verniz.

Em principios do século XVI o eminente ceramista japonês Goro-deyu Shonzui foi a China com o proposito de estudar a construção e funcionamento dos fornos de Foo-Chow, onde aprendeu a misturar a pasta e o seu processo decorativo, com o que logrou formosíssimas imitações das porcelanas azul-brancas da dynastia dos Ming.

Seja como for, parece fóra de duvida que as industrias da cerâmica japonesa renasceram vigorosamente pelo effeito da conquista da Coréa, pelos fins do século XVI. Foi muito grande a influencia dos operários e artistas coreanos. Foi, graças a essa influencia, que come-

çaram, desde logo, a ser conhecidas as porcelanas fabricadas em Hizen e as faianças de Satsuma, que sobrepujam a todas as demais fabricadas naquelle imperio e que não devem ser confundidas com a multidão de objectos, de caracter meramente commercial, destinados à exportação, em grosso, para a America e Europa.

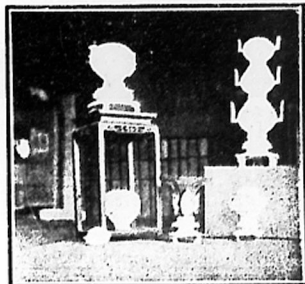
A porcelana de Satsuma, que é a classica, data do anno de 1598, quando Shimazu Ioshihiro, governador da dita cidade, trouxe da Coréa um grupo selecto de artistas. Mais tarde, alguns artistas, de indole mais independente, estabeleceram-se em Chosa, provincia de (Osushi, onde iniciaram logo a fabricação da famosa mercadoria, imitando, ás vezes, os modelos coreanos com verniz verde, amarello e negro. O maior encanto das peças consistia no verniz, de que davam duas, tres e, não raro, quatro mãos.

O ceramista Saburohei superou a todos os demais pela sua extraordinaria pericia na preparação deste verniz; e, apesar das suas creações não levarem a marca de fabrica, os peritos as distinguíam de prompto pela elegancia da forma, pela fulguração pura do verniz e pela nota de arte que as inspirava.

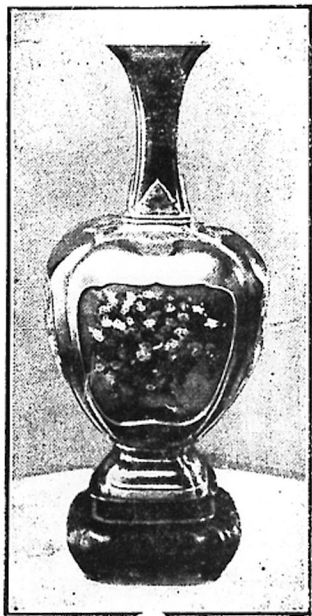
Pelos fins do século XVII, o principe de Sashiu installou uma fabrica em terras annexas ao seu castello, onde se elaboraram algumas peças, não destinadas à venda, mas exclusivamente a presentes. A frente da officina de decorações estava o artista Tengen. Muitos desses exemplares, que levam a marca *Satsuma Tengen*, são estimadíssimos pelos coleccionadores.

Eduard Dillon diz, na sua excellente obra sobre a arte japonesa, que, quem quer estudar a cerâmica, deve advertir que ha uma linha divisoria muito funda entre a cerâmica ordinaria e a louça e porcelana de pasta dura e branca e, sobretudo, translucida. Esta é um composto de bisiatico de aluminio com alcali. Cada uma das decorações se caracteriza por traços distinctivos. Ha peças opacas que, sem embargo, differem muito pouco, em composição, da verdadeira porcelana; e, por outro lado, desde o ponto de vista historico, vemos que a primitiva decoração das porcelanas de Hizen se estendeu, mais tarde, por outras comarcas do paiz.

Estava reservado a um ceramista-



*Porcelanas de Hizen, conhecidas pelo nome de Mikocraji.*



*Vaso para flores, de porcelana japonesa, decorado de flores no centro.*

ta coreano descobrir nas rochas de Hiu-shiu um succedaneo do kaolim, (decomposição do feldspato e outros mineraes analogos) que, durante largos seculos, constituíam um segredo dos chins, que nunca o tinham revelado.

Por motivo desta descoberta, construíram-se, em fins do seculo XVI, os famosos fornos de Hizen, onde, como já dissemos, florescia, muito tempo antes, a industria ceramica, á qual a unica que se lhe avantajava em importancia era a fabrica de King-te-Chew.

Seja como for, antes dessa epoca já se conheciam no Japão alguns exemplares da ceramica coreana, como os de Raku, originaes de um coreano estabelecido no Japão em principios do seculo XVI.

Outra porcelana notavel que deram a conhecer no Japão os imigrantes coreanos foi a chamada yatsushiro-yaki, com decorações de nuvens, gralhas e cegonhas brancas sobre fundo pardo. Teve tambem muita nomeada a porcelana de Takatosi, onde, no seculo XVI, se imitava a decoração chinesa, notavel pelo excesso do seu brilho. O maior movimento desta arte industrial operou-se na geração seguinte, quando se fabricou a primeira peça com esmalte de cor sobre verniz. O merito desta descoberta é attribuido igualmente aos ceramistas Tokuzayenmon e Kakiyemon, ambos de Imari, que baseavam seu estylo decorativo nas porcelanas esmaltadas dos ultimos tempos da dynastia Ming, especialmente da porcelana Van-li.

Kakiyemon conseguiu produzir uma porcelana muito limpidá e formosa, de modo a poder realçar, por meio de certos effeitos, o desenho e a decoração. A pasta empregada por Kakiyemon era muito pura; e a peça, batida com nós dos dedos, produzia um som metalico de sino. O verniz branco-leitoso, de encantadora suavidade, e, apesar disso, não desprovido de brilho, formava um fundo que se harmonisava maravilhosamente com a decoração. O esmalte era de cor clara e linda tonalidade



*Diversos exemplares e modelos da ceramica japonesa proprias para decorar as habitações*

de poucas cores. Essas tonalidades não passavam do vermelho mate, verde musgo e lilaz.

Os medalhões com cercaduras de flores eram tambem muito communs neste estylo decorativo, assim como o dragão, a phenix, o bambú e passaros voando em torno de médas de trigo. A esta porcelana deu-se-lhes o nome generico de *inari*, derivado do porto japonese, perto de Arita, onde Gorodayu Shongui se estabeleceu ao voltar da China.

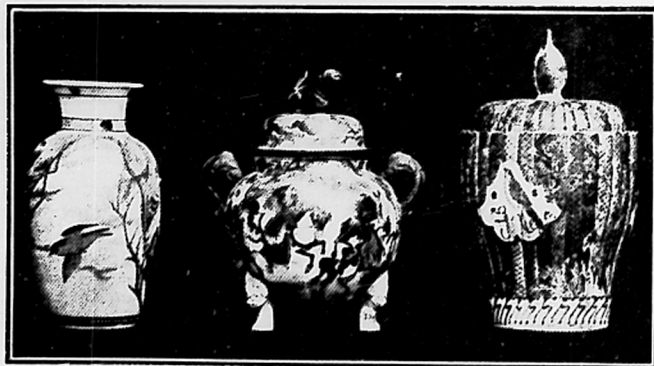
Entre outras notaveis porcelanas deve mencionar-se a *hiado*, cujas melhores peças se fabricaram em Mikochi, entre 1740 e 1830. A decoração era quasi inteiramente azul, de clara e suavissima tonalidade, que harmonisava, pela graça encantadora, com o fundo de verniz branco de leite em que parecia fluctuar.

Em meados do seculo XVII o artista Nomura Ninssei, que residia numa aldeia proxima de Kioto, descobriu o segredo do esmalte vitrificavel, e em suas mãos chegou a ser um objecto de rara belleza a porcelana de Kioto, não sómente admiravel pela dureza e coesão da pasta como pelo revestimento de verniz amarello creme onde os traços do desenho adquiriam uma finura do teia de aranha.

Outro verniz proprio da porcelana de Kioto era de tonalidade branco-perola com laivos de rosa desbotada. Ninssei obteve tambem encantadores matizes de ouro, castanho e chocolate e ninguém se lhe avantajou na precisão do modelado.

O amor pela porcelana decorada chegou até ao frenesi, e não houve em Kioto uma casa que não tivesse o seu forno e officina de trabalho. A mais importante destas officinas montou-a Kuzayemon no anno de 1620, com o nome de *Awata*, em que eram imitados os processos de Ninssei, decorando-se as peças com pigmento azul e negro e, finalmente, com esmaltes de cor.

Os antigos e escolhidos exemplares de porcelana *awata*,



*Jarrá de Kioto*

*Jarrão de Satsuma*

*Vaso de Imari*

são de pasta de cor compacta, verniz brilhante em camadas finas e uniformes e esmalte cuidadosamente applicado.

No fabrico de vasos sobressahe o artista Mokuhei, cujos processos foram, mais tarde, aperfeiçoados por Zengo Hozen. Conhece o geralmente pelo nome de Eiraku, notável pela sua habilidade na fusão da pasta e na sua inconfundível arte de decorar. As peças assignadas por Eiraku eram admiradas por todos.

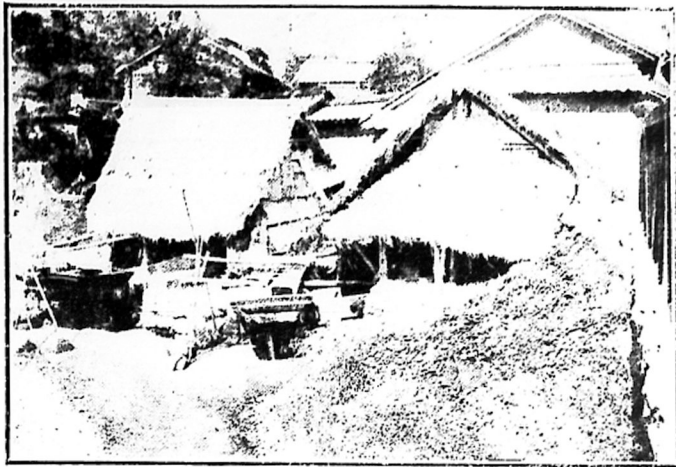
Na aldeia de Kutani, provincia de Kaga, Taichoji mandou construir um forno, nos annos de 1635 e 1660, no qual se fizeram amphoras e vasilhas para agua, segundo o estylo da velha porcelana de Seto. O bojo dessas peças era recoberto de uma camada de verniz cor de chocolate.

Não se sabe ao certo se os oleiros de Kutomi empregavam o subverniz azul juntamente com o esmalte. As principais cores eram o verde e vermelho, com supplementos de purpura, jalde, azul e ouro. Os desenhos consistiam em prizagens miniaturadas, flores, passaros voando e, ás vezes, creanças em folgedos.

De data mais recente é a porcelana de Bizen, de pasta arenosa roxeada, empregada, a principio, para a fabricação de utensilios caseiros. Mas, em meados do anno 1580, começou-se a elaborar a pasta com mais cuidado, o que melhorou consideravelmente o producto. As melhores peças estavam decoradas com um *mikazuki* (lua nova), ou um *kayezuki* (lua minguante) ou com a inscripção *Kobukei*, emquanto que as peças de qualidade inferior eram contornadas, em festão, por flores de cereja.

Hoje em dia tem degenerado a porcelana Bizen, segundo se pode coligir pelas suas figuras, que representam divindades obesas e monstros absurdos, que soem ver-se, actualmte, nos seus vasos e jarrões.

A porcelana de Higo é sensivelmente uma imitação da coreana, que se chama, no Japão, *unkoku*, que se avanta aquella pela belleza e delicadeza de execução. Começou a ser fabricada em Toda, onde o ceramista coreano Sonkai se estabeleceu em 1592, descobrindo uma excellente terra, propria para porcelana, na ilha Amakusa, com a qual fabricou as mais lin-



*Moinho onde se quebra e tritura a pedra com que se faz a porcelana.*

se irmanava a graça do estylo japonex com a brilhante polychromia de porcelana da China.

Até o anno de 1690, o governador da provincia de Setu mandou estabelecer uma fabrica de porcelana onde, inicialmente, só se fabricava a ceramica ordinaria; mas, para os fins do seculo XVIII, alguns operarios, tendo aprendido os processos de Arita, entraram a copiar, com exito, os modelos chinezes, e, auxiliados por alguns artistas de Kioto, lograram, por fim, imitar a porcelana verde-mar cujo verde brilhante é o encanto dos amadores da ceramica artistica.

No Brasil, nas cidades ricas e adeantadas, é muito prezada e apreciada a porcelana japoneza. Mas não se cuida que o serviço de porcelana que se ostenta em certas casas de tratamento, seja artistica. Poucas, pouquissimas são as casas, sem excluir mesmo as mais ricas de S. Paulo e Rio, que se podem gabar de possuir um serviço de Satsuma ou Hizen, authentic. As melhores porcelanas que se encontram e que são exhibidas ás vizitas como objectos de arte, são todas invariavelmente imitações, e, o que é peor, imitações grosseiras que fazem sorrir, logo ao primeiro exame, os entendedores.

Não vae nisso censura aos nossos patricios. Não lhes falta, porventura, boa vontade. Falta-lhes gosto educado, e, o que mais é, capitães mais largos para se darem ao luxo de possuir, para uso das vizitas de cerimonia, a porcelana authentic, o verdadeiro serviço artistico, assignado por nomes respeitaveis, que, mesmo no Japão, é rarissimo.

A moderna ceramica japoneza, se impressiona a vista pela transparencia da porcelana, pela delicadeza do desenho, pela inalterabilidade da cor e pela graça da factura de cada peça, está longe de constituir objecto de collecção. A moderna ceramica, sob a influencia do espirito americano e inglez, degenerou no industrialismo, perdendo, quasi de todo, o seu antigo caracter.



*Vista exterior de um moinho pulverizador da pedra de porcelana, que serve, no Japão, do succedaneo do kaolin.*

das, as mais encantadoras peças da ceramica japoneza.

Um rico mercador de Kuwana, provincia de Ise, chamado Kuwanaami Giorazemon, fabricou, pelos annos de 1760 e 1795, interessantes peças de porcelana *banbo*, que significa *incarnação*. Essas peças eram disputadissimas porque nellas

# Em torno da creança

## — Moda e hygiene

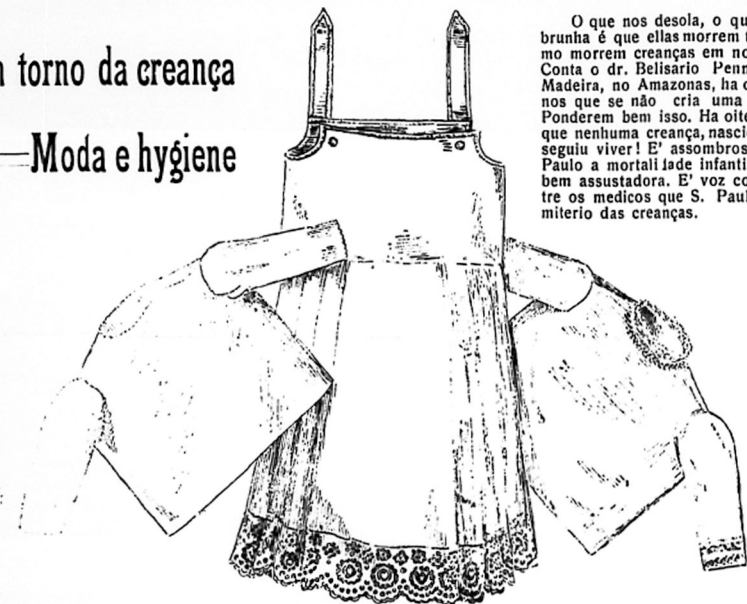


Fig. 3 — Paletósinho de flanela. Fig. 4 — Jakson de flanela cruzada. Fig. 5 — Camisa de batista.

A puericultura, que é a arte de criar filhos bellos e robustos, está, mesmo em nosso paiz, atrahindo a attenção de todos que se interessam pelo futuro da nossa raça e da nossa nacionalidade. Já não fallamos da «eugénica», que é um problema excessivamente complexo, para cuja solução é necessario até que se crie uma legislação nova. A proposito de puericultura, publicaremos no proximo numero um trecho da magnifica conferencia que o dr. Belisario Penna pronunciou em Ribeirão Preto no dia 9 do mez passado. Para esse trecho chamamos a attenção das nossas leitoras, rogando-lhes que meditem cada um daquelles conceitos que, sobre assumpto de hygiene infantil, emite o grande mestre.

Por emquanto, o de que vamos tratar é da moda primeiramente e depois de noções geraes da hygiene infantil ou, melhor, dos cuidados que se devem ter com as creanças no periodo tão delicado da amamentação.

Vale a pena preoccupar-se a gente com as creanças. Creanças e flores são as coisas que Deus poz no mundo para regalo dos nossos olhos e de nosso espirito. A creança tem alguma coisa de flor. A sua epiderme delicada e rosada assemelha-se a uma petala. E a sua gracinha? e a sua innocencia? e esse constante «porque?» que ella tem sempre nos labios, na avidéz de aprender coisas que ainda é cedo para comprehender? Como ellas são galantes e lindas!

Se nos interessamos tanto pelos petizes é tambem por causa do contraste que ha entre a vida delles e a nossa. A unica idade em que o homem ri, ri verdadeiramente é na infancia. Na idade adulta e d'ahi para diante, quando elle sente nos hombros todo o peso das suas responsabilidades, o riso, embora ás vezes seja espontaneo, tem um pouco do travo que as amarguras da vida lhe pozeram.

As creancinhas só sabem, as coitadinhas! que a vida é agradável, e manifestam o prazer da vida, rindo, rindo...

O que nos desola, o que nos acabrunha é que ellas morrem tanto! Como morrem creanças em nossa terra. Conta o dr. Belisario Penna que em Madeira, no Amazonas, ha oitenta annos que se não cria uma creança! Ponderem bem isso. Ha oitenta annos que nenhuma creança, nascida lá, conseguiu viver! E' assombroso! Em S. Paulo a mortaliade infantil é tambem assustadora. E' voz corrente entre os medicos que S. Paulo é o cemiterio das creanças.

Aparemos as creanças, cerquemol-as de cuidados, amol-as acima de tudo.

Mas, mudemos de assumpto e tratemos, para começar, da indumentaria infantil, que não deixa tambem, a par da hygiene, de ter a sua importancia. E' costume inveterado em nosso paiz enfaixar excessivamente os pequenitos. E' um martyrio para elles. E' preciso evitar esse excesso de faixas, de panninhos, que os entroxam e os torturam. A moda ultimamente tem procurado livrar os petizes de taes soffrimentos. Publicamos nesta secção alguns modelos, que são realmente recommendaveis, não apenas no ponto de vista da hygiene, mas porque são elegantes. Estes modelos são destinados ás creancinhas da quarta ou quinta semana para diante.

Gryphámos as palavras quarta e quinta semana, porque, conquanto seja mais hygienico deixar completamente livre o corpo das creanças, na maioria dos casos não se deve adoptar isso antes daquella idade, afim de evitar um resfriamento, sempre possivel, no inverno ou nas estações intermediarias.

O colletinho, (fig. 2), não deve ser usado até ao sexto mez. Até esta idade o menino vestirá uma camisinha, (fig. 5), um paletósinho, (fig. 3), uma calcinha, (fig. 2) e uma faixa, (fig. 1), para proteger o ventre.

Esta faixa necessita ser enrolada em duas voltas ao redor do corpo do menino, de modo que abrigue o ventre e os rins. Um vestido de flanela «jakson», (fig. 4), completa a «toilette».

A camisa deve ser feita de batista ou de fazendas usadas de linho fino ou algodão. As fazendas velhas são mais macias e as que convêm á epiderme sensivel das creanças. Como essa epiderme é muito sensivel, muito delicada e fina, não convém que as roupas internas sejam largas, para que não façam dobras,

As dobras, quando se accumulam, machucam a pelle e produzem nos pequenos certa impaciencia. Por essa mesma razão as roupinhas internas precisam ser muito simples, apenas com as pregas necessarias e sem ne-

num adorno. Exteriormente, apenas na gola e no punho das mangas, é permitido o adorno, e o mais bonito que se pôde empregar é a renda Valenciana.

O paletósinho posto directamente sobre a camisa deve ser de flanela cruzada, que é muito duclil. A flanela, como se sabe, tem o seu inconveniente e que consiste em encolher muito depois de algumas lavagens. Para obviar esse inconveniente, é aconselhavel, antes de cortal-a, mergulhal-a na agua tépida a que se mis-

cipalmente no inverno, e quando se lavar, dormirá a creança essa noite n'outro quarto, excepto na força do verão, porque lavando-o de manhã e deixando as janelas abertas, estará enxuto antes da noite. Cautela com a humidade que tem levado muitas creanças á sepultura.

#### Perigos provenientes da feita de cuidado com as creanças

A maneira de pegar nas creanças nos dois primei-

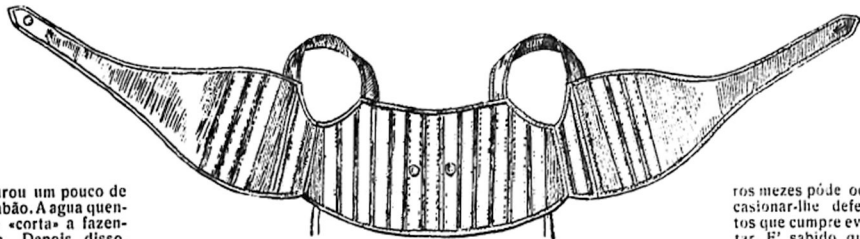


Fig. 6 — Collete

turou um pouco de sabão. A agua quente «corta» a fazenda. Depois disso, passa-se a ferro, antes, porém, de estar a fazenda secca. E' de bom aviso passal-a meio húmida, porque e flanela perde a aspereza que lhe deu a agua e torna se muito macia.

E' esta, em linhas geraes, a indumentaria que convem ás creancinhas. E' higienica e, ao mesmo tempo, elegante.

Tratemos agora da parte que diz respeito á hygiene.

#### O quarto de cama

O quarto de cama não deve ser pequeno, nem baixo, nem húmido, e occupará de preferencia o lado da casa onde der o sol, e que possa arejar-se facilmente. E' pessimo costume installar a cama em alcovas sem ar nem luz; pelo contrario deve-se preparar o melhor quarto, onde o ar seja o mais puro, e a temperatura igual e agradável, para que o recém-nascido possa respirar livremente.

O quarto deve ser arejado todos os dias, tendo-se, porém, cuidado com o frio e humidade, para não ter as janelas abertas muitas horas, principalmente no rigor do inverno, e devendo ser aquecido antes da creança voltar para elle.

Não se consinta que haja muitos trastes no quarto, porque tem o inconveniente de o tornar mais pequeno, e obsta á sua limpeza; nem se consinta que tenham animaes, como cães e passaros que ahi estejam todo o dia e noite.

Haja todo o cuidado em conservar sempre o maior asseio, não deixando ficar no quarto roupa suja, nem bacias por despejar, nem restos de comida, etc.; que não durmam no quarto senão as pessoas indispensaveis para o serviço da creança; que as luzes não sejam demais nem deitem mão cheiro, e que a lamparina da noite fique o mais afastada possivel. Afastem-se tambem as flores de cheiro activo, e finalmente tenha-se o quarto com a maior limpeza e simplicidade, para que o ar se conserve na sua maior pureza. O ar impuro é um veneno subtil e mortífero. Não ha nada mais importante para a saude que respirar bom ar.

Para conservar o asseio não é mister que o quarto seja lavado a miudo, antes convem o contrario, prin-

ros mezes pôde occasionalmente defeitos que cumpre evitar. E' sabido que em tão tenra idade não ha força bastante no pescoço para suster direita a cabeça, nem nas costas (espinha) para estarem sentadas, o que acontece principalmente ás creanças fracas; é preciso portanto tel-as sempre deitadas, e quando se lhes pega ou quando estão no regaço amparar-lhe a cabeça para que nunca a tenha inclinada para diante nem cahida para trás, ou, melhor ainda, deitadas sobre uma almofada.

A mesma razão que ha para não sentarem as creanças, ha tambem para não as apertar como é geralmente costume, pensando as mães que d'este modo ganham mais cedo forças para se sentarem direitas. Ainda mesmo que assim fosse, o que não é, não se devem anticipar os progressos da natureza

A muitas mães parecerão estas cautelas excusadas, mas é certo que muitas creanças teem sido victimas de molestias desconhecidas e de convulsões, que talvez procedessem de alguma causa que offendesse a espinha e que por não ter sido conhecida a tempo, se tornou depois incuravel. Quando se pensa no grande numero de creanças que morrem nos primeiros dois mezes de vida, devem-se dar por bem empregados todos os cuidados, que possam evitar que qualquer causa, ainda a mais remota e pequena, venha a prejudical-as.

#### Limpeza da cabeça

Algumas mães teem o prejuizo de não tirarem o «ermo» ou caspa grossa que cobre a cabeça das creanças,

julgando que é preciso conservar a para dar consistencia ás moleirinhas, e esperam por isso,

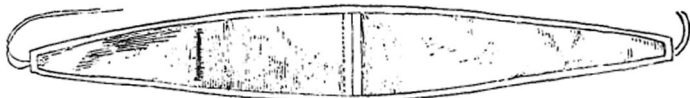


Fig. 1 — Faixa de flanela

que ellas fechem ou que a caspa se despeje por si. E' falta de asseio porque lhes não lavam a cabeça quando, pelo contrario, deve ser lavada todos os dias, e escovada com escova muito macia. Estas serão suficientes para despejar o ermo, mas quando assim não acontece, bastará untar com banha ou manteiga fresca sem sal ou cold-crean, não toda a cabeça de uma vez, mas partes e em diferentes dias, tirando sómente a caspa ou codea, que estiver levantada, muito ao de leve com um pente fino de pão de buxo. Os pentes de marfim, de osso ou de tartaruga devem ser abandonados.

Quando se podem expor as crianças ao ar livre

As crianças devem-se acostumar pouco a pouco, e não de repente, ao ar livre. Até que tenham um mês, raras vezes tiram vantagem de sair de casa, e mesmo depois depende da estação e do clima em que nascem. As que nascem no inverno exigem mais cuidado, não devem sair tão cedo como as que nascem no verão. Estas tem sobre as outras a vantagem de mais cedo poderem familiarizar-se com o ar, e de poderem estar mais tempo expostas a elle.

A alegria que mostram de sair quando já tem cinco ou seis semanas, prova que o ar livre lhes é proveitoso; e se o tempo estiver bom, poderão gostar todos os dias, mas bem agasalhadas, e os olhos resguardados da claridade muito forte.

Em tempo húmido, as crianças que tiverem menos de dois meses não devem sair. Em todo o caso o mais prudente é não se exporem ao ar livre antes d'esta idade.

As creanças nervosas e os banhos salgados

Não é preciso levar as creanças nervosas á beira mar, por causa da excitação que produz n'ellas o clima vivo das costas. Mas, ao contrario, uma semelhante moradia fará o maior bem aquellas que forem lymphaticas e frouxas.

Este preceito é geralmente conhecido pelas familias, mas estas tiram d'aqui muitas vezes uma conclusão talsa, e que se deve prevenir, para não privar as creanças d'um precioso meio therapeutico.

Ellas pensam, com effeito, que se o clima maritimo é contrario ás creanças nervosas, os banhos d'agua salgada devem lhes ser prohibidos; e está n'isso um grande erro. E' preciso, effectivamente, distinguir duas creanças nervosas.

umas o são, direi mesmo por essencia, e gosando de excellente saude. A estas a residencia á beira-mar não poderá prejudicar; quando muito será inutil: em geral servirá de utilidade.

Mas estas creanças fórman a mais pequena cathegoria dos nervosos. Na maior parte, as outras são de construcção definhada, e só por este motivo se tornam nervosas. Cessam de o ser logo no dia em que o organismo, depois de ter mais ou menos tempo vegetado, entra emfim n'um periodo de franco desenvolvimento. Mas este melhoramento do estado geral só pôde fazer-se lentamente, e eis a razão porque o clima maritimo não convém a esta cathegoria de creanças por causa da vivacidade da sua acção.

E' inteiramente neutro o effeito que produzem n'estas creanças os banhos d'agua salgada.

Não sobreexcitam o systema nervoso se se coeçar por pequenas dozes, 600 gr. de sal por exemplo, que se augmentam a cada banhos e assim chega-se a conseguir fazer supportar as creanças de 3 a 5 annos, e, 4, e 5 kilos desde o banho 12 ou 15. Sob a influen-

## Contra a fraqueza, nervosidade e dyspepsia, tomar phosphoro e ferro.

A grande maioria das pessoas fracas, nervosas e dyspepticas, desejosas de augmentarem suas forças e energias incorre infelizmente no grande erro de medicar-se com o primeiro remedio que vêm annunciado, sob o nome de fortificante, etc., sem verificar primeiramente a verdadeira causa de seu pessimo estado de saúde. Se ellas soubessem que a sua fraqueza e debilidade são devidas, não á falta de drogas, mas á deficiencia de seus orgãos digestivos e de assimilação em extrahirem dos alimentos todo o ferro, e phosphoro de que tanto precisa seu organismo, de certo que reconheceriam seu erro, e se explicariam porque os medicamentos tomados não lhes fizeram bem algum. O que taes pessoas precisam é auxiliar o poder assimilativo de seu organismo tomando por algum tempo com as refeições duas pastilhas do COMPOSTO RIBOTT (phosphato ferruginoso-orgânico) que é o tónico assimilativo e anti-dyspeptico mais effizac conhecido. Com o auxilio do COMPOSTO RIBOTT seu sangue tirará dos alimentos todo o ferro e phosphoro que seu organismo precisa, fazendo-o ganhar forças, ener-

gias e vitalidade com rapidez assombrosa. Muitas pessoas duplicam e até triplicam suas forças de resistencia ás duas semanas de tratamento. O COMPOSTO RIBOTT, por ser a base de ferro orgânico, na sua forma mais assimilavel conhecida produz milhões de globulos vermelhos no sangue, fortifica, dá vida e vigor, acalma os nervos, e é um poderoso vigorante para homens, mulheres e crianças. Se V. S. senie-se fraco, nervoso e abatido, se seu estomago não digere bem os alimentos e a pobreza do sangue incommoda-o com frequentes dores de cabeça, não espere mais um minuto e comece hoje mesmo a se tratar com o COMPOSTO RIBOTT. Esperar mais pôde ser de funestas consequencias para sua saúde. Seu proprio medico o recomendará. O COMPOSTO RIBOTT vende-se em todas as drogarias e farmacias acreditadas. Mandaremos amostras gratis ás pessoas interessadas que solicitem preços e remetam 400 réis para pagar o porte, etc. Unico depositario no Brasil: B. Nieva, Caixa Postal, 979, Rio de Janeiro.

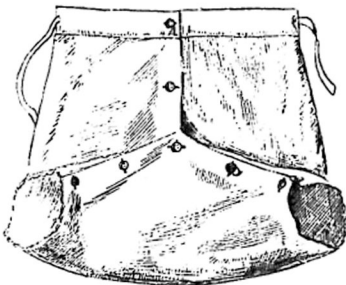


Fig. 2 — Calcinha de flanela

cia d'estes banhos, a vitalidade geral augmenta de forma sensivel, porque o appetite se regulariza, as digestões tornam-se melhores, o sono mais socegado, e o resultado d'esta melhoria geral é mesmo uma diminuição da grande impressionabilidade do systema nervoso d'estas creanças.

E estes pequenos nervosos que não podem supportar a resistencia á beira mar, o clima teria abana-lo violentamente o debil organismo, não só podem no fim d'alguns annos resistir a esta influencia climaterica, mas, pelo contrario, tiram o maior proveito para consolidar a sua constituição.

### O andar

Geralmente as mães tem uma especie de gloria em ensinar os filhos muito cedo a andar, e como estes não tenham ainda o vigor necessario para se sustentarem em pé, usam então para os ajudarem andadeiras, carrinhos e cestos, que os enfraquecem e podem atearlos. Mais valem esperar que andem por si, pois que as creanças que aprendem a andar por seus proprios esforços, são mais firmes, menos sujeitas a ficarem com as pernas tortas e peito acanhado, e menos arriscadas a cahirem do que as que ensinam a andar por aquelles meios. Os carrinhos e todos os aparelhos inventados para fazerem andar mais cedo as crianças, expondo-se ás quedas, fazem-nas medrosas e atrazam-nas mais ainda. Ellas andarão quando poderem andar, sem que para isso seja necessario que as ensinem e ajudem.

# ARTE DOS BORDADOS

## Festões

O festão é o bordado mais pratico que ha para servir de ornato á roupa branca, para enfeitar as toalhas de mesa e as fronhas de traveseiro.

Ha diversas qualidades de festão, mas o mais simples é o festão de bicos redondos. E' deste que vamos tratar em primeiro lugar.

1.º — A primeira coisa a fazer é seguir, com pontos para a frente, todos o contornos traçados: estes pontos podem ser bem compridos contanto que estejam bem unidos uns aos outros,

lado do primeiro, e assim por deante até que todo o festão fique coberto. E' preciso notar que, desta maneira, a agulha passa sempre *debaixo* do fio que está preso. Os pontos não devem ser muito fechados, mas regularmente deitados ao lado uns dos outros.

Como a linha inferior é forçosamente mais comprida que a superior, os pontos serão um pouco mais fechados sobre a primeira afastando-se sobre a segunda.

O festão de bico redondo é algumas vezes

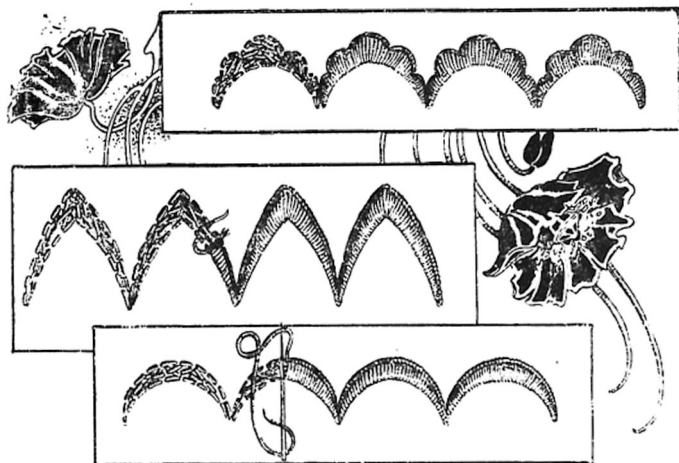


Figura 1

Os festões. Bico redondo, bico pontudo e festão de «bico de rosa».

2.º — Enche-se e espaço entre os dois traços por meio de pontos em todos sentidos. E' o "enchimento", que pôde ser mais ou menos cheio conforme o relevo que se quer dar ao festão.

3.º — Parte-se do angulo superior da esquerda e fixa-se o fio; segura-se o fio sob o polegar esquerdo, enfia-se a agulha sobre o rebordo superior do festão, fazendo-a sahir sobre o rebordo inferior do festão, esticando a linha até o seu limite. Segura-se de novo a linha debaixo do polegar esquerdo, faz-se um segundo ponto ao

substituído pelo festão de bico pontudo, como se vê da segunda fila da gravura. Para que a ponta fique bem rematada, é indispensavel fechar os pontos sobre o bordo superior e afastal-os sobre o bordo inferior.

Uma linda variante de festão de *bico de rosa*, onde cada bico é ornado, cada um de per si, de outros pequenos bicos arre londados. O modo de fazer é absolutamente o mesmo, como no festão commum. Para facilitar as leitoras, damos o modelo na terceira fila da gravura.

## O bordado inglez

O bordado inglez, propriamente dito, compõe-se unicamente de ilhós redondos ou ovaes.

E' mais prudente fazer o tecido sobre uma «moleskine», o que torna o trabalho mais facil e mais regular. A proposito de «moleskine» leia-se o que, com o titulo «Rendas de Veneza» escrevemos no numero 49 desta revista. Nesse numero damos tambem algumas noções sobre festão e a as diversas maneiras de tecelo.

1.º — Cubram-se, com pontos para a frente, os contornos traçados do ilhó.

2.º — Recorte-se, com a ponta de uma tesoura bem fina, o tecido onde está traçado o ilhó, contra os pontos para a frente.

3.º — Trabalhando da esquerda para a di-

Este trabalho deve ser bem regular. E' uma condição indispensavel, para que adquira bom aspecto

Advirta-se tambem o seguinte:

E' commum encontrarem-se nos motivos do bordado inglez séries de ilhós dispostos em rosario. Quando se apresenta este caso, não se deve terminar completamente um ilhó antes de passar a outro: faça-se a metade inferior de um ilhó, depois a metade superior do ilhó seguinte, a metade inferior do terceiro, e assim por diante. Voltaremos de novo ao principio por meio de uma segunda linha serpentina que correrá a primeira em cada ponto de encontro dos ilhós, e façam-se em seguida as metades que não ficaram completas na vez anterior. Dessa manei-



Fig. 2 — Bordado inglez

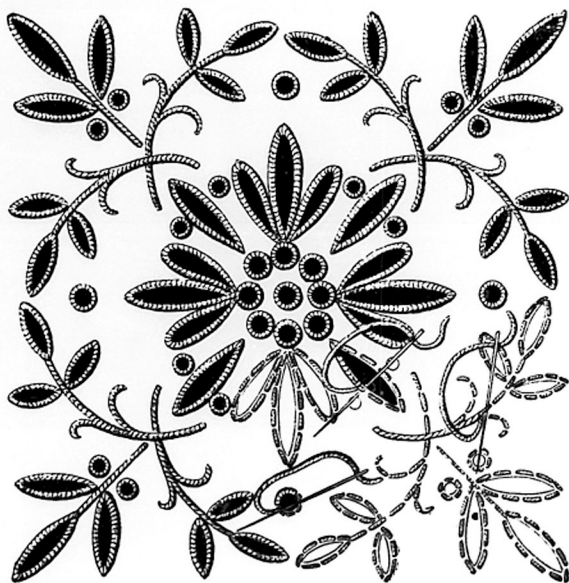


Fig. 3 — Quadro do bordado inglez

reita, desfia-se o rebordo da fazenda em pontinhos de «surget», collocados uns ao lado dos outros, por baixo dos pontos que cobrem o traço.

ra o trabalho ficará notavelmente mais forte do que ficaria se os ilhós fossem executados separadamente.

# Algumas variantes do bordado inglês



Fig. 4

1.º — *Bordado inglês com bridas.* Se um desenho é composto de motivos muito compridos, é aconselhável cortá-los com bridas transversaes. O aspecto desses vãos muito longos tem, muitas vezes, um efeito desgracioso no conjunto de uma composição. Seguindo os bordos de um motivo de pontos para a frente, se se encontra o pé de uma brida, estende-se um fio sobre ela e volta-se de novo

sobre esta brida enrolando muitas vezes o fio em torno della. Póde-se assim estender tres fios em vez de um para obter uma brida mais cheia e mais forte.

2.º — *Bordado inglês com relevo.* Para dar mais relevo a um desenho, póde-se alargar, sobre uma parte dos contornos, o bordado inglês. O traço simples é, em certo momento, substituído por uma linha dupla. Para esta parte do ilhó os pontos serão, pois, muito mais compridos que

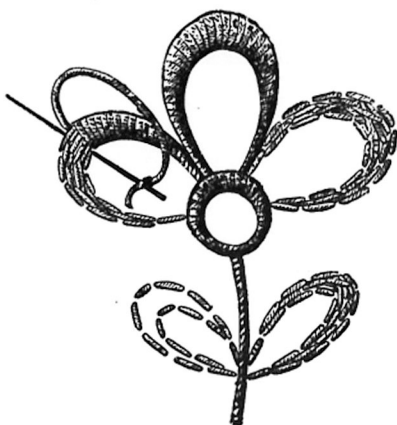


Fig. 5

para outra, porque é preciso que se não veja nada da fazenda entre as duas linhas. (Veja-se a figura b).

3.º — Uma outra variante consiste em festonar os bordos em relevo dos ilhós. Na segunda fila da figura 6 uma parte dos contornos desfiada como para o bordado inglês commum, a parte larga é festonada, depois de ter sido cheia. Na segunda fila, todos os contornos do ilhó são festonados.

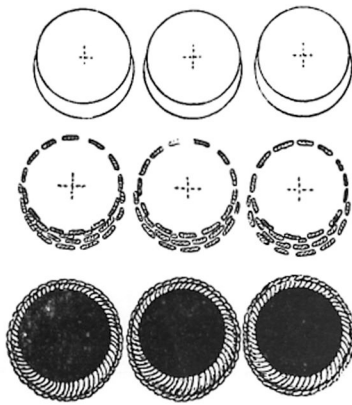
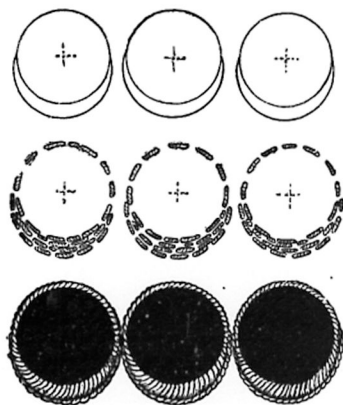


Fig. 6  
Ilhós de bordado inglês e ilhós festonados

## Ultimas criações



De todos os modelos recentemente, creados, este, pela sua simplicidade pela sua graça e por um quê que o torna inconfundível, é o mais interessante. Muito proprio para moças esbeltas. Usa-se em uma só côr. O cinto em meio tom.



Vestido inteiro com tunica. Os bolsos, postos aos lados, servem para dar mais realce, mas podem ser dispensados, caso se queira obter uma toilette mais simples.



Toilette elegantissima para sports. O casaco, que é muito simples e gracioso, serve de abrigo á blusa leve interior, propria para os sports ao ar livre. A saia pode ser escosseza ou de flanela creme. O conjunto, como se vê, é o que ha de mais agradável.

# A MODA

Na época actual não se pode cogitar muito de moda, principalmente da moda de inverno, que exige, mais que nas outras estações, certo luxo e sumptuosidade. Nem de outra forma podia ser, attentas as difficuldades de a vida, no momento presente, accarreta. Advirta-se que o algodão, o baratíssimo algodão subiu tanto de preço, que já se tornou quasi inacessível para as bolsas de numero escasso. E' isso devido á exportação, cada vez mais crescente, desse producto da nossa lavoura, que tem alcançado nos mercados europeos os preços mais vantajosos. Se assim é para o algodão, que se dirá da lã e da seda com que se fazem os tecidos de inverno ?

Entretanto, a despeito dos preços, quasi incríveis, das fazendas e dos preços assombrosos que atingiram todos os artigos de commercio, como tecidos, calçados, generos alimenticios e outros igualmente indispensaveis, a despeito da crise tremenda que assoberba todas as classes, a população elegante da capital continua a manter, não se sabe por que preço, a mesma attitude, o mesmo luxo e o mesmo gosto de vestir que mantinha na phase, relativamente farta, que antecedeu á actual.

Não curemos de indagar se, para sustentar a elegancia a que estavam habituadas, as familias paulistas têm cortado fundo nos outros orçamentos domesticos, sacrificando os confortos do lar ás elegancias exteriores. Isso são coisas que mais interessam aos srs. psychologos feministas do que a nós, simples chronista da moda. O que nos preoccupa, pelo menos neste momento, ou melhor, nesta secção, é a moda. Só ella nos enche o espirito e a imaginação. Todos os demais problemas da vida, sem excluir os mais importantes e aquelles que reclamam mais urgente solução, estão relegados para um plano secundario.

O problema da moda adquire, ás vezes, tal importancia, que sobrepuja até o proprio problema do pão. Entretanto, forçoso é reconhecer que o alto preço da fazenda tem influido, de uma maneira bastante sensível, nos modelos recentemente creados. Já se não usam hoje, como antes, os grandes gastos da fazenda nas larguras da saia.

A saia continua curta e mais escassa na roda, o que constitue, por menos que o pareça, uma notavel econo-

mia. Os chapéus são simples, de feitura graciosa. Já se não vem as plumas legitimas de avestruz, tão proprias desta estação hybernosa. As plumas foram substituidas por outros attributos de ornato, que, se se não impoem pelo luxo, se recommendam, entretanto, por uma graça lindamente original.



A casa que continua, em S. Paulo, a lançar a moda, vulgarizando as creações, é a Casa Mappin. Os trabalhos executados em seus vastos «ateliers» de costura, quer os artigos de roupa branca, quer as formosas «toilettes» de passeio e theatro, estão atrahindo a attenção das senhoras elegantes pela commodidade dos seus preços. A sua secção de fazendas possui um consideravel stock e de se vêm os tecidos mais modernos. Apesar das difficuldades de transporte, essa casa conseguiu importar finissimas sedas e mais tecidos, sem falar em outros accessorios indispensaveis á «toilette», como leques, meias de seda, luvas francezas de pellica, bolsas, etc., de que tem os mais variados sortimentos.

As senhoras elegantes precisam vizitar a diversas secções de que se compõe esse estabelecimento para observar os innumerous recursos que offerece em questões de moda e o gosto que preside a todas as creações que saem das suas officinas.

Os seus preços tambem são realmente surprehendentes. E' bem de ver, que o preço dos tecidos, e principalmente, dos tecidos de luxo, devido ás taxas de guerra impostas aos exportadores e ás difficuldades de transporte, é sempre elevado. Mas a Casa Mappin, graças ás condições vantajosas em que conseguiu importar os seus artigos, pode concorrer em preços com as suas congeneres.

Felizmente que aos dias frios se vão succedendo, aos poucos, os dias quentes e illuminados de sol.

O inverno, segundo indicam as folhinhas, prolonga-se até 22 deste mez; mas é possivel que, muito antes desse prazo, se façam sentir os primeiros calores da primavera que se annuncia. Vindo os dias quentes, são dispensaveis os abafos de inverno, o

que, como é de ver, constitue uma notavel economia para a toilette. A indumentaria de inverno é sempre cara, em qualquer epocha, e principalmente nesta epocha onde até o superfluo se vende por preços assistadores.



## Que vida... hei de seguir?

Problema grave e não menos difícil é aquele que se apresenta ao chefe de família no momento em que o filho lhe pergunta: meu pae, que vida hei de seguir?

Interrogação embaraçosa, a que não se responde sem certa hesitação, mormente nos tempos presentes, em que a lucta pela existência é assasmente intensa, ardua e penosa.

O pae, que vive apenas do seu trabalho, contenta-se apenas em proporcionar ao seu filho um pequeno officio depois de lhe dar uma illustração imprescindível e rapida. E, deste modo, lhe garante um logar na sociedade, embora modesto, onde exercer, com honra, a sua actividade de moço, e assim esquivar-se, sem custos, das insidias do crime e das seduccões do vicio.

Se attendermos, porém, ao chefe de familia, que dispõe de alguns recursos, havemos de observar que a sua preocupação principal não é estudar as tendencias do filho, nem os limites da sua intelligencia, nem ainda a intensidade da sua energia, mas dar-lhe uma posição de *élite*, onde possa fazer dinheiro e estadear os brilhos dum logar de destaque.

Não são poucas as desillusões que, sob diferentes aspectos, resultam desta maneira de pensar.

Dispondo de fortuna escassa e proporcionando ao moço uma posição, quasi sempre de cathogoria superior áquella que occupa, succede, não raras vezes, que o bom do progenitor, depois de soffrir toda a sorte de privações, passa, na hora das realidades, pela dôr pungente de se ver esquecido por aquelle em quem pretendeu incarnar a gloria e as ambições aristocraticas da familia.

Possuidor de um diploma, que o eleva acima do vulgo social, o bacharel inexperiente deixa que a vaidade tome conta de si, e, dentro em pouco, orgulhoso e ingrato, roça pela balsa do pae como se fosse um desconhecido ou um importuno que é preciso evitar. Devemos dizer que este caso, em virtude da boa educação da nossa juventude, é raro no meio em que vivemos. Mas, apesar da raridade do facto, será sempre um diploma de bacharel meio seguro para que um individuo triumphe na arena esbrazada da lucta pela vida?

É este o ponto essencial da questão. Quando um chefe de familia resolve proporcionar a um dos seus filhos uma carta academica pensa elle que, ultimados os estudos, basta dar-lhe uma porta brunida e abrir-lhe um escriptorio luxuoso, para que possa entrar no numero brilhante dos triumphadores auzades e dos felizes invejáveis.

Puro engano.

Apezar do esmero do seu preparo, vel-o-á tropeçar continuamente no caminho das concorrencias, e perder-se por entre a multidão dos diplomados, que, de anno para anno, se avo-

luma, agravando mais e mais a sua situação já bastante embaraçosa e difficil.

Daqui, as decepções, os descontentamentos, a invasão da politica, o assalto aos logares burocraticos, numa palavra — a perturbação no lar, cujo chefe vendeu tudo para educar um filho, e que, agora, se vê forçado a dar-lhe do pão, que ainda resta, para não morrer de fome.

E eis reduzido á inutilidade um moço cheio de vida e aptidões sem occupação e com direito a ella; por que, digam o que disserem, quem, depois de alguns annos de trabalho, conquistou um diploma, tem direito a ver compensados os seus estudos e minorados os seus sacrificios.

Longe de nós a ideia de limitar os estudos superiores. Seria dar um passo para traz no caminho do progresso e da cultura do paiz. Nunca é demais diffundir a instrução em todas as classes e sob todos os pontos de vista. Queremos que o ensino superior se alargue em todos os campos e que delle venha a luz que purifica as almas e orienta as nações.

Apenas julgamos necessario orientar este ensino, de modo que, em vez de creamos um sem numero de *theoreticos*, condemnados de ante-mão á inactividade, eduquemos uma legião de profissionais, capazes de impulsionar scientificamente e praticamente o desenvolvimento e progresso da nossa terra, tudo cheia de riquezas e encantos, que são o enlevo e a felicidade de tanta gente que nos vem de fóra.

Mas, por um defeito, talvez, da nossa raça, parece que sc'firmos do mesmo vicio classicismo theorico, que tanto enferma a escola das nações latinas, onde, apezar de reformas successivas, difficilmente comecam a pôr em execução methodos praticos, já utilizados e realizados pelos povos da Norte America e da velha Inglaterra.

A solução deste problema, que apenas esboçamos, é, como todos estão vendo, de flagrante opportunidade e de palpitante interesse publico e social.

Não é só aos chefes de familia que compete resolver-o, affastando os seus filhos de profissões já muito exploradas, e, por consequencia, improduttivas. É' tambem aos poderes publicos, dando ao ensino uma direz. principalmente pratica, e proporcionando carreiras mais garantidas á mocidade estudiosa das nossas escolas superiores.

Paulo de Chasso.

## Notas de sciencia

### O vapor dos vulcões e o seu aproveitamento

O vapor lançado pelos vulcões nunca foi aproveitado. Perdia-se, ou, quando muito, era empregado em aquecimento domestico. Na Toscana Central existe uma região onde jactos poderosos de agua quente esguicham por grande numero de aberturas do terreno, lançando-se para o alto. Essa agua contém acido borico e outros mineraes e gazes que são

aproveitados nos estabelecimentos de chimica do districto.

Antes, como se disse, perdia-se esse vapor; mas, desde 1903, o principe Ginori-Conti, presidente da *Societá Boracifera di Lardarello* tem procurado utilizar os jactos de vapor ou *solfonni* como força motriz.

Os seus primeiros esforços obtiveram mediocre resultado, mas quando elle brocou a dura camada de rocha, 300 ou 400 pés abaixo da superficie, na propria fonte do vapor, alcançou amplo e constante fornecimento.

Os furros brocados são de 12 a 20 polegadas de diametro e por elles passam os canos de ferro. Dá abundante suprimento de vapor com uma pressão de duas a tres atmosferas, excepcionalmente chegando a cinco atmosferas e variando em temperatura de 150 graus C. a 100 graus C. (502 F. a 212 F.)

Em 1906 esse vapor vulcanico foi primeiro empregado numa machina a vapor commum de 40 H P.; mas os saes de borax e outros estragavam os machinismos.

Então o vapor superaquecido foi applicado, não directamente na machina, mas numa caldeira multitubular, onde é usado em luga de combustivel, para fazer vapor de agua commum. O vapor assim produzido á pressão de duas atmosferas, passa por um superaquecimento e então é usado numa turbina a vapor de 300 H P., directamente ligada com um gerador electrico de tres phases.

Essa usina de experiencia foi muito bem succedida, supprindo torças para as fabricas e aldeias em torno de Lardarello.

Depois da declaração da guerra o seu exito levou o principe Ginori-Conti a desenvolver uma usina em maior escala, que se installou em 1916.

O vapor natural dos *solfonni* depois de aquecer as caldeiras é utilizado nas industrias do borax.

A força é transmittida por conductos aereos á Florença, Lephron, Voltenas e outras cidades da Toscana. Durante o dia a força é usada nas fabricas de munição e de outras industrias; e á noite é parcialmente empregada na illuminação.

A nova exploração tem dado um grande beneficio industrial na Toscana, onde o preço do carvão é actualmente muito elevado.

Identica utilização do calor vulcanico vae tambem ser aproveitada em Napoles, onde o solo na profundidade de 100 pés, é de calor vermelho.

O emprego do calor interno da terra depende, entretanto de condições physicas excepcionaes. Um engenheiro norte-americano, Nathaniel B. Wallis, lembrou que essas condições podem ser produzidas artificialmente. O augmento de temperatura da camada de terra está na proporção da profundidade. Ha muitas regiões em que essa proporção é excedida. Uma localidade de Idaho, Boise, os pozos de 400 pés de fundo dão 800.000 galões de agua diariamente, á temperatura de 170 graus.

O plano de Mr. Wallis é cavar um poço para cans, onde quer que as condições geothermicas sejam favoráveis, até penetrar n'uma camada de alta temperatura, isto é, 350 a 450 graus Fahrenheit ou mais alta. Em torno desses, outros encanamentos seriam collocados. A agua seria injectada na camada mais quente, onde absorveria o calor circumstante, sendo transformado em vapor.

O custo da manutenção de um estabelecimento geothermico é quasi nullo; só as primeiras despezas são grandes pela installação das machinas e a perfuração dos pozos.

# A expiação da crueldade



Primeira, segunda e terceira etapas da crueldade.

A maior parte das nossas leituras não gostam, por certo, das gravuras antigas, e compreendem, de preferência, em demorar os olhos nas páginas das revistas modernas, onde a arte photographica tenta fazer concorrência à verdadeira arte da gravura. Mas, seja como for, chamamos a atenção das leitoras para as gravuras que illustram esta obra. Foi as Hogarth, um dos maiores agnathofistas do século XVIII. Hogarth foi, na sua arte, um moralista. Nestas quatro composições, porém, revela-se elle um humorista, um humorista à moda antiga, já se vê. "A crueldade" é o título de uma poesia inglesa, e Hogarth, inspirando-se nella, traçou esses desenhos, que, apesar do antigas, não deixam de ter, ainda hoje, o seu interesse.

Meditemos o conteúdo das gravuras. A crueldade, a maldade, a dureza de coração ou o impulso da covardia, toda essa porção de instinctos máos que tem o homem são representados somente em quatro categorias.

Na primeira das gravuras vê-se um grupo de meninos, seguramente garotos da rua, atando qualquer coisa à cauda de um cão. Devo ter muita graça, para um garoto, já se vê, a ser obrigado ao desespero de um cão, que, com uma lata amarrada à cauda, vai a correr pelas ruas, soffrendo, a cada impulso da cauda, o choque de lata sobre os flancos. Só com a meditação da tortura, sente-se a gente enfiada de horror. O que não obsta a que haja indivíduos que se divertam com tal espectáculo. Na mesma gravura vê-se dois garotos, que, agarrados ás pernas fazem de um terceiro cão, se divertem enormemente em torturá-lo e no seu olhar plano, ao centro, um momento, alvejado, mostra um garoto a briga, aproveitante para a lida, aquella espécie de "cão de caçadores" (cão de tira ferra). Felizmente, entre nós, a modo das rinhas de gallo peçonha. No Rio, quando dá a essa horripilante desporto um certo peço digno era Pinheiro Machado.

Na segunda gravura vê-se um homem, dando pancadas em pedras muias muias indolentes. Um maltrato um cavallo, outro, uma ovelha, e por toda a rua vê-se a soma da maldade.

Na terceira, a crueldade se exprime em outro ser que, em não poucas occasiões, é um dos máos indolentes e indolentes, a mulher.

A última é mais interessante e mostra uma atrocidade mais demorada. O leitor que attentar bem nella, ainda nella se desliza da pintura de uma scena iniquitissima. Parece que um verdugo está, occupado em furar um dos olhos da victima, outro, armado de um estylo, abate-lhe os olhos, e outro ainda, tendo-lhe o cogido o ventre, extrahilhe os intestinos. A propria cara da victima, tem uma expressão trágico-comica de quebra e soffrimento que não se sabe dizer se inspira compaixão, move ao riso ou causa horror. Se se trata da expiação de um acto cruel, é irreparavel que essa expiação é mui cruel que o delicto. Mas não se trata disso. O assumpto do quadro é bem diverso. Attentando-se bem na figura central, observase que a victima traz uma corda ao redor do pescoço. Trata-se de um enforcado, e a bocca, que conserva aberta, tem a expressão propria desse gráo de morte. O assumpto do quadro é um rito de anatomia. O artista, attendendo, como o seu humorismo maebar, o máo gosto da sua criação, juntou-lhe portadores phantasticos e graciosos. O coração do enforcado rolou para o chão, preso á ponta do intestino. Um cão que, por acaso, alli entrou, fareja a victima, muito enrubescido, e apanha nas pernas, recioso da sua curio-

sidade. Os doutores, em torar, graves na sua banca e no seu capião de capa chata, á moda academica, commentam a necropsia.

Este quadro tem alguma coisa de estranho. Naquelle época, aproveitavam-se os cadáveres dos justificados para experiencias anatomicas. Parece que a morte pela forca não era castigo bastante para a punição de um delicto; porisso, a victima era utilizada nos amphitheatros.

Como se vê, os tempos mudaram, e o que é para extrahir, mudaram para peor. Como hoje já não ha enforcados, pratica-se a autopsia, para experiencias entre estudantes de anatomia, nos indolentes que morrem nos hospitais. Esses indolentes não praticam outros crimes senão o de viver na miséria e morrer sem deixar parentes nem amigos que lhes reclamassem o corpo para a sepultura. Outros tempos, outros costumes.

Este systema de utilizar o cadaver para a arte de extrahir a pedra da hexiga, do rimado de Luiz XI. Até então não se conhecia a arte de extrahir a pedra da hexiga. Quem tinha pedra na hexiga era obrigado a descer com ella ao tumulo. Os medos podiam ter sido os que lhes comessem a pessoa de um tempo agozela, e demandada á morte e que padecia, havia muito, dessa era, a pedra para ensaiar a extracção da pedra por meio de uma operação cirurgica. Os medicos que solicitaram ao rei esse favor, necessitaram em sua petição, a proposito da operação cirurgica, estas palavras: Esta operação não pode ser legitimamente tentada senão num condemnado á ultima pena, o que quer dizer, um homem que tivesse de morrer de todos os modos.

Naquelles tempos a era sacrilegio servir-se o tumulo, para estudo anatomico, do um cadaver humano, porem, como esse estudo, em Franca, até depois do Rei XI, não se considerava um sacrilegio, como era terminantemente prohibido por lei. Para isso era utilisados os animaes, particularmente macacos, cães e porcos. Não é improvavel que Hogarth, ao ver o costume da a fazer a victima humana, tivesse a proposito de lembrar a de que da raça humana, foi sacrificada, antes, como agosta, pelos operadores.

Luiz XI accedia á solicitação dos doutores, sob condição de que o réo consentisse em deixá-lo operar; proprio rei, para propizição a operação, prometteu-lhe a graça e uma boa somma em dinheiro, caso pudesse sobreviver á experiencia. O réo não frepido um minuto. Entre a cortez de usar na forca, dahi a horas e a probabilidade de escapá-la morte dahi a minutos, não vacillou. Aceitou e entregou-se á mão dos medicos.

É preciso advertir que a operação era arcaica. Arcaica, porque ainda não era conhecido o processo de extrahir a pedra, porque os apparellhos eram de fórma grossa e primitiva. Accretee ainda que, por falta de anestesias, essa desobediencia se fez um século depois, ninguém queria submeter-se á operação, pelo horror da tortura.

O franco-arqueiro, como é de ver, soffreu com piedosa as dores mais atrozes. Extrahido, felizmente, a pedra, restabeleceu-se. Recobrou a liberdade, entrou na posse de uma fortuna, e morreu em estado avançado. Luiz XI comprou a sua palavra, o que é para admirar. A expressão: "palavra de rei não volta atrás", foi coisa que nunca sou aquelle cruel monarcha, que escriptava em nunca cumprir as suas promessas.

Dahi em diante a operação aos vivos deixou de ser, para felicidade do homem e gaudio da sciencia, um sacrilegio.



Quarta etapa da crueldade. Agua-forte de Guilherme Hogarth (1697 — 1794)

# O BURITY QUEIMADO

EM QUERIDA MIMAMÉ

Altaneiro e esguio, dominando as árvores franzidas do monte e sobrepujando a todas em beleza, elegancia e altura, o grande burity revelava na airosa linha do longo espique o orgulho natural e insolente dos favorecidos da sorte, que sentem em si o poder da superioridade e o proclamam.

E a sua vida corria placida e feliz.

Nas formosas manhãs, banhadas da grande luz doirada, voltado para a serra azul-amethysta ticitillante aos primeiros raios louros e tepidos do sol, o burity, num longo farfalhar das grandes palmas verdes saudava o dia, enquanto os arbustos fracos e retorcidos da collina tinham fremeiros de odio e arrepios de indignação na magra carcassa de eternos invejotes e eternos humildes.

E o primeiro beijo luminoso e ardente do sol era para o corpo esguio e altivo do burity formoso, voltado para a serra azul num perpetuo enlevo.

E a sua vida era um continuo triumpho fosse maio ou setembro: abotossante as arvoredas do despertar primaveril da natureza ou a secca causticamente calcinada a terra com chicotadas de fogo, semeando a morte.

— 0 —

Mas um dia... dia nefasto, trabalhadores robustos munidos de machados e foices roçaram e derrubaram a pequena eminencia de terreno, onde pontificava o burity — immovel fakir na posição hieratica de prece — as longas palmas unidas em invocação, voltado magneticamente para a Serra Dourada cujo perfil de Deusa se recortava no seim luminoso do céu goyano.

E um dia depois, quando, de pé só ficara o burity e o solo estava juncado de arvoredas decapadas, ramos cortados e folhas secas — ... nesse dia... o burity foi o unico habitante vegetal da collina, cantou sozinho, glorioso e unico, num grande rormorejar das asperas palmas a victoria delirante do proprio eu!

E esse dia... em agosto... o sol queimava e as arvoredas derrubadas e os tenros arbustos formavam grosseiro tapete aos pés do burity.

E a collina era desoladamente triste e nua, secca e feia; e só, no alto, sentinella solitaria vigiando a serra, o burity redemonhava um delirio de orgulho as palmas farfalhantes, cantando altivo a gloria de viver e gozar, quando a seus pés tudo era tristeza e morte.

E o sol queimava e no silencio da terra incandescente só se ouvia o estridular frenetico das cigarras.

A tarde cahia desolada e quente e a noite descia morna e triste sobre a natureza tragica; e o burity esguio de grandes palmas fortes erguidas para o céu olhava para a serra azul, suave, envolvida na bruma cinzenta do fim do dia.

— 0 —

Chegaram os ultimos dias de agosto. Em volta do burity, as arvoredas derrubadas e os arbustos ceifados formavam uma floresta baixa e emmaranhada de galhos secos e folhas mortas, estalando ao minimo contacto.

O sol queimava como fogo e um vento forte — halito ardente da terra febril — soprava.

Chegaram, então, os mesmos homens de aspecto sinistro, munidos agora de grandes molhos de palha inflamada; e foram roçando a collina cautelosamente, lentamente, como quem vae praticar um crime.

E, como por encanto, por onde elles passavam, surgiam pequeninas luzes doiradas, tremulas e scitillantes.

E um instante depois, as pequeninas luzes doiradas, semelhantes a estrelas, transformaram-se em grandes labaredas rubras, oscilando ao vento; e o estalar aspero e incessante da madeira secca era o ultimo queixime das arvoredas irrobundadas.

— 0 —

As chammes crescem sempre e sempre, investindo para o céu as linguas rubras, coleando como serpentes, silvando e torcendo-se em uma dança macabra e phantastica.

O burity viu a chamma doirada e cruel, cercando a collina com suas cadeias de fogo; viu as linguas rubras acossadas pelo vento, correrem para o alto, onde, elle, impassivel e altaneiro, tranquillo e indifferente, cantava o hymno do orgulho, formoso como o dia, brilhante como o sol.

O trabalho do fogo crecia.

A fumaça cinzenta, depois amarello-negra, livida e esverdeada, toldava o céu e occultava a chamma.

E, de longe em longe, grandes labaredas vermelhas mordiam a fumaça e saltavam diabolicas sobre o fumo espesso que subia para o céu pesadamente.

E o estalido pequeno e claro da madeira secca mudou-se num concerto medonho de todos os rumores sinistros: o ribombar soturno do canhão, a voz cava de um trovão longinquo e mesmo o desmornar pavoroso de grandes predios.

E o vento ajudava o fogo. A collina tornára-se uma fornalha immensa, enorme brazeiro, que a fumaça negra e espessa cobria como um petado reposteiro.

— 0 —

O burity está cercado pelas chammes subitas. Ha muito que o seu corpo tem violentas crispações e arrancos terriveis. A fumaça envolve-o todo num ardente sudario e as palmas rudes, largas e fortes, rasgam o céu num brasejar doloroso e cruel de agonia...

E as chammes crescem e se multiplicam na ancia doida de tudo devorar.

Pequenas fagulhas de ouro pontilham as largas folhas do burity, quaes envenenadas teitas; e elle agoniza lentamente — o ultimo ser vegetal — vivo ainda no incandescente solo da collina incendiada.

— 0 —

O fogo decrece. As chammes expiram exaustas de destruição. E no alto da collina, no fundo cinzento da fumaça que se abre e se esgarça, quasi branca, o burity erecto e immovel, com as palmas retorcidas e queimadas, salpicadas de luz — dolorosas joias engastadas na sua carne — tem no longo corpo um altar aberto, onde queima em holocausto o seu coração orgulhoso.

— 0 —

A tarde cae mansa e triste, cançada e meiga. Já não sopra a menor viração.

A collina é um cruzeiro immento donde emergem tócos de pau das mais variadas formas, dando a illusão de uma modesta necropole com pequenas cruces e toscos monumentos mortuarios.

E, na verdade, a collina é bem o cemiterio de mil vidas formosas, ceifadas pelo homem: borboletas e insectos, arbustos e flores, arvoredas e fructos, — tudo está amortalhado debaixo da cinza branca e ardente da queimada... mas, firme, de pé, esguio e altaneiro, eil-o no mais alto da collina — o burity orgulhoso!

As suas palmas estão crestadas e retorcidas em dolorosos espasmos e no longo espique está aberto um altar — brazeiro e chammes — que o ferem, que o mordem, que o queimam, que trituram suas entranhas e seu coração duro e insensivel de orgulhoso!

E as chammes se cançaram e morrerão sem alimento e sem forças, quando tiverem devorado as tuas entranhas — burity orgulhoso! mas o teu corpo permanecerá erecto e duro, impassivel e firme, na tragica amargura da terra desolada — cadaver embora, — chorando no silencio a dolorosa melopodia do orgulho.

— 0 —

Quando chegar o bendito tempo das aguas e as chuvas bem-fazejas transformarem a terra toda num risonho oasis, talvez eu te veja, burity formoso! resuscitado e bello, cantando o hymno soberbo do teu orgulho no brande roçar das tuas palmas verdes!

# CHOOO! PAN!

A CIDADE dividirá do caso. Não obstante, aquele monjolo do Dito Nunes, no Varjão, foi durante mezes o palhaço da zona. No bairro dos Forungas sobretudo, onde assistiu Pedro Forunga mestre moineiro de bem soada fama, fugavam-se à conta das trapalhadas do engenheiro raso sem fim.

Ambos sitiantes em terras próprias, conviviam separados pelo espigão do Niuce, e para malquerença do proveniente de caçada.

Nunes lavantara uma casa, certo domingo, mas a bicha dobrando o morro, chegou de frente com um filho do Porunga casadamente a lenhar por allí. Zás! uma fagulha no topo do apê dá com ella em terra. Até ali nada. Mas como sem no mesmo mandar um quarto de presente ao legítimo dono. Isto foi agravar. Porque afinal de contas era uma paca de nomeada. Sabida como um vigário, dizia o Nunes, nem cachorro mestre, nem mundo podiam com a vida della. Escapuliza sempre. A gente do outro lado não ignorava isto. Paea velha e matava a tem sempre a biografia em bocca dos caçadores. Ora, justamente no dia em que por uma batida feliz apanhavam-na desprevenida, fazer aquillo o Porunguinho? Mas uma criança, como o pae não approvou? Não disse, entre risadas, o Nunes que se fomenta? Haviam de pagar.

Veiu debi a malquerença. O espigão vinha do período um pouco mais remoto em que a crosta da terra encorcorou.

Aggravava a dissensão uma rivalidade quasi de caste.

Nunes pertencia á classe dos que decaem por força de muito calcaça na cabeça e muita saia em casa.

"Filho homem" só tinha o José Benedicto, que chamavam o Pernambuco, um paracoste de tal altura apesar do bem entrado nos sete annos. O resto era uma "recula" de "familias mulheres". Maria Benedicta, Maria da Conceição, Maria da Graça, Maria da Gloria, um rosario de oito Mariquinhas de sala comprida.

Tanta mulher em casa amargava o animo do Nunes, que nos dias de calcaça ameaçava a legião de todas na lagda, como uma ninbada de fadas.

Consolava-se amimando Pernambuco, que aquelle ao monos logo estaria a ajudá-lo no cabo da cidade, enquanto o mulherio inutil palmeria por allí a espalhar-se ao sol.

Pegava então do menino e dava-lhe a lingua. A principio com caretas, que muito divertiam o pae, o engranagem pegou lesto no riso. Bebia e fumava, muito sóbrio, com ares de não deste mundo. Também usava faca de ponta á cinta.

— Homem que não bebe, não pita, não tem faca de ponta, não é homem, dizia Nunes. E o pequirio, conscio de que era homem, já batia nas irmãs, cuspihava de esguelha, dizia nomes á mão, além de muitas outras coisas proprias de homem.

Usa serigata americana, em vingem de descoberta ao Brasil, notou em livro de impressões que os meninos da roça pitavam e usavam grandes facas na cintura. E tinham arcos de pequenos facinoras o que sobriemente a arripava de horror.

Excelente senhora!

A observação não passou sem rebate. Um pae hospitalar e amigo do poiz, publicou no Rio um folheto desagravando a dignidade nacional, a honra da patria e mais coisas offendidas pelos alicives da americana.

Excelente amigo!

E, de mim, fgo neutro; não juro pela Mãe, nem pelo Reverendo. Não affimo que Pernambuco com sete annos pitava, usava lapaena e bebia calcaça, invenção a que se não atreveu a calumniosa detraçtora.

Do outro lado tudo já pelo contrario. Comedia no stingo. Pedro Forunga casara com mulher senata que lhe deu seis "familias", tudo homem.

Era natural que prosperasse, com tanta gente no esto. Porisso semeava cada anno alguns alqueires de milho, tinha dois monjolos, moenda, sua manduquinha, sua canna, além d'uma egua oleia e duas porcas de cria.

Caçava com espingarda de dois cannos, "imitação de Laporte", boa de chumbo como não se apontava melhor.

Morava em casa nova, bem colmada de sapé de boa luz, aparada a linha, com mestrin no bastão, os estijos postos eram de madeira lavrada, e as paredes revestidas a mão por dentro, coisa muito fina.

Já o Nunes, — pobre Nunes! não punha na terra nem alqueires de semente.

Teve egua, mas barganhou-a por um capadeto e uma espingarda velha. Comido o cavate, tratou de agia o caso da picapau, d'um caso só e manhosa de tardar o fogo.

A sua casa de esteios rollicos e portas de embaúba ruidadas, muito encorciada de picumam, prenunciava tapera proxima.

Porco nenhum. Gallinhada escassa.

Ao cachorro Brinquinho não lhe valla ser matre porque de fato andava de barriga fca de costas, com bernar no toitico. O pobrezinho caminhava dez passas e, morrido, parava, punha-se aos redopios sobre os quartos trazeiros, tentando inutilmente abocor o possivel instigavel. Que pressa. Cachorro é bicho ladino e o matto anda cheio de prás atolalhadas.

Tudo mais no Varjão afinaava pela mesma corda.

Foi quando contraria ao Nunes que Pedro Forunga traziam negocio duma besta arrenda.

Basta arrenda! o Porunga! Aquillo deu-lhe no fundo d'anima. Era atrepar demais.

— Que?! Já romcam assim? bravateou. Pois hei de mostrar á Porungada quem é João Nunes Eusebio dos Santos, da Ponte Alta!

E entrou-se, desd'ahi, de grandes atrefamentos.

A mulher pasmava da subitanea revirar' volta, duvidando e esperando.

— Durará esse fogo? Quem sabe?

Nunes planeava grandes coisas, logo de tras aquelles concertos de casta monjolo... Aquella a mulher arrepianhou mioxoxos:

— Monjolo? Ché, qu'esperança!

O marido, mettido em brios, roncou:

— Bôto, mulher, bôto monjolo, bôto monjolo, bôto até molinho! Hei de fazer a Porungada morder a nuca de inveja. Vae ver. Com asombro geral não ficou em palavra a mulher. Nunes remordia o peito e o mal, a casa, derrubou um espóirio desconfado de oito annos, e num esforço de monjo mettiu na terra nove quartas de milho.

Pedro sahe logo da bravata.

— E! Hei! Aquillo é fogo de jacó velho, é calor de pingüço!...

O anno correu bem. Vieram chuvas a tempo, de modo que em Janeiro o milho desenvulhava pendido, muito medrado de espigas. Nunes não enbia em si. Percorria as roças contenta da vida, unhando os caules popudos já em pleno arregaçamento da dentuca vermelha e palpando as bonecas tenrinhas a madexarem-se duma cabellagem lustro-translucida. Segurava então a barbiga do mento e sonhava as grandezas futuras, balanceando prós e contras. Os contras já estavam de fóra. Só havia prós. E concluiu, entrando em casa, para o mther:

— Este anno quebro um milhão desgramado! Carecia, pois, de armar monjolo. Desdobrado em farinha o milho, vinham doçolões os lucros. Não foi o que empolou a Porunga, a farinha? Entretanto, uma resolução de tal vulto não se toma assim de pé para a mão: Era preciso medir, calcular. E Nunes, imaginava, imaginava...

O "chóóo-pan" do futuro engenho soavava-lhe á cabeça como um ritornello de musica do céu.

— Hei de mostrar ao Porunga que não é elle o unico moineiro do mundo. Empreito o serviço com o compadre Teixelrinha, da Ponte-Alta.

A mulher botou as mãos na cabeça.

— Nossa Virgem! E' coisa de louco! Pois o compadre nem buzo teo!

— Bêêê! urrou Nunes estomacando, cala essa bocca! Mulher não entende das coisas!

E ella, nas encolhas:

— 'está bom. Depois não se queixe...

— Bêêê! rematou o marido.

Esta troada era o argumento decisivo de Nunes nas relações familiares.

Em roncando o "bêêê," mulher, filhas, Pernambuco, Brinquinho, tudo se escovava em silencio.

Sabiam por experiencia pessoal que o ponto acima era o porreinho de "supruva. E preferiam ficar no ponto abaixo.

Se a mulher emmanedada, omniudada com ella a ruzão, porque o Teixelrinha Maneta era um carapina rulo intolado, que vivia de bicacetas e remendos. Si a um habedão como o Nunes, a biazorja e a cruz de moineiro, a moineiro um taramela daquelles, o aliado cego duma vista, por cima. Mas era compadre e acabou-se.

Nunes passou mais uma semana em trabalhos de "imaginação. Comeva lentamente a cabeça, pilava enormes cigarros, alboroto, o olho no milharal e a sentida em coisas futuras. Decidiu-se, por fim.

Rumou á Ponte-Alta, trazendo de lá o velho co'a ferramenta.

Restava solver o problema da madeira. Nas suas terras havia senão pau de feico. Pau de machado, e pau de moineiro, só a proba da divisa, villa arvore morta que servia de marco entre os dois sítios. facilmente recolhida de lá e de cá, Nunes fez a obra do sitio de espigão. Deita-lhe, por terra sem dar contas ao outro lado, como lhe fizeram á paca. Boa paca! E ergozava-se a piculha, planejando derrubada de noite, a mata madrugada, quando os Porungas dessem pela coisa, nem S. Antonio remediaria o mal.

Dito e feito. Dois machados roncaram no pau alta noite, e ainda não arriava a machado quando a proba estredoneou no chão, tombada em terra do Nunes.

A Porungada, advertida pela ronqueira, mal bucco-fuscou o dia sabiu a sondar o que foi.

Dão com a marocosa. Pedro á frente do bando interpella:

— Com ordem de quem, seu...?

Nunes revida, provocativo:

— Com ordem da paca, ouviu?

— Mas a paca é paca e essa proba é o marco do rumo, meu miha, meu miha.

— Pois eu quero gastar a minha parte, deixo a sua proba, retruou Nunes... apontando para os caracacs.

Pedro continha-se a custo.

— Ah! cachorro, não sei onde estou, que...

— Pois eu sei que estou em minha casa e bato fogo na primeira cuia que passar o rumo.

O bate-bocca esquentou. Houve nome feio a valer. O mulherio interviu com grande descabalimento de palavrões.

E Nunes, radiante, de espingardinha na mão, borrava para o Maneta:

— Vá lavrando, compadre, que se soquinho escuro esta euada.

A Porungada, afinal, abandonou o campo para não lavar sangue.

— Você fic com o pau, cachorro — concluiu Pedro — mas deixa estar que ha de chorar muita lagrima, p'ramor disso.

— Bêêê! estregiu Nunes triumphalmente.

Os Porungas desceram, remonendo em conciliabulo, seguidos do olhar victorioso de Nunes.

— Então, compadre? Viu que euada euoca?

E' só chá de lingua, pé, pé, pé, mais chagar mesmo? quando! O guampado conhecedor, arroudo pelo chéiro.

E os, quombrados o olho com imitos lambeos heréticos, quebraamentos de cara, escoras de tres e quatro, o diabo. E concluiu:

— O dia está garrudo, largue disso e vamos molhar a garganta.

A "molhadella da garganta excedeu a quanta bebodeira tinha na memoria.

Nunes, Maneta e Pernambuco confraternisaram num bôto arcaico, comovido da victoria, babujantes, até que uma souneira lethargica os streveu como postas de carne inerte espalhadas pelo chão.

A mulher, com a derradeira Maria penudada no seio, olhava para aquillo sacudindo a cabeça, seismativa:

— Que monjolo sairá disto, mãe do céu!

— Esperados os fumos do álcool tornaram a peroba, muito acamarralada.

A cacheca cinzenta e o comprêdese amarelo. E a feição do monjolo foi iniciada pela grande queireira de corpa.

Nunes passava os dias na obra, vando o comprêde desbaratar a madeira com um braço só. Passava daquillo, e do adjutorio que no braço perfeito dava o toco alçado. Entrementes deitava as histórias. O velho sabia coiza, e Nunes respondia com outras, tendenciaes sempre a patentesz a ruidade dos Porangas.

Poliquêdo a torto, correm a linha, em passada num litro de cavalo. Pegou nesta ponta, comprêde, dizia o velho, agora está que é isto. E tomou na ponta do dedo o cordão pelo meio, pôz, chicitava a madeira, riscando nella um traço negro. Nunes revelou grande vontade para esfria-verruña.

Esfria-verruña são os "empalidadores" do atajapa. Sentam-se com uma nadeja na beira de banca e passam durante horas do rebote sobre as mãos histórias. O velho saía deite e do forno, lentamente abria uma fura. Ora pegam da enxa, examinam com muito attenção o cocho, a lamina, e passam o dedo pela fura de cavalo. Logo depois perguntam: é Grice? Quanto custou? E quando sae a vergrana da madeira, quente a fricção, amarram-na e se põe a socializar, muito serios, até ao fim da noite.

Empantoi-so Maneta, desgozadamente se espavando o cocho e machado e enxi. Depois rasgou as furas da haste, e atefecou a aminecha. Promptas que foram, atefecou o cocho. Escava que escava, em três dias pôz a machado, contendo. Restava sempre apanhada a virgem.

O comprêde sabe a historia de pau de bicho? Nunes não sabia. Nunes não sabia a nenhuma desta vida, tirante empantoi-so e gozando e detrao dos porangas.

A nota, sem interromper o esquadramento da virgem, narrou o caso.

Ouvira a lenia ao pé, o Teixeira Secretador, medeioro afamado.

Em cada oito do matto, dizia elle, — ha um pau vingativo que pune a malleitoria dos homens. Vêi no matto fora a vida liada toda a esta de arvore, aseedorê desde embava velha e embrusã, até balsamo, que é logo aqui. Dormi no estaleiro quantas noites? Houve, foi eu que me matei. E de tanto lidar com pauz fugiei na supposição de que as arvores tem alma, como gente.

— Teveojuízo! espirou o Nunes.

Isto dizia o meu velho, em por mim não dou opinião. E tem alma, dizia elle, porque vemem a dor e choram. Não vê como choram certos pauz ao cair? E outros como choram tanta lagrima veruelha, que escorre, e com o sol arcezia? Ora pois tem alma, porque neste mundo tudo é criatura de Deus.

— Lá isso...

— Então, dizia elle, ha em cada matto um pau que ninguém sabe qual é, a modo que peitado para a desfora dos mais. É o pau feítico.

O desgraçado que acerta metter o machado no termo delle, pôde encomendar a alma pro diabo que está perdido.

Ou estrepado, ou de cabeça rachada por um galho secco que despenca de cima ou, mais raro, por obras da arte feita com madeira delle, — de todo o jeito, não escapa. Não adianta se preta a cabeça com acode, mesmo, mais hoje, mais amanhã a criatura marada.

Isto dizia o velho, e eu por mim tento visto muita coisa. Na derrubada do Figueirô Alemeirão? morreu o filho do Chico Feres. Estava cortando um galmeim quando de repente souu um grito. Atope com acode, o moço estava com o peito varado até ás costas. Como foi? como não foi? Ninguém entendeu aquillo. Meu pae disse: é feítico de pau.

Como este, quantos casos? O mundo está cheio. O Setao-Hioalino do Ponte-Alta? fez uma casa, o pau da cunheira elle mesmo derrubou. Pois não é que a cunheira arreia e estronda a cabeça do rapaz?

Porisso o velho, sabido que era, antes de pagar um serviço espirou a alma e se por si, poro, não tinha havido desgraça. Era

para ver-se o feitiço estava solto ou preso, e preclarar-se.

o o o

Com estas e outras a Maneta florejando de lutas as horas do trabalho, amantado dava os derradeiros retoques na virgem. Estava prompto o monjolo. Nunes, jubilo, via o primeiro sonho das futuras grandezas quasi realisado. Faltao o asentamento, que a Maneta batia palofadas amigas na peroba veruelha.

— Ah! minha velha, maninha, hein? Ha de se chamar o Tira-prisa — tira-prisa de Porangas, Cabaças ou Cuias, eh! eh!

Recolheram cedo nessa dia para asembleira o feito a vista d'um ancoreto de cacheca, que ervasiam a meio.

Dias depois, bem finaldo, bem secado, o monjolo recebeu agua. Destapada a bica um gorgolão d'enzuro escachou no cocho enchido, desbordou para o "inferno". A anguebocha gemeu na virgem e alçou o pescoco. O cocho despejou a aguçeira, cêssê! a manueca bateu firme no pilão, paiz!

Nunes pilava d'algebra:

— Comheer Porungada choca, quem é João Nunes Euzabio, da Ponte-Alta?

Mas não lhe kedou aquelle barulho nem a grita do brinholida e passou o nariz pelos d'ridos do Brinholinho que, espantado da maliqueria, latia no alto d'um conoro a salvo do pontapé. Quería mais! Correu á espingarda, espingateou, e arguebocha para o "outro lado" de-fechoo. Mas o caço não compartilhava da alegria geral, rebentou a paz e calbouse. Nunes ainda manteve uns segundos alçado, esperando o tiro. Com o fogo tardasse demais, remessou com ella pra longe, embrulhada em um nome feissimo.

Lembrando-se de tres foguetes sobrados de uma reza, atefecou-os em direcção aos Porangas.

— Cheia essa polveira, cuida! Intefelizaste as lombas, mofadas, também negaram fogo.

— Tudo nega, comprêde, vamos ver se o ancoreto nega também.

Não negou. E a prova foi logo roncarem pra'li, como dois gambás.

No outro dia Maneta partiu para a Ponte-Alta, com muito sentimento de Nunes que perdia um companheiro.

Como não houvesse milho ficen a estrêa do monjolo para quando se quizesse a reca.

o o o

Cessaram as chubvas do verão. Entrou o estio, refraseado, limpo. As folhas do milharil amarelaram, as espigas foram pendendo, maduras. Começou a quebra, Nunes, impaciente, deulhou o primeiro jacê recolhido, e atuecha o pilão.

Aí não ha felicidade completa no mundo. O engenho provou mal. Não rendia a cangica, a haste, desproporcionada ao cocho, não dava a jogada da moenda. A mão por muito leve e por defeito na esquadria da virgem, ao bater guinava a esquerda, espirando milho para fóra.

Por mal de peccados á primeira chuvinha o pilão entrou a raver agua. Fira cavado em madeira ventada. Não prestava.

Nunes, de má sombra, representando a colera, metteu-se a reparar tantas torturas. Diminuiu o peso no maceco, engrossou as aguas, amarrô d'alli o maceco d'acóiz, calafetou as fendas com sabão. Consumiu dias em luta surda contra as manhas do mal engonçado. E o mostrogo respondia a cada remendo com uma reindecencia de desalantar.

Então o pobre homem explodiu. Da bocca lhe espiraram injurias sem fim contra o patife do Maneta.

— Excomungado do diabo de mal de lazeto do inferno do maneta do...!

Impossível metter no papel todas as contos do rosario: as de caláipia inda cabem, mas as gradaas não podem sair do Varjão.

Além de injurias, ameaças. Que iria á Ponte-Alta rachar o comprêde a foice, que lhe vencia a outra vista, que...

Num desses desabatos a tola da mulher metteu a colher tortá no meio.

— Eu bem disse, eu bem avisei. Mas o queixo duro...

Aí Maneta concluiu a phrase. Nunes passando o milho na maneta encarou na esposa o olhado Maneta, e deslombou-n'uma sova digna d'um romance de Camillo.

— Toma, sacorro! Toma excomungado do inferno! Aprende a fazer monjolo, porco sujo e ch...!

A mulher, urrando, sumiu-se nos pinotes matto a dentro, seguida do mulheiro miado da casa, travido de pavor: e por oito dias andou elle em esfregações de salmoura polva polva avergoada. Nunes é que melhorou consideravelmente com o derivativo. Mandificou-dá bilis, e sequeou. Digave-tudo: o ancoreto collaborou por metade aquelle despejo de ricochete.

\* \* \*

A nova de taes successos chegou á Porungada. Pedro, exultante, não tinha mão de si: queria ver com os olhos a arrugueijola que o vingava tão a pique. Meditou um plano, e em dia tranzou o espigão, com rumo á casa do Nunes. Quando voltou vinha espremeundo riso.

— Eh! eh! minha gente! Vocês nem calculam, quando queirei o serrote já ouvi o barulho cêssê-pêz, uma ronqueira dos diablos. Disse eis comigo: Roncar, eis roncar, eh! Eh! Foi chegado. O Nunes, jurado, estava a desbulhando milho na porta. Quando me viu entreprou, a modo que assombrado. H' de paz, em disse, e me plantai diante delle, — dois cêcho e meio que tem ezinho, não podem viver assim toda a vida de fofinho torcido um pra o outro. O que foi, foi. Acabou-se Toque!

Elle rancou os olhos pra o lado da ronqueira, eh! eh! e muito desouchado espichou a mão — em abrir o bico. Traga um café gritou pra dentro. Enfiou o olho para cá: estava assim do mulherada na cozinha! E pegou de prosa. Ella foi respondendo: Uma conversa sem graça, amarrada. Por fim especulou e o monjolo vizinho? ficou na ordem? Nunes amarelou que nem esta folha!

— É? heinzinho, disse, rende muito...!

— O "quero vir, eu disse, se não é curiosidade"?

— Pois v's, respondem, sem se machar do lugar.

Eu fui. Nossa Virgem! aquillo nunca foi monjolo nem a casa do diabo!

Só se vê epi amarrado pra'raqui, pro'alli, e espeque, e maceco. A haste tem nove palmos de cêcho e meio que tem ez.

— Quia! quia! quia! cenecejo a roda, que em mateira de monjolo era muito entendido.

— A mão não pesa, homem não pesa nem arroba o mel! A virgem está errada, o fóra de primo. Milho está, que está alvado e chio, a mão pinela dum banda. Nossa Senhora! que mundo!

Os Poranginhos babavam.

— Então roncar, ronca?

— Nossa! Roaca que nem uma "trauanta". Mas soca? o hó soca! Nem tres líros rende por noite, Homem, gentes, aquille as vendo!

A cara dos Porangas ampuvada desde o incidente da peroba, reflorir d'alli por diante nos saudáveis sorrisos escurecidos do desajuge. Os naves foram escurentar o ceus do Varjão.

Poi um nunca acabar de troças e pilherias. Inventavam novos traços comicos, exaggeravam as trapalhadas do mundo.

Enfitejavam-nô como se faz ao mastro de 6' Heio.

Solto as linhas garças deludadas pelo cocho os Poranginhos atavam cada um a sua buquê, de modo a tornar o pobre monjolo uma coisa prodigiosamente comica. A palavra Ronqueira entrou em giro pelos vizinhos, sagrada como termo comparativo de tudo quanto é risivel e não tem pé nem cabeça.

Aos ouvidos de Nunes foram bater taes rumores. O orgulho inuito medrado no peiorito dos megalomanicos murelira-llie, como fructa de colheita da de tempo. Dou de criar um rancor surdo contra a Ronqueira que, tropega, lá a malhando, dia e noite, cêssê-pêz, muito lerda, muito pareca de rendimento. Nunes, para acalmar a bilis, do-

## LIVROS NOVOS

Em torno da educação, de Maria Lacerda de Moura, Livraria Feliceira, S. Paulo—1918.

brou as doses de cachaca. A mulher amanhava a casa n'um grande descontento da vida, emulambando, sem mais esperanças d'arranjar n'aquele homem, Pernambuco, sempre tentado ao pé, semimaduro, parecia um verdadeiro idôta. Não tirava da bocca o pitinho de barro e cada vez batia mais rijo no mulherio miúdo. Brinquinho olhava para um, para outro, sem saber o que pensar da sua gente. E assim, mezes.

Afinal veio a desgraça. Fosse feitiço de pau ou não, o caso é que o innocente pagou o crime do peccador, como que a Justiça bilingue. Pernambuco foi o eleito da vingança. Certo dia soube Nunes que o José Guitão, da Média Branca, seu compadre, puxera nome n'uma egg lazarenta de Rouqueira.

Era demais.

— É o boiouro do Guitão! gemeu o misero passando a mão na girafa.

Gargalhou um go. o: — Pernambuco, vem cá, bebe com teu pai, filho.

O menino não esperou novo convite, bebeu um, e dois, e tres goles, estalando a lingua. O resto da garrafa soverteu-se no bucho do boiouro. Pernambuco, mal tentado pelos effluvios o alcool, bantou um bocado por afflivos, e saiu para fóra.

Nunes estirou-se ao sul, para dormir. Era um dia calmo d'Agosto. Ceu toldado de fumaradas. Sol vermelho, sem brilho, a morder em declínio. Folinhas de samambaias carbonizadas descaiam do alto, lentamente a girar.

Transcorrida uma hora, o bebedor acordou, e relanceando os olhos mortos em derredor.

— Que é do Pernambuco! disse ás filhas acorçadas ao pé. As meninas não sabiam.

— Chamei Pernambuco, engrolou o bebedor rechinhado em colchão. Uma pequena saiu no escalo do trunfo. Os olhos de Nunes a custo se abriam, a cabeça oscillava de um lado para outro, como se lhe houvessem desossado o peçoço. Da bocca escorria baba e, multilindas nella, palavras vagas, mal feitas.

— Inubila um grilo, longo, alvoroçou a casa.

— Mãe, corra.

A mulher estroveinhada sóde de dentro, orientado, e corre para onde a voz. As filhas assustadas, dispararam, atraz, rumo ao monjolo.

Nunes apriuma a cabeça, apura o ouvido. Redobram os gritos, de dor, de desespero.

— Coidadinho do meu filho! viva lá longe a mãe.

— Não se enrugue-se amparado ao portal.

— Que é isso?

— Dá de cara com a mulher, que voltava, como louca, desonbellada, a falar sósinhas.

— Que é que foi, mulher?

— A pobre mãe, arrostando com o marido, affuzila nos olhos um raio da cólera incoercível.

— O que é? E' a tua obra, cachaceiro do inferno! E' a tua pinga, homem atoa, estereo immuado! Vá ver! vá ver! vá ver! desgraçado!

Nunes, dirige-se para lá os cambaleios. E topa um quadro horrendo.

No meio das filhas em grita, o corpinho magro de Pernambuco emborçado a meio no pilão. Para fóra pendiam duas berninhas frainhas.

E o monjolo, indifferente, subia e descia, *chéfê-pau*, pilando uma pasta vermelha de farinha, miolos e peílinhas...

Esvariam-se os vapores do alcool e Nunes, em semi-demencia, correu ao machado ringindo os dentes, entre uivos:

— Chegou o dia, desgraçado!

— Uma escuta linguira, vá ver!

O louco remessava, entre rugidos de cólera, golpes tremendoes contra o monjolo impásvivel. Uma pancada na mão — toma Barzabá outra — na cabeça — rebenta, demônio! outra no pilão — estoura, feitiço do diabo!

E pan, pan, pan, dez, vinte, com machadadas como nunca as desferiu derrubou nenhum com tal rizeja de pulso.

Cavacos saltavam para longe, resaca e casaca da peroba assassina. E lascas. E zilhas.

Durou muito tempo o duello tragico da desmora contra a inerxia da matéria bruta.

Por fim, do monjolo maldito só restava uma tranqueira escavada de peças em desmantelo. O caboclo, exhauido, caiu ao lado delly, a braços abertos, e a cabeça de Pernambuco. E com mão tremula remexia o fundo do pilão tentando apspanhar a sabacinha que faltava.

Ora, graças á Providência, temos em mão um livro em prosa escripto por mulher. Em geral, as nossas patriotas que não contentes com adquirir prendas de salão, andam per outras que exhibam ao grande publico, tratam logo de se iniciar no verso, aprendendo a marcar o rythmo das trovas e a tecer as rimas. O verso, mais que o plano e o canto, é o melhor vehiculo para o verso e nome atravez da notoriedade. E por isso não basta para o allano de trovas não dispõem as nossas patriotas senão de um elemento: boa vontade. Esse elemento é necessario, mas só elle, sem o auxilio de outros, não basta para o allano de trovas e habilidades de successo, a faina emprehendida. São indispensaveis outros, como cultura geral, talento e conhecimento da lingua. Como só dispõem da boa vontade e não desajudadas de tudo mais, não conseguem produzir senão versos melados, onde não se topa um conceito elevado e onde só se encontram lugares communs que todos s poetas mediores já exploraram.

Raras, rarissimas são as que se arriscam a cultivar a prosa.

Porisso é que o livro de M. Maria Lacerda de Moura nos surprehendeu. É um livro de prosa, e, o que mais é, de boa prosa, cheia de calor. O titulo, "Em torno da educação", que serve para indicar todos os pontos do livro, contém, de modo proprio, porque nem todas as materias dizem respeito á educação. E', antes, uma collecção de chronicas sobre diversos assumptos. Seja como fór, é um livro interessante, que as senhoras brasileiras devem ler porque nelle encontrarão muitos conselhos e conceitos uteis, que serrem para apreecher o espirito e orientar a vida.

A autora escreve com facilidade. A autora é eminentemente brasileira e faz praça em o ser. Adoptou ella como epigrapha a phrase com que Sylvio Romero abre a sua "Historia de Literatura Brasileira": "Este livro, quero que seja um protesto, um grito de alarma do *do brasileiro*, um brado de enthusiasmo para um futuro melhor. O que não é si elegante, senão nobre nunca primou pela elegancia, senão pelo ardor do espirito combativo. Se não é elegante o lemma, é, pelo menos, ardenté. A autora, escreve com facilidade. Sylvio Romero nunca primou pela elegancia, senão pelo ardor do espirito combativo. Se não é elegante o lemma, é, pelo menos, ardenté. A autora, escreve com facilidade. Sylvio Romero nunca primou pela elegancia, senão pelo ardor do espirito combativo. Se não é elegante o lemma, é, pelo menos, ardenté.

Para que as nossas leitoras façam uma idea do livro, aqui transcrevemos o primeiro dos capitulos que levam o titulo geral de *Chronicas femininas de Gêlinio*. Ell-o:

Pois bem, a chronista da roça, que não faz avenida, não exhibe *toilettes* e não tem onde colher informações mundanas, eu penso, deve transmitir ás poucas leitoras que lhe dão a honra de uns momentos de attenção, alguma cousa que não seja apenas banalidades — originada quasi sempre das levandiasas femininas.

Vamos, encaremos a vida sob outro prisma mais rijo, minhas amaveis leitoras.

As chronicas mundanas são muitas; os eclipos ás faces, aos olhos, aos cabellos, aos preparados da pelle, á belleza, ao imperio da mulher e a tanta cousa mais, — ahí andam estampadas nas poeias, na literatura, em revistas, na secção chic dos jornaes, e nas descriçpões dos *garden-party*.

Nós, aqui na roça, não temos avenidas, nem gratas, nem theatros; não conhecemos a vida intensa dos salões onde a aristocrata franceza dos *calemburgs* e a linguagem nervosa, ironica e subtil, imperam tanto quanto as *gaffes*, na expressão do elegante *raffiné*...

A nós, que não dispomos de nada disso, coube o tempo tão aproveitavel quando não é dissipado com a preoccupação de irradiar bellezas e provocar invejas...

Coube o tempo, o mais precioso dos bens, e com elle poderemos tecer para realçar tambem a nossa belleza de camponezas

civilizadas, fina, transparente mas tão forte que força alguma poderá quebral-a; inexpugnavel, eterna — porque será feita de virtudes adquiridas pelo cerebro e pelo coraço...

E' a virtude que constitue a mais sagrada das bellezas femininas.

Façamos do pensamento de Bulwer a maxima que nos deverá guiar na conquista de conhecimentos uteis e diremos então: São as mesquinhas minudencias da vida que fazem o nosso infortunio. Os cuidados dos miseraveis desgastam a alma e o corpo.

Entregue-mos, portanto, á cultura da parte divina do nosso ser: a facultade de admiração...

Entregue-mos, portanto, amaveis leitoras, á cultura da nossa intelligencia e trabalhemos, pelo pensamento, pela palavra e pelo exemplo, para o progresso do nosso seculo que marcará na historia das civilisações uma era nova...

Em geral, as chronistas elegantes observem a attenção dos leitores, descrevendo, com côres-ubras de entusiasmio, em tons salpicados de originalidade, cheios de imaginação feita pela multiplicidade de sensações e de trocadilhos subis, os *five-o'clock-tea*, os *toilettes*, de um modernismo astutorado, a elegancia de Mme. Renata Gomes, o *fooling*, a aviação, as ultimas conferencias, a *season*, etc., fazendo o leitor imaginar que devança, em descaço, num dos mais bellos hotéis da capital brasileira ou talvez mesmo em Paris, — a capital da moda.

As chronistas femininas cuidam do aforamento da pelle, de cuidados elegantes, de recepções, de descrições de *toilettes* espalhafatosas, das ultimas festas de caridade onde ha muita exhibição, de elegancias masculinas, etc.

As que tratam de assumptos domesticos são tempo tão iguaes, repetidas e triviaes que não exercem attracção alguma, pela falta de originalidade.

As chronicas pittorescas cuidam sómente de dar tons mais vivos e bizarros ao sentimento da vaidade, innato na mulher.

Ha dias um jornal do Rio, ao falar de uma elegante massagista estrangeira, collocava a belleza do rosto como unica felicidade para o sexo facho!

Com franqueza, minhas amaveis leitoras, nós valemos muito pouco aos olhos dos homens sensatos!

Não pôde deixar de ser assim, pois a mulher que se eleva acima do nivel commum colloca-se superior a si mesma, desprezando na propria individualidade a parte futil que lhe coube em partilha, segundo o sexo.

Nós consentimos que façam conosco o que costumamos fazer com as bonecas, emquanto somos meninas...

Se o nosso gosto artistico nos fez femininamente elegantes é preciso ouvir tambem que, no nosso encephalo, ha alguma cousa que nos pôde fazer pensar.

Depois, se, até aqui, a mulher de sociedade viva despreocupada, ou por outra, preocupadissima com os ultimos vestidos, com o calçado *chic*, com as joias e os *desous*, não é possivel que continue debaixo desse dominio que absorve, inquieto, impressiona, uma vez, que agora sentimos todos, que ha acima das nossas cabeças, algo de diferente, mysterioso, que asombra a Humanidade e que faz pensar e faz agir, inconscientemente.

Eu sinto que o papel da mulher é outro e desejava que todas ellas comprehendessem o destino que nos está reservado em futuro não mui temoto...

# A GUERRA DAS RATAZANAS

(CONTO PARA CREAMÇAS)

Na capital do imperio das ratazanas notava-se uma extraordinaria animação. O Congresso estava reunido em sessão permanente e os quatro mil deputados que o compunham não descansavam um segundo, n'aquelle incessante votar de leis e formular perguntas e interpeleções.

E, na verdade, o caso não era para menos. Um gato, tão atrevido como comilão, tinha-se comprometido a acabar com a ratona raça, e, segundo a affirmação das estatísticas, já tinha morto e devorado mais de trezentos desgraçados cujo unico delicto era ter comido algum pedaço de queijo ou roído qualquer naco de pão.

E, como a segurança individual estivesse seriamente ameaçada, resolveu-se por unanimidade apellar para os meios mais extraordinarios, com tanto que elles dessem o resultado desejado, o qual outro não era senão a morte vil do tremendo gattarrão, auctor de tantas e tão terríveis façanhas. Cada qual dava a sua opinião, mas ninguém chegava a conformar-se com as dos outros.

Aquillo até parecia um congresso d'homens, copiado do natural.

O presidente, no meio d'aquella balburdia infernal, não conseguia fazer respeitar a sua auctoridade, e tão desesperado estava que roia as unhas, signal de profunda exasperação nos ratos e de má educação nos merinos.

Por fim, começou a falar uma das ratazanas mais talentosas do Congresso, honra e orgulho da familia roedora. Chamava-se ella Roelras, e era celeberrissima pela sua maravilhosa eloquencia.

Pronunciou um bellissimo discurso cheio de figuras de rethorica de grande effeito e terminou com o seguinte paragrapho:

«Nada de duvidas nem vacillações, caros camaradas: Catilina está ás portas de Roma e o gato ás da nossa cova. Tiremos do pó os dentes gastos do grande Roedardo, nosso defuncto rei, e demos provas de valor perante a familia e perante a historia.»  
(Grandes applausos.)

— A guerra! a guerra — gritavam como possessos as ratazanas mais enthusiasmaes, que eram, como sempre succede, as mais novas — Ataquemos o inimigo no seu proprio campo!

E assim foi votada a guerra por aclamação.

Mas a guerra ia custar dinheiro, e as ratazanas estavam quasi tão pobres como os ratos, seus amigos. Assim, tiveram que pedir emprestada á raposa uma quantia consideravel; á raposa, não desmerecendo dos seus creditos, exigiu como paga nada menos que o pelo de quatro mil ratazanas das familias mais illustres.

Formou-se um exercito como se poudes e, finalmente poz-se em marcha uma legião tremenda, á frente da qual ia o grande Roelar.

Emquanto não sentiu gato por aquellas cem leguas, a creatura ia cheia de coragem e valentia; mas apenas veio com a aragem um ligeiro sopro de gato,



espalhou-se logo o terror nas fileiras e o exercito deteve-se, enviando á frente sentinellas para descobrir o inimigo.

O general em chefe começou a titubiar quando o avisaram de que o gattarrão se aproximava e o mau foi avistal-o a uns cem metros quando, sem poder conter-se, deitou a correr mais veloz do que o vento e duma só carreira foi metter-se no buraco.

O exercito despersou-se e ficou o gato senhor absoluto do campo de batalha e de quatro ou cinco ratazanas, que num instante poz em frangalhos.

Passado o primeiro momento, quando em Rato-polis o medo tinha já deixado acalmar um pouco os espiritos, dando lugar á reflexão e ao juizo, tornou a reunir-se o Congresso em sessão magna para imputar ao grande Roelar a responsabilidade da derrota.

Votou-se por aclamação que elle fosse condemnado á morte, e buscaram-se os mais atrozes tormentos a infligir-lhe, para o castigar dignamente pela sua covardia ou traição.

Depois dum debate exaltadissimo, em que ninguém pedia conselho á reflexão, mas antes ás paixões, ficou entendido que Roelar fosse degradado publicamente e entregue indefezoz á voracidade do gato, inimigo ligadal de toda a ratazana de casa.

Só depois de pronunciada a sentença deram fé de que não era possível executal-se sem ser ouvido o reu em sua defeza, dever elementar em toda a parte respeitado e cumprido, mesmo entre as ratazanas; e Roelar, no meio de quatro policias, compareceu perante a Assembléa.

O discurso que pronunciou foi eloquentissimo, mas a sentença estava já de ante-mão dictada e, se bem que alguns ainda retrissem o seu voto se o podessem fazer secretamente, o caso é que Roelar foi condemnado á morte.

Levaram-no á bocca do buraco, que, como já dissemos, era uma das portas de Rato-polis, e uma vez ali os policias que o escoltavam começaram a chiar como uns desalmados, para altribuir o gato; este veio por fim, e então Roelar dispoz-se resignadamente a morrer, mas morrer falando.

E assim é que, longe de correr para fugir ao perigo, a certeza da morte deu-lhe uma suprema ousadia; e, avançando passo a passo até ao gato, falou-lhe desta maneira:

— Detem-te, ó grão Miau, honra e gloria da excelsa raça felina! Ouve-me um instante e delibera depois como quizeres.

Eu — accrescentou — fui o teu inimigo mais encar-



O congresso estava reunido . . .

nicação e resolutivo; proclamei a guerra sem treguas contra ti e contra os teus, mas uma guerra nobre e franca, fochino a fochino, pois que a rhetorica não permite dizer cara a cara.

— Olha, menino — exclamou o gato — avia-te lá com o discurso porque tenho appetite e não percebo nada de rhetoricas.

— Pois bem, senhor gato; saiba então que os meus compatriotas resolveram matar-te e para o conseguir... envenenaram-me. Assim, se o senhor me come, é gato morto, porque eu levo no estomago duas caixas de phosphoros.

— Apre! — miou o gato todo sobresaltado. — Muitome contas. Não sabes o quanto te agradeço a prevenção; e podes morrer para ahí quando quizeses, na certeza de que te não te carei nem num pello.

— Mas agora o que eu queria era vingar-me dos meus, que me condemnaram á morte.

— E como?  
— Alargando a entrada da nossa guarida para que tu possas chegar até ao fundo. Então, eu vou lá dentro para obrigar a sahir esses covardos e tu vae-os comendo um a um.

A ideia não pareceu mal de todo ao gato, que não podia imaginar que as ratazanas, mesmo juntas aos mihares, se atrevessem a fazer-lhe frente e muito menos a armar-lhe um laço; e assim se abandonou com toda a confiança ao projecto traidor, pensando no regabofe que se lhe ia proporcionar.

Roelar começou com grande afã os trabalhos, com a ajuda do gato, que estava ao lado, disposto a defendê-lo contra os seus semelhantes.

A' hora da sesta, o rato preteixto qualquer occupação d'urgencia, e partiu na direcção da montanha.

Alli, encontrou-se com uma aguia, velho conhecido, e pediu-lhe que ajudasse os ratos contra o galarrão, offerecendo-lhe em troca tudo o que quizesse.

A aguia deixou-se convencer pelas razões de Roelar e dispoz-se a prestar o seu auxilio no momento opportuno.

A ratazana alargou quanto poudo o buraco para que o corpo do gato cabesse bem, mas de maneira que não podesse voltar-se; e, quando tudo estava ja arranjado, mandou recado á aguia por um moscardo.

Entrou a ratazana á frente e o gato seguiu-a confiadamente.

— Eu entro primeiro para os assustar e dizer-lhes que saiam — disse Roelar: — tu deixa-te estar ahí á entrada.

E, com effeito, entrou e a Ratopolis, como que para cumprir o prometido; mas naquelle instante chegou a aguia com um grande calhar nas garras, deixou-o cahir á entrada da cova, tapou-a por completo, cortando o rabo ao gato, pois que este appendice da sua personalidade sahia para fóra do buraco.

Só então, mas tarde, comprehendeu o gato que tinha sido victima dum engano, e assim morreu de fome sem poder mexer-se, escarnecido pelos ratitos que, sabendo que elle não podia fazer-lhes mal, troçavam da sua credulidade e confiança.

Roelar foi reintegrado nas suas funções honorificas, e pensaram até em proclamar-o imperador; e, se o projecto não foi ávant, é que ficava cara a cerimonia.

Quando depois Roelar contava a historia, terminava sempre com ar sorna, referindo-se ao gato:

— Pois elle não acreditava na boa fé dum inimigo!...



... e ficou o gato senhor absoluto do campo ...



... chegou a aguia com um grande calhar

## A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: « Isto elle bebeu com o leite » e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saude, o *mens sana in corpore sano*; com o leite pode-se tambem beber o rachitismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentiçao, prenunciando um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte deesses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preocupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da creança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro *Malcom Tricalcis Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de princi-

pios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo—Um vidro com 100 partilhas: 20\$000. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira  
REVISTA FEMININA

Praça Antonio Prado (Palacete  
Briccoia) São Paulo

# JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas comunicações de nossas leitoras, bem como produções literárias que não excedam de 30 linhas em prosa e de 14 em verso.)

E' nosso intuito desenvolver assim o gosto literário entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondência útil e interessante. As produções literárias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas.)

Caras amiguinhas.

Não ha por certo uma unica moça que, durante o inverno, tenha as mãos bonitas, por mais que cuide dellas. A parte do corpo mais sensivel ao vento frio e humido, são as mãos. A pelle fica avermelhada, de um tom desagradavel, crestada e encolhida. Muitas moças conheço eu que usam diversos processos para evitar esse mal, mas todos são inuteis. Algumas, ao deitar, fazem fricção de glicerina, outras de vaselina, outras, principalmente as moças do interior, de farinha de mandioca molhada ou caldo de limão. Pois tudo isso é inutil. As mãos continuam a ter o aspecto desagradavel.

Ha dias, lendo uma velha revista inglesa, encontrei esta receita, que offereço de boa vontade ás socias do 'Jardim Fechado'. É uma receita simples e barata, e com a qual me tenho dado muito bem desde que comeci a usal-a. Compre-se uma pedra de parafina, corte-se um pequeno pedaço, que se põe a derreter em banho-maria. Em seguida, unctam-se as mãos com o liquido quente e deixa-se seccar. A parafina é um isolador. Ella forma sobre as mãos uma especie de crosta. É ocioso dizer que só se pôde usar isso á hora de deitar. Experimentem e verão.

Sylvia F. — S. Paulo.

\*\*\*

A *Magnolia* pede ás amáveis collaboradoras que lhe façam a fineza de indicar qual o methodo para violão que traz regras pelas quaes se possa aprender este instrumento sem auxilio de mestre e onde se pôde adquirir esse methodo.

A. Magnolia. — Bahia.

Boas amiguinhas.

Vivo no sertão desde pequenina. A vida, aqui, por falta de distracções de qualquer natureza, sempre monotona, obriga, mesmo ás mulheres, a adquirir vicios nocivos á saúde. Muitas senhoras coheço eu que fumam e, o que é peor, mascam fumo. Eu adquiri o habito de fumar, e isso me tem feito muito mal. Sofro perturbações de toda especie: tonturas, vomitos, emmagrecimento, vágados na vista, enjões, insomnias, inappetencia e outras mais. Claro está que o remedio aconselhado, o unico que occorre á gente, é deixar de fumar. Mas para isso é necessaria uma força de vontade que estou longe de ter. Eu quizera saber se ha um medicamento que auxilie a vontade, isto é, que, annullando o mal causado pelo fumo, facilite a pessoa a deixal-o.

Rosa — Vaccaria.

\*\*\*

Clotilde Soares, (Aracaju)

O que de mais bello tenho visto — e não quero que metaxem de bairrismo por esta affirmação — é o panorama da cidade de S. Paulo visto do Viaducto do Chá. De um lado, o centro commercial, com os seus lindos palacetes da rua Libero Badaró, construidos sobre o planalto; e de outro lado, a linha extensa da Avenida Paulista e o casario que se estende em baixo; do outro lado ainda, o Theatro Municipal e a formosissima explanada. Já viajei bastante. Nem a avenida Central, do Rio, nem a avenida Mayo, de Buenos Aires, nem os mais lindos boulevards de Paris se comparam, em graça e em perspectiva, a esses trechos panoramicos da minha terra.

Stella B. — S. Paulo.

Nenê, no numero passado, diz que, apesar de usar o vibrador electrico para amaciar a pelle, não tem observado nenhuma melhora com esse tratamento. A proposito da sua carta, consultei um medico das minhas feições, que, embora não seja, como então me confesso, especialista em dermatose, é, comtudo, pessoa muito autorisada. Diz elle que o vibrador electrico tem a sua efficacia no sentido de fortalecer o tecido, e, portanto, evitar a formação das rugas ou attenuar as rugas já formadas. Além dessa propriedade, tem outra, que tambem não é para desprezar. Como bem diz Nenê, o vibrador tem a propriedade de amaciar a pelle, extrahindo-lhe as gorduras e eliminando certos sobejos de nutrição que foram rejeitados pelo organismo e que se vão installando na pelle, em forma de pannos, manchas, asperezas e outros defeitos que a afeiam.

Mas ha enfermidades da pelle que se não curam com esse apparelho: são as que têm por causa infecções ou affecções de certos organs. As manchas pardas, por exemplo, provenientes da lithiasis biliar ou de qualquer outra doença do fígado, não podem nunca ser curadas senão depois de curado o organo que as produziu. Para esse caso, como para innumerous outros, é inutil o vibrador, são inuteis as massagens ou quaesquer curativos e processos externos. O melhor é consultar um medico especialista.

Qualquer conselho que eu lhe transmittisse por esta secção seria inutil.

Quanto á mudança de alimentação... oh! mas isso é uma coisa muito complexa. Todos os regimens de alimentação têm os seus inconvenientes.

Seja o que for, consulte um medico.

Jandyrá B. — S. Paulo.

\*\*\*

Chamam-te flor, ó Florinda,  
Porém eu digo que não:  
Flor tão pequena e tão linda  
Não é flor inda, é botão.

\*\*\*

Quaes são os romances brasileiros, principalmente os dos autores modernos, que uma moça solteira pôde ler?

Não ha moça ou menina que não goste de romances. Tenho duas filhas, que têm a mania dos romances. Isso me deixa apprehensiva. Por emquanto, ellas se vão contentando de ler os velhos autores francezes, como Eugenio Sue, Ponson e outros do mesmo quilate. Bem sei eu que esses romancistas são bastante moraes e não tratam de assumptos que façam corar uma menina. Se isso é verdade, é tambem verdade que esses romances populares, cheios de episodios maravilhosos, incoherentes, de paixões desvaídas e amores impossiveis, não concorrem em nada para a cultura de uma moça nem para a elevação do seu espirito.

Dos autores modernos brasileiros, os poucos que conheço, são suspeitos. Peço, porisso, ás collaboradoras desta secção indicarem-me os romances certos e instructivos que uma mãe pôde entregar, sem cuidados, ás suas filhas.

A. Brígida — Santos.

Leiteria Campo Bello BAR ESPECIAL PARA FAMILIAS—RUA S. BENTO, 14-B.—  
MANTEIGA "CAMPO BELLO"—A MELHOR DO MERCADO  
ENTREGAS A DOMICILIO — TELEPHONE CENTRAL, 244

Li, ha tempos, num numero antigo de «Estado de S. Paulo» um longo e interessante artigo assignado por J. Silva, tratando da seda artificial. Dizla elle que a maior parte da seda, que nos vem de França, não é feita da fibra extrahida do casulo da seda, mas sim do algodão, mediante um processo que lhe dá brilho e a apparencia da seda. Desejava saber se as sedas que por ali se vendem, importadas do extrangeiro, são ou não artificiaes. Ha muita differença entre umas e outras? Em que consiste essa differença?

*Nair Nogueira — Casa Branca.*

*Queridas socias,*

Gosto muito de versos, e, principalmente, de sonetos. Como sou dotada de uma excellente memoria, o numero de sonetos que sei de côr é incontavel. Eu não quero, aqui, desta secção, perguntar ás vizitas encantadoras do «Jardim Fechado» quaes são os melhores da nossa lingua. Isso é cousa que muito pouco me interessa. Posso todas as anthologias e collectaneas de sonetos portuguezes e brasileiros, conhecidos ou, pelo menos, classificados como os melhores da lingua. Verdade é que a maior parte delles não me interessam nada. O que eu quero saber é qual é o mais bello soneto da nossa lingua na opinião isolada de cada uma das collaboradoras desta secção.

Queiram ellas enviar o soneto que, na sua opinião, é o melhor.

Eu, por mim, prefiro a todos este de Olavo Bilac, que pertence á collecção da *Via Lactea*:

•De outras sei que se mostram menos frias,  
Amando menos do que amar parecês;  
Usam todas de lagrimas e preces,  
Tu, de acerbis risadas e ironias;

De nudo tal minha attenção desvias,  
Com tal pericia meu engano teces,  
Que, se gelado o coração tivesses,  
Certo, querida, mais ardor terias.

Olho-te: cega ao meu olhar te fazes;  
Fallo-te: — e com que fogo a voz levanto! —  
Em vão, finges-te surda ás minhas phrases.

Surda — e nem ouves meu amargo pranto,  
Cega — e nem vês a nova dor que trazes  
A' dor antiga que doia tanto!

Não se esqueçam, pois, de enviar os sonetos, aquelles que mais as impressionaram, que mais duradoura impressão lhes deram.

*Nair V. — S. Paulo.*

Qual é o melhor artificio para tornar a pelle rosada? Na cidade, onde vivo, usam geralmente o carmin ou o papel de seda vermelho. A côr obtida por esse meio, é muito grosseira, por causa do vermelho violento, que não se assemelha, nem de longe, á côr natural.

Espero que as boas amiguinhas me indiquem o que ha de melhor no genero.

*Ritinha — Bebedouro.*

O melhor pó de dentes que eu conheço, digo o melhor porque é o que tem a propriedade de embranquecer e polir os dentes, é o pó chinês, que é usado em minha familia desde tempos remotos. Mas dizem os

dentistas que esse pó, em cuja composição entra a pedra pome moida, é nocivo, porque, gastando o esmalte do dente, desgarnecce-o dessa defeza e facilita a invasão da carie. Pode isso ser possível, mas a verdade é que, em minha familia, nunca foi observado esse facto e todos continuam a fazer uso do pó chinês.

Fará mesmo mal? Qual o melhor pó então?

*Neni — Ribeirão Preto.*

Qual a melhor revista de modas que se publica em Pariz?

Ou, melhor, qual a revista cujas modas ou modelos são mais adaptaveis ao nosso meio e ao nosso clima? Porque é que no Brasil não se publica uma revista, no genero dessas, onde se façam creações de modas?

*Giuleta de Parma, Victoria.*

Dentre as raças de cães, do typo grande, qual é o maior e, ao mesmo tempo, mais manso, amoroso e intelligente?

*Amiga dos cães, S. Paulo.*

Li, ha tempos, numa revista ingleza, uma noticia de uma grande exposição da gatos que se effectuou na cidade de Londres. Essa noticia vinha illustrada com uma porção de gravuras, onde se viam os mais bellos e originaes especimens de gato domestico. Havia gatos com juba de leão, outros de pello crespo como ovelha, outros ainda tão lindos, tão interessantes, ora pequeninos, ora gigantescos. Os animaes premiados nessa exposição alcançaram preços fabulosos, só accessiveis a millionarios e banqueiros. O exemplar mais barato não custou menos de um conto de réis.

Ora, no Brasil, os gatos communs, mesmo os melhores e mais desenvolvidos, são feios e não têm nada de interessantes. Os «angorás», que são tão raros entre nós, são mais bonitos, mas estão longe de competir com os peores exemplares da exposição londrina.

Eu quizera saber se ha, por acaso, entre as socias do «Jardim» uma que possua um typo de raça seleccionada, que não seja parecido com os typos vulgares que conhecemos.

Quizera saber tambem como é que eu poderia adquirir-o e por que preço. Pouco importa que o preço seja elevado. Se for um casal, melhor.

*Maria L., Mar de Hespanha.*

Boas amiguinhas

Eu tenho a vaidade de trazer sempre as unhas polidas. Não me queiram mal por essa fraqueza, bem innocente, por certo. Para trazer-as sempre polidas, tenho usado uma porção de coisas, como cinza de charutos, camisinhas dos bicos de gaz e mil outros póis.

Apezar de tudo isso, não consigo dar ás minhas unhas o polido brilhante que desejava. Aqui, nesta cidade onde vivo, não se vendem esmaltes proprios para isso. Que é que me aconselham? Qual é o melhor producto no genero?

*Bibi, Casa Branca.*

**KOLA SOEL** — Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago, Util no crescimento das creanças.

## (HEROINAS DO BRASIL)

## Clara Camarão

Índia de raça, filha dos bosques, das matas brasileiras, nascida na sua tribo, dentro da rede tecida por sua mãe com fibras de tucum e pena de garça, encordada nas pontas com cipó chumbo resinoso e perfumado, Clara Camarão, com a sua cor de cobre luzente e assestada, olhos negros de ébano, dentes de polido marfim, rosto typico e bem contornado, cabellos corridos e longos, servindo de «boa» quando trançada, era encanto, um verdadeiro encanto, essa matrona indiana.

Com a sua bravura e intrepidez, aliada á doçura da sua voz atrahente e sympathica, fez dos mais audaciosos e valente patricio da tribo um escravo, um obediente guerreiro, curvado ao imperio dos seus magneticos olhares e levou-lhe este influxo de patriotismo, de valor e de constancia, que fez do selvicola Poty, depois Antonio Felipe Camarão, o chefe prestigioso, respeitoso e digno de figurar entre os mais valentes cabos de guerra da sua nacionalidade.

Em época de conquista, pelos assignalados serviços por elle prestados, os governantes da metropole, embora suggestionados e orgulhosos dos preconceitos de fidalgia, foram obrigados a incluir o seu nome entre os que gozavam dos lóros de nobreza.

Segundo a opinião do illustre escriptor Joaquim Norberto, é de supôr que ambos descendessem dos Carijós e tivessem nascido em villa Viçosa, nas abas da serra de Ibiapaba, onde os jesuitas estabeleceram uma colonia de indios que assás consorreu para a povoação da provincia do Ceará.

Os feitos guerreiros da joven indigena desde, Goyana, onde foi derrotado um dos melhores chefes holandezes, o valente Artichofsky, até á primeira batalha dos Guararapes, tendo-o Felipe Camarão sempre a seu lado, no meio dos homens, dos combates, nas marchas e retiradas penosissimas, foram sempre admirados, dignos de veneração e cantados em prosa e verso, como diz o mesmo escriptor (Revista do Instituto Historico.) em sua «Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas e virtudes.»

Ligada pelos laços do consorcio a D. Antonio Felipe Camarão, achava-se com elle em Porto Calvo, onde o Conde de Bagnuolo acabava de se fortificar, quando João Mauricio de Nassau tentou a conquista dessa nascente villa e tudo ahi poz em movimento.

D. Clara Felipe Camarão, ao lado do esposo, buscou a libertação do intoleravel captivoiro hollandez.

Empunhou as armas, incitou com seus exemplos as senhoras de Porto Calvo, que se desalentavam em gritos de terror, e marchou á sua frente contra os invasores.

Ações brilhantes encheram as paginas da historia e nesse dia, mais vencedores, retiraram os nossos!

Fernandes Vieira, o «chefe dos Independentes»; Vidal de Negreiros, o verdadeiro promotor da «Insurreição Pernambucana»; o soberbo paraybano e incedível patriota, que paginas épicas não escreveram então! Elles — maximos chefes — Henrique Dias com os seus negros, Camarão com os seus indios e D. Clara Camarão com a sua esquadra feminil, escoltaram os habitantes de Porto Calvo para Magdalena, depois para Penedo, depois para Sergipe, donde se passaram á Bahia em 1634.

D. Clara Camarão, como se sabe, tomou parte em todos os encontros da guerra contra os holandezes, aos quaes esteve presente o marido.

Mas a batalha em que ella mais se distinguio como verdadeira heroina foi a de Porto Calvo, em 1637, quando ahi foi atacar aos pernambucanos o principe Mauricio de Nassau, então nomeado commandante general das foças de mar e terra batavas e governador do Brasil hollandez. Nesse combate, o Conde de Bagnuolo, sentindo o numero e o peso das formidaveis hostes inimigas, dirigiu-

das por um chefe de grande valor, qual era Nassau, fugiu para o interior das Alagoas, deixando a braços com taes hostes Henrique Dias e Felipe Camarão.

Foi ahi que D. Clara, secundando admiravelmente o marido, fez prodigios de denado.

Sobre ella diz o insigne Abreu e Lima, á pagina 143 do seu Compendio de Historia do Brasil:

«A mulher de D. Felipe Camarão, conhecida pelo nome de Clara, combatu com uma bravura que o seu sexo fazia incrível. Afrontando todos os perigos, carregou por muitas vezes o inimigo e penetrou nos mais cerrados batallhões. Ao passo que combatia, exortava os soldados a cumprir o seus deveres, prometendo-lhes a victoria, dando assim o exemplo a muitas outras mulheres, que procuravam imital-a...»

Desde então a sua figura ficou em alto destaque entre todas as de grande fama que acompanhavam o incomparavel exercito per' nambucano.

Tanto esforço e admiravel coragem mereceram ser cantados por um poeta nacional, a quem inspiraram mais de uma vez as açções illustres dos seus compatriotas:

*Vibrando a longa espada,  
Ao lado marcha do brasileiro esposo,  
A nobre esposa omada;  
No campo dos trojanos  
Camilla juroua  
Voadno sobre a grimpia do serro  
Mais triumphos a morte não prepara.*

*Assoberbam o batavo nefandio  
O quente sangue espuma  
Qual beiga fogo, qual brasileiro jêre;  
Quem evita o Mavorite  
Na espada feminil encontra a morte  
Ambos assim cobertos de alta gloria  
Alcançam do hollandez clara victoria.*

Depois dessa grande acção, em muitas outras se assignalou D. Clara Camarão até a data do fallecimento de seu esposo.

No dizer de Damião Peryn, ella acompanhava seu marido em todas as campanhas e teve parte em todas as victorias.

Mas qual fiver ignoramos, pois que Rocha Pitta, Jobosão, Raphael de Jesus, Brito Freire e outros, como diz Joaquim Norberto, apenas debéis informações nos transmitiram.

É admira mesmo que Damião Peryn, que della tratara no seu «Theatro Heroico» com alguma particularidade, consignando-lhe honrosa menção entre as senhoras «que, por letras, armas e virtudes, se fizeram dignas de memoria, fosse tão parco em assumpto que pedira mais campo,

Comtudo, o que mais é para notar é que tendo Felipe IV galardoados os serviços de D. Antonio Felipe Camarão, premiando-o com a mercê de cavalleiro do habito de Christo e fazendo-lhe a graça de «Dom», se esqueceu de sua esposa, que foi tão illustre como elle, ou mais ainda, se levamos em conta a delicadeza de seu sexo.

De Frei de Jesus, mereceu tambem a heroína, no seu livro «Castrioto Luzitano», a seguinte referencia: «Montada em um cavallo, D. Clara Camarão foi tão clara nesta gentileza que deixou escurificada a memoria das Zenobias e Semiramis com que tanto se illustrou a Antiguidade.

General Carlos de Campos

TOLUOL

TOSSAS BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA. ■■■■■■■■  
■■■■ VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS. ■■■■■■■■

# VARIEDADES

## Verniz para grades de arame

Asfalto 400 grammas; óleo de linhaça, 200 grammas; essência de toberemthina, 200 grammas.  
Fundem-se juntos.

## Árvore de cera

Pariente ao genero das myricas, cujas espécies mais importantes são a myrica esericifera, da Carolina, e a myrica pensylvanica, da Pensylvania. Produz cera, exalando um aroma muito agradável, e as suas raízes empregam-se em preparações medicinaes. Além d'isto contribue poderosamente para a purificação do ar atmosphérico, sendo por isso de grande vantagem nos logares pantanosos ou mephiticos. É a sua influencia que os habitantes da Carolina e da Pensylvania devem o poder habitar proximo dos pantanos, sem que estes lhes sejam prejudiciaes á saúde. Esta arvore foi introduzida em Argel, com excellentes resultados, pelo sr. Kalliers, na opinião do qual pôde ella tambem ser cultivada em Hespanha, França, e consequentemente no Brasil.

## Pão saltador

Queris dizeris as vossas visitas com um predigio de alta magia?

Pegue n'um pão molle e mal cozido, fure-o, introduz-lhe pelo furo um pouco de azougue vivo, tapae o furo, aquecei logo muito bem o pão, e vel-o-heis saltar de tal maneira que ás vezes nem ha quem a segure.

## O ovo infernal

Doopaja-se um ovo, e enche-se com partes eguaes de camphora e cal viva; tapae com cera e buraco, mette-se o ovo n'agua e vê-se sahir d'elle chammás.

## O sultão de Lamartine

Lamartine, o celebre poeta francez, autor do Raphael, da Graziella, e de tantas outras obras de incontestavel valor, mereceu de tal modo as sympathias do sultão da Turquia, que este soberano offereceu-lhe um extenso e fertilissimo terreno perto de Smyrna, para elle mandar construir uma residencia.

Vejam como um potentado barbaro de ha cincoenta annos apreciava muito melhor o talento do que alguns soberanos civilizados da actualidade...

## Pedro Nunes

Pedro Nunes, o celebre mathematico inventor do nonio (invenção que os francezes nos empolgaram como a dos botões), nasceu em Alcare do Sal em 1492 e morreu em Lisboa em 1577.

Formou-se em Medicina e Philosophia na Universidade em Lisboa e em mathematica na de Salamanca, e foi o primeiro lente de mathematica na Universidade de Coimbra.

Foi cosmographo-mór do reino por nomeação regia, e professor de mathematicas do rei D. Sebastião, do cardeal D. Henrique, do infante D. Luiz e do famoso D. João de Castro.

Deixou varias obras, que hoje são raríssimas.

## A defeza de um jogador

Aconselhavam a um jogador que abandonasse as cartas, porque a pratica de tão funesto vicio arrastaria a todos os peccados mortaes.

Contesto, respondeu o jogador: ninguém me pôde acusar de soberbo porque

tanto jogo hoje ás notas de vinte mil réis como o meu banheiro, como amaldiçoado, jogarai os dezaréis com o meu criado; avarento não sou, porque tudo me parece pouco para o fogo; do luxurioso não me póde aculmar, porque o jogo é a minha unica paixão; soffro, por causa do fogo, todas as injurias e affrontas, logo não tenho ira; guloso, estou longe de o ser, porque muitas vezes nem guardo um vintem para comer; inveja do alheio não tenho, porque dependo prodigamente do meu mestre; orgulhos não sou, porque passo dias e noites inteiras a jogar.

## Origem da sciencia electrica

Até agora attribua-se sempre ao abade Nobilet a honra de haver sido o precursor de Franklin, e de ter demonstrado claramente as relações dos phenomenos electricos com as do raio. Acaba, porém, de descobri-se na Italia um livro de um medico veneziano, Eusebio Ignazio impresso em 1746, dois annos antes dos descobrimentos do abade Nobilet. Intitula-se o livro; Da electricidade ou da força electrica dos corpos, e refere alguns

factos extremamente curiosos em relação á epoca em que foi escrita a obra. Com respeito ao raio, encontra-se n'essa obra esta phrase caracteristica: Que fatal surpresa não seria á do primeiro experimentador que, tendo achado o meio artificial de produzir o raio, succumbisse victima da sua curiosidade!

## Branqueamento de lãs

Lançar numa caldeira de capacidade de 1.000 litros, agua com 70 a 80 litros de ourina putrida e 20 kilos de crystaes de soda; aquece-se a 50 ou 55° e mergulha-se a lã neste banho por espaço de meia hora, agitando continuamente com um forcado de pau. Retira-se a lã do banho, escorre-se e lava-se em quantidade de agua corrente.

Se a lã não se destinar ao tinto, o enxoframento, (2 kilos de enxofre para cada 100 litros de lã), dá-lhe o mais elevado grau de brancura.

## Porque teme a Maternidade?



A experiencia é a mãe dos azilos humanos, e sem ella fracassam os maiores propósitos.

**NÃO FAZEMOS RECLAMES** do "COMPOSTO MITCHELLA", pois que não necessitamos os que de ha muito o conhecem, e os que não o conhecem, só usando-o é que reconhecerão o valor do mesmo.

A REPUTAÇÃO DO "COMPOSTO MITCHELLA" está tão bem estabelecida nos paizes da America do Norte, e particularmente pelo bello sexo da America do Sul e das Antilhas, que em todos os logares conhecem-se como uma maravilha.

## AS MÃES E OS MENINOS

que formam a familia, que por sua vez formam o nucleo que sustenta e nutre a Patria, têm no "COMPOSTO MITCHELLA" o mais poderoso auxiliar, para defenderem sua saúde e conservarem-se fortes.

**CONSTANTEMENTE SE ESTÃO** recebendo sinceros e veridicos testemunhos, de Senheras que o têm usado nos seus partos, aliviando os vomitos e molizias do embarço, e reduzindo as dores, e tambem temos innumeros attestações do mulheres em todas as edades, que se têm curado com o nosso preparado,

dos symptommas nervosos e do encaes pœssitares no sexo feminino. **AINDA MILHARES DE SENHORAS E SENHORITAS**

o têm usado com exito escombroso, para combater as debilidades femininas, esterilidade e irregularidades mensaes; são inumeraveis os lares onde tem brilhado o mais harmonioso sol da saúde, só com o uso do "COMPOSTO MITCHELLA".

Por isso é que tem sido qualificado como o FAVORITO DAS MULHERES.

## PARA ADQUIRIL-O

peçam-no em qualquer Pharmacia ou Drogeria; fornece-se gratuitamente um livrinho com informações e tambem amostras para experiencia.

Carta com 600 réis em sellor, para despozar e porta, ao unico importador para o Brazil!

**LOUIS S. CURT**

Departamento F. - R

Caixa Postal N. 1886

— RIO DE JANEIRO —



# MUTILADO

# O MENU' DE MEU MARIDO



## Vinho de laranja doce

40 garrafas de caldo de laranja, 6 garrafas d'agua, 3 de aguardente superior. e 10 kilos da assucar crú.

Mistura-se tudo muito bem e enche-se um barril deixando-se faltar de dez a quinze centimetros; deixa-se fermentar até que não se ouça mais o ruido, tapa-se muito bem com rolha de madeira e deixa-se descansar por espaço de cinco a seis mezes. No fim d'este tempo colloque a torneira dez centimetros acima do fundo para evitar a borra.

Querendo filtra-se.

## Pudim de fígado

1/2 kilo de fígado passado na machina com toucinho defumado ou presunto.

N'uma caçarola ao fogo 3 colheres de gordura estando bem quente junta-se 1/2 cebola ralada, sal, pimenta e 1/2 pão molhado e expremido, junta-se o fígado e 3 gemmas de ovos. As claras são batidas separadas. Mistura-se bem e deixa-se cosinhar. Tira-se do fogo e vae em forma untada de gordura; assar em banho-maria.

## Pudim de mamão

1 mamão maduro e 3 chicharas de assucar, cozinha-se e passa-se em peneira; mistura-se 1 chicara de farinha de trigo, 1 colher de manteiga, 4 ovos bem batidos e assa-se em forma untada de manteiga em banho-maria.

## CAFÉ GUILHERME

Assucar, Café, Fubá, Canjica  
RUA ANHANGABAHU' 35 — S. PAULO  
TELEPHONE 339 CIDADE

## Modo de chamuscar as aves

Depois de depenadas as aves chamuscam-se os restos de penugem empregando uma labareda de papel ou então de alcool sendo este o melhor por não enfumaçar as aves.

A ferventar ou escaldar e a operação pela qual se introduz durante alguns minutos a carne, legumes ou frutos, ou simplesmente deitar agua fervente sobre os mesmos.

## Escaldo de legumes

Usa-se muito hoje escaldar todos os legumes para que percam suas propriedades indigestas, acres ou nocivas. Este uso as torna menos saborosas. Quando se trata de legumes to-

liacás às quaes se quer conservar a cor verde salga-se um pouco a agua. Em todos os casos se conserva a agua fervendo até que os legumes estejam brandos.

## Bolo de chocolate

1 chicara de manteiga, 2 de assucar, 5 gemmas e 2 claras, 1 chicara de leite, 3 1/2 de farinha de trigo, 1 colherinha de cremor e 1/2 de sodio.

Mistura-se tudo muito bem e vae ao forno quente em assadeira de biscuoto untada de manteiga.

Estando assado corta-se em fatias compridas e estreitas pondo-se no meio de duas fatias o seguinte creme: bate-se bem 3 clara com 1 1/2 chicara de assucar e 4 colheres de chocolate. Passa-se enquanto quente.

## Sopa de polme de ervilhas

Toma-se uma cenoura e uma cebola, cortem-se em tiras e ponham-se n'uma caçarola ou n'um tacho, com um pedaço de manteiga e deixa-se refogar até a cebola corar. Mistura-se meio litro de ervilhas, depois de bem lavadas e enxutas, e cerca de dois litros d'agua com sal; deixa-se cozer por espaço de duas horas.

Leve-se ao passador para escoar a agua que deitou e ponha-se de novo ao fogo, deitando-se agua quente, e deixando ferver um pouco, pôde servir-se.

Deite-se n'uma frigideira um bocado de manteiga e ponha-se a fritar pequenos bocados de pão, até corarem, e levem-se á mesa, afim de serem deitados ao prato de sopa.

## Escaldo da carne

Este systema é muito empregado na cosinha ingleza, tendo por objecto fazer com que a carne conserve todo o succo, consiste em mergulhar a carne em agua fervendo durante uns segundos e em seguida cosel-a em fogo forte. Os assados conservam o succo e tornam-se claros.

Ally.

Má  
Nutrição e  
Fraqueza  
Organica:

Destes males é

# MUTILADO!

## SPORT

NOTAS DE FOOT-BALL

MEZ DE AGOSTO

Tivemos este ano o segundo encontro entre cronistas cariocas e paulistas. Ambos se realizaram em campos fluminenses. Fallos de assistencia, o que trouxe para os dois conjuntos, grande animosidade e vigor bellico para se acharem victoriosos das rendidissimas pugnas. O primeiro encontro, no dia 29 de Junho, após uma magnifica feijoada, sendo a nossa equipe derrotada por este artilh-K-K-reco, preparado pelos energicos membros do carioca. Fillet de bife com molho de bism que paulista de berriga choca não faz sport violento. Não chegando esta razão, ainda encerraram mãos e trahidores elementos do nosso desfeiteadissimo team. Saímos... ganharmos. Passamos ao segundo: — este foi realizado 4 de do corrente, nas verdejantes e perfumadas plagas. Se extasiar-se, isto é, formosidade onde está situada a sede do Carrioc K. C., nos estando deveras pelas suas bellezas naturaes.

Desta vez não fomos de todo no arrebol. Não entrámos logo na feijoada, já preparada, mas assim mesmo, os conseguiram infiltrar na nossa esquadra dois piratas que já foram paulistas, o Freitas ex-jogador e ex-campêo do G. S. team do Internacional e o campeão da linha de defesa, o velho e velho do no avança á feijoada. Desta vez os Manes foram á novo favor e sahimos convictos da inconfundivel superioridade do nosso modêrno conjuncto, trazendo para a terra dos Bandeirantes (deixando lá o elemento do bandeirinha Flores) a ostensiva victoria de 12 a 1. Esta, é que é a verdade nua e crúa. São os cronistas cariocas não somente respeitamos na luctuosa mortua, como é costume usarem o velho do Flores, Pederneiros, Roxo, Carqueja e K-K-Reco, chorões desde a infancia, terê, que dizer como um velho do Flores, ou como um velho do Manes (isso estou bem certo) *Oh my self qui mat y pense.*

Assim defendo os cronistas de S. Paulo e Foot de S. Paulo, e não se colloco em nenhuma direi, porque fui o juiz *incaudado* da memoravel pugna.

Escrevi a li. para esse o nesse dia, as nossas regras, que se collocou em sua juiz ideal, como prova as flores do Carqueja, o discurso bello-inflamavel do K-K-Reco e a medalha de vidro branco, commemorativa da irreprehensivel accção e grande victória chronistica de S. Paulo, entregue pelo Canongia, ao seu lullimissimo juiz. Os teams estavam assim constituidos:

Cariocas  
Roxo  
Flores—Adauto  
Canongia—Velloso—Vianna  
K-K-Reco—Pederneiros—Carqueja—Eneudy—Mottin  
Paulistas  
Cagliostro  
Furão—Saracura  
Fleitas—Sant'Anna—Rogognetti

Luz—Agnello—Figueiredo—Mucio—Panaim.  
Juizes de linha (bandeirinhas—Flores e Carico).

Referêre eleito e creador das novas regras para cronistas — O suco MACEDO.

Pela formação dos teams, aquellos que leram os jornaes do Rio, ficaram sabendo que apesar da bon vontade dos cariocas em quererem pôr o Carqueja no nosso team, não fomos no arrebol e assim mesmo, com certa manha dispensar este arzárd pernicioso.

O embato fragoroso começou mesmo quando o astuto rei se collocou no zentilh, isto é, a pia de nossas sportivas cabeças. O referêre examinou se havia alguma carioca armado; tendo constado que queriam se aproveitar da occasião para tirar um dezêro impellido do Cagliostro, o velho bisto falso, o juiz entrou em accção, de batura em punho. O K-K-Reco começou logo a distribuir raios ao só com *réco-réco*. O

juiz para *congar*, tambem puniu o infractor pelo *desrespeito* e a intimidado passos e mandou bater um corner, atirado fracamente pelo pequeno Panaim. O jogo continua. Vioguem, tendo o Roxo de ficar amarelo e alguns vasos, verde, com o ataque apparente da linha paulista. Não havia passado 5 minutos de jogo, já Furão que era back, tendo sido agredido pelo bandeirinha Flores, logo foi desrespeitado contra S. Paulo, quiz ter a modesta honra de abrir o score apresentando-se em campo de lutas negras, de camaleão chonho, chapô cor de rosa. Tendo sido chamado pelo juiz para bater o penalty, (por signal mercantilissimo), executou com rua mestria. Logo após Rogognetti fez tambem um ponto de lutas de guerra, puzendo a nossa offensiva, tal a violencia do shot, o inseparavel monocoelo, tendo de se retirar do campo, devido ao *ingratificável accidente*...

Um vista dezo, Sant'Anna, Figueiredo, Mucio, Panaim, Saracura anchi Cagliostro, fizeram pontos até completar a duzia soima falada. Só faltava e Freitas fazer tambem um ponto de lutas de guerra, puzendo a nossa off-side.

Depois de muito rogar ao juiz uma licença-sinhala, para fazer o seu, o referêre meio desconfiado com tanta insistencia do mesmo, abriu as lutas, continuando no intimo paulista, *do ordem*, sob bem que a dita ostivesse off-side.

Pois é tal Freitas, recebendo a bola na arca de penalidade quiz fazer goal *com a mão*, isto é, de fora do jogo, puzendo a nossa defesa sendo, o juiz incorruptivel, obrigado a mandar bater — um penalty contra o goal Paulista, conseguindo dessa forma, o team carioca fazer um só ponto e logo mesmo dividio a trahicao vergonhosa desse Freitas, que d'ante-mão estava *freitado* para fazer o papel do *Indus Carico*.

Passado o tempo combinado pelo juiz e a sua propria pessoa, depois de ter aviguardado que o seu pessoal estava verdadeiramente no *prego*, deu o signal de terminado o jogo e começou o embate, fazendo ouvir... torcedor ante o clamor da população infrene, expando entre os mortos e feridos, todos illecos.

Passados os jogos do "Imparscial" as regras mandamentos do chronista paulista, para os matches de foot-ball.

MANDAMENTOS DO CHRONISTA RANZINZA

Manual do Chronista de Foot-ball

Damos abaixo as regras da lavoura do referêre paulista Nazio Macedo, "torcedor" incorruptivel do C. A. Paulistino, as quaes foram observadas no match de honrem entre cronistas cariocas e paulistas:

1.º — O chronista foot-balista só pôde jogar com os pés, mesmo porque as mãos são soño usadas nos respectivos jornaes.  
2.º — O chronista não pôde jogar com as unhas, crochadas e trazer armas perforantes ou arrembantes, tendo o juiz o direito de revistar o infractor o tirar os "dificios", caso haja.

3.º — O uniforme do chronista em campo deverá consistir de chapêo para cabeludoso e gorro para os carecas; collarinho molle ou duro, conforme o nêcco ou a gravatilla systema bilhotra e botinas de polimento.

4.º — O chronista só tem direito de decanar, quando jogando, sómente quando estiver cansado.

5.º — A renda dos matches realisesados pelos ditos referêres nove decimos para o juiz e um decimo para o "juiz de penalidade".

6.º — Este direi é admissivel, porquanto o juiz arrieca constantemente a propria vida.

7.º — As resoluções do juiz são "irrevogaveis", muito principalmente, quando elle, sem querer, tenha applicado uma penalidade no conjuncto que, d'ante-mão, ficou combido a favor do seu "eu" e a propria "consciencia", ganhar.

8.º — Os jornaes adversarios não podem atacar a reputação sportiva do juiz que se deve deparar para o seu team, quando muito poderão lançar mão da "chorada".

9.º — O tempo para o jogo será combinado, conforme o folego dos jogadores que deverão ganhar.

10.º — O fim, o team que perder, por ser "pichote", terá como pena maxima pagar o jantar, conjuntamente com os appetivos.

RANZINZA, N.º

Terminado o match todos os chronistas tomaram suas respectivos banhos... de sol, para assim ficarem mais aptos para o dia seguinte á sabrosa feijoada preparada pelo *Joem e descabelado* Motta.

Não som de uma inconfundivel *archete de sapas*, unicos que estiveram no *espectro do jogo*, começou o segundo match que ao nosos ver ainda foi mais rendido. Só se ouvia os piyura pedirem aos companheiros de linha: — Passa a canoa, passa a canoa, para a linha acompanhadas de um lombo, e ainda outro queria a feijoada completa com a respectiva caninhala que não era do O' por ser falsificada.

Os adversarios então queriam o arrox molle, as laranjas e as bananas da terra. O K-K-Reco desenvolveu uma lutas sobre a feijoada, a canoa, a canoa, a canoa, o canoista. O Furão tambem quiz falar sobre o mesmo assumpto, achando que aquella estava magnifica, nos faltava uma parte do *bol* para ficar completa; era a *rolêda*. Dizia elle que sempre que a canoa estivesse terminava *chorando*... por mais. Ainda se seguiram outros improvisos preparados para momento tão solenne!

Finalizaram os respectivos *feitos* com uma desfeitada *corrida de pucos* em auto, até o campo do *Boa-foga*, chegando todos de soldo no occasio em que o juiz — Food — dava o signal para o inicio da lucta entre as equipes representativas de Rio e S. Paulo. O desenvolvimento e resultado desse encontro todos já estão mais que fartos de saber e portanto pulcramos sobre todos os incidentes, que para nós, paulistas não foi mais que um accidente *desagradavel*.

Preferidemos agora, no dia 1.º de setembro, retribuir as innumeras gentilezas aos nossos collegas de imprensa, primeiramente preparando-lhes uma vasta e succulenta *macarrônica* á la paulistana e logo em seguida um assistido *de lutas de guerra*. Estes pontos pelo dia da *feijoada* relatamos as phrases mais torcentes (porque hade ser com musica á Carrapintini) e muita *choradada*...

18 de Agosto. Palmeiras vs. Paulistano. Dos encontros de foot-ball este, foi o mais importante e mais emocionante, não só pela collocação de ambos os eternos adversarios, no campo de lutas de guerra, como se dizia á respeito do eventuais disturbios preparados por torcedores d'um club que ha tempo esteve em grande evidencia, na A. de Sportos de S. Paulo. Este match decorreu bem, principalmente por o campo da cidade que conseguiu firmar-se na vanguarda do campeonato, vencendo a Palmeiras no campo de lutas de guerra. Ambos os lullimissimos, empregando ambos o maximo de suas forças e de seus inexgotaveis recursos para a conquista de mais lauros para a sua bandeira.

A Deus, da Fortuna não quiz abandonar o pavilhão alviburo do glorioso campêo de 1916 e 1917, que ao cabo de uma lucta formalizada em um campo de lutas de guerra de suas energias, sahio de campo do premio mais uma vez aureolado pelos honras do triumpho leal e merecido.

D'ARTAGANS.

## SONETO

Figuremos tu vas, é curta a viagem,  
Tu vas e, de repente, na turtosa  
Estrada, vê, sobre a arvore frondosa,  
Alguem dormindo á beira da passagem.

Alguem, cuja fadiga angustiosa  
Cedeu ao somno em meio da ramagem  
E exhausto dorme... Tinhas tu coragem  
De acordal-o? responde-me, foinosa.

Quem dorme esquece... Pode ser medonho  
O pesadelo que entre o horror nos fecha,  
Mas sofre menos o que sofre em sonho.

Oh! tu que turvas o pallor da neve,  
Tu que as estrellas escureces, deizas  
Meu coração dormir... Pisa de leve...

Guimaraes Passos.

## Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER

Ex-substituto da Polyclínica Geral em Vienna Ex-interno de clinica dos hospitaes. Cirurgião do Hospital da Beneficencia Portuguesa de São Paulo Operador. Molestias de senhoras.

CONSULTORIO

N. 4, Rua Barão de Itapellina N. 4

De 1 as 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

DR. RODRIGUES GUIÃO — Clinica medico-cirurgica, especialmente de partos, molestias de senhoras e crianças.—Consultorio rua de S. Bento, 14 (Palaceo Jordão). 1. andar, sala n. II. Consultas, das 13 as 15 horas. — Residencia: alameda Barão de Piracicaba, 139. — Telephone, 28-26.

DR. LUIZ PEREIRA BARRETO — Especialidade: cura radical de hemorroides por processo sem dor, sem sangue e sem chloroformio. Residencia, rua Appa n. 2. — Cons.: rua 15 de Novembro, 9 - das 11 as 12.

RAYMUNDO REIS — Cirurgião-dentista. — Altem de das 12 as 18 horas. — Rua de São Bento, 27 — São Paulo.

DR. LUCIANO GUALBERTO — Utero, Anexos, Bexiga e Rins. Cons.: rua Libero Badard, 120, das 1 as 3. Rev.: rua Vergueiro, 373. Telephone Central 770.

Laboratorio de Analyses do

DR. JESUINO MACIEL — Microbiologia e Clinica clinicas — Aberto das 8 as 18 horas — So atende á especialidade — Rua Libero Badard 53 — Telephone, 5439 - Central.

## A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: « Isto elle bebeu com o leite » e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saúde, o *mens sana in corpore sano*; com o leite pode-se tambem beber o rachitismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, prenunciando um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preocupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da criança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro *Malcom Iricalsic Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo.—Um vidro com 100 partilhas: 20.000. Enviar pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebê sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira

REVISTA FEMININA

Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) São Paulo



**Guilherme Messel**  
**Cliches**  
Telephone  
12. 2001.  
(Cidade.)  
Rua dos Guayanazes 155.  
São Paulo.

## Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excellente re-constituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *poderoso tonico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

É superior ao oleo de figado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *iodo vegetal:endo* intimamente combinado ao *tannino da noqueira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalisador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.



É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e às emulsões; dahi a preferencia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o recebem diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODO-TANNICO GLYCERIO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e phrancias desta cidade e dos Estados e no deposito geral: **Pharmacia e Drogeria de FRANCISCO GIFFONI & C<sup>o</sup>** Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro



Tonico dos nervos, do cerebello e dos musculares

**GOTTAS PHYSIOLOGICAS**

Silva Araujo

(Quartan - 1005 - Kola - Arsenic)

NEURASTHENIA

**NEURO-SÔRO**

SILVA ARAUJO

Base: Glycerophosphate de Sodio

4 Brixburg-Strasse, 100

**Invicta**  
A melhor tintura  
para os Cabellos  
Guilry - Rio

# "AGUA RABELLO"

INDUSTRIA NACIONAL

Nova Emballagem

Antiga Emballagem



Este preparado, verdadeira "Maravilha domestica" cuja antiga denominação era

Agua Curativa Rabello, tem hoje nova rotulagem, por exigencias dos fabricantes de um producto similar.



A Agua Rabello

é o

Remedio da Familia

O medicamento de urgencia, indispensavel em toda parte onde for possivel um accidente. Cura Feridas contusas, talhos ou golpes, Queimaduras de qualquer especie, Hemorrhagias, hemorrhoides, dor garganta, inflamação do rosto, espinhas inflamadas, corysa, colicas, vomitos e escarros sanguineos.

VIDE PROSPECTO

Approvada e licenciada pela Inspectoria Geral de Hygiene e premiada nas Expositões Universal de S. Luiz e Nacional de 1908  
COM MEDALHAS DE OURO



Laboratorio Pharmaceutico,  
ANTONIO RABELLO JUNIOR

Rua Maciel Pinheiro, 44—Parahyba do Norte

## MEDICAMENTO PURAMENTE VEGETAL

Marca e denominação Registrada — Autorisada e analysada pela  
Directoria Geral da Saude Publica do Rio de Janeiro

Vende-se nas Pharmacias, Drogarias e Casas de Commercio da Campanha  
PREÇO AO ALCANCE DOS POBRES

Depositarario Geral **Antonio Rabello Junior** - Parahyba do Norte

## COCCLUSUS - (Aprovado pela Saude Publica)

É o preparado vegetal que melhor resultado tem produzido nas doenças do estomago, figado e intestinos, tonteiças, dor de cabeça, falta de memoria, esquecimento, gazes, pouco appetite, estado nervoso, palpitações, insomnia, peso do estomago, dor no figado e no ventre, somnolencia depois das refeições, bocca amarga, pigarro, indisposição para o trabalho, hemorrhoides, prisão de ventre, aborrecimento de tudo, até dos proprios amigos, estado frenetico, emmagrecimento, etc. O empregado publico não é culpado de seu máo humor ou de seu estado nervoso, é o seu estomago que não digere, causador deste estado neuroasthenico.

Com o uso do Cocclusus em pouco tempo o doente ficará bom.  
VENDE-SE NA FLORA MEDICINAL — Preço do vidro 3\$000  
RUA DE S. PEDRO N. 38 — Rio de Janeiro

## HOTEL AVENIDA

O MAIOR  
e mais importante  
do Brazil

Aposentos  
PARA  
500 pessoas

DIARIA A PARTIR DE 10\$000

End. Telegr. Avenida - Rio de Janeiro

## Gravidina

Aprovada e licenciada pela junta de hygiene

### A'S MULHERES

- ¶ Senhora está grávida? — Use a Gravidina.
- ¶ Gravidina evita as complicações da gravidez.
- ¶ Senhora sofre de utero? — Use a Gravidina.
- ¶ Gravidina — cura muitas molestias de utero.
- ¶ Gravidina — evita os vomitos da gravidez.
- ¶ Gravidina — evita as incluações.
- ¶ Gravidina — evita as hemorragias.
- ¶ Gravidina — alivia a dor do Parto.
- ¶ Gravidina — facilita o Parto.
- ¶ Gravidina — tonifica a mulher e a creança.
- ¶ Gravidina — cura as flores brancas.
- ¶ Gravidina — regulariza a menstruação.
- ¶ Gravidina — evita os tumores do utero.
- ¶ Gravidina — é a salvação das mulheres.
- ¶ Gravidina — mesmo á mulher sã é util.
- ¶ Gravidina — não contém substancias prejudiciaes á mulher e á creança.
- ¶ Gravidina — não é Januária.
- ¶ Gravidina — dove a sua acção benéfica e curativa na gravidez, no parto e nas molestias do utero, é feliz combinação de substancias vegeto-mineraes que entram na sua composição.
- ¶ Gravidina — é formula e preparado do distincto medico parteiro, Dr. Alfredo Zuquini, com 25 annos de Clinica e Partos.
- ¶ Gravidina — é o melhor remedio para senhoras. Previne e evita os accidentes e complicações da gravidez. Prepara o parto facil e rapido, sem dor e sem os soffrimentos dos partos laboriosos. É um excellento auxiliar da intação que excita e estimula a função de glandula mamária,

Preço: vidro . . . . . 3\$000  
A venda em todas as pharmacias

Depositario: Pharmacia Ypiranga

J. RIBEIRO BRANCO

R. Libero Badaró, 112 — S. PAULO

## Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo

Escritorio: Rua 15 de Novembro N. 36 — São Paulo

Officina e Fundição: Rua Monsenhor Andrade — Braz

Filiaes em Santos - Rio de Janeiro - Londres

IMPORTADORES de toda a classe de material para construcções e para Estradas de Ferro Locomotivas. Trilhos, Carvão. Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos, Asphaltos. Tubos para abastecimento d'agua. Material Electrico. Navios de Guerra, Reboadores, Lanchas e Automoveis «FIAT» etc.

FABRICANTES de Machinas de café e para a lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, parafusos e rebites, Fundição de ferro e bronze, etc

Grande Serraria a Vapor — Constructores e Empreiteiros

AGENTES de Robey & Co. Fabrica «FIAT» (Automoveis) - Fabrica de Ferro Esmaltado «SILEX» - Comp. Paulista de Louças Esmaltadas - Societá Italiana Transarea «SIT»

(Aeroplano e hydroaeroplanos Bleriot). - Soc. de Productos Chemicos «L. de Queiroz» etc...

DEPOSITO, FABRICAS e GARAGE: Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense - Braz

ESTABELECIMENTO CERAMICO: Agua Branca - Telephone No. 1015

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª edição, A. I., A. Z., Western União, Lieber's, Benly's e Ribeiro

## "O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

**Ainda para a extinção da caspa**

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO

SEMPRE O "PILOGENIO"

**"PILOGENIO" SEMPRE!**

A' venda em todas as pharmacies, drogarias e perfumarias

# LYCETOL

GRANULADO  
GIFFONI  
DISSOLVE E EXPELLE  
O ACIDO URICO

RECEITADO DIARIAMENTE PELAS SUMMIDADES MEDICAS  
CONTRA  
DIATHESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS  
CALCULOS BILIARES  
ARTHRITISMO—RHEUMATISMO  
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL  
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI

DE  
FRANCISCO GIFFONI & C.<sup>MA</sup>—RUA 1.<sup>ª</sup> DE MARÇO 17  
RIO DE JANEIRO

Exclusivamente para

**Senhoras e Senhoritas**

Premiado na Exposição de Bruxelas e com medalha de ouro na Exposição de Hygiene

## O CREME DO HAREM

tem a primasia, porque . . .

... é uma preparação conscienciosa, seria e não é imitação.

... tem sido usado, sempre com excellentes resultados, contra as sardas, rugas, pannos, espinhas e manchas da pelle e nenhum outro é comparavel a elle.

Portanto, todas as imitações que appareceram, que apparecem, e que apparecerão, embora com nomes diferentes, não podem fazer concorrência ao já consagrado

## CREME DO HAREM

Estoja 3\$000

Pelo Correio 4\$000

Em todas as perfumarias e drogarias e na

**PHARMACIA E DROGARIA  
SANTOS**

Rua São Bento 74-A S. PAULO

## VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

E' o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas do leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacies e drogarias. Deposito Geral:

PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.  
Rua 1.<sup>ª</sup> de Março, 17 Rio de Janeiro



Société Financière  
et Commerciale  
Franco Brésilienne

(CASA NATHAN)

CHA' «HORNIMAN» em latas de 1,12 e 14 de libra, o mais puro e aromático.

Grande sortimento de licores «CUSENIER» de todas as qualidades. Verniz especial «CHINAMEL» para envernizar soalhos, que substitue com vantagem a cera e é mais barato.

Grande sortimento de ferragens finas e grossas.

MACHINAS PARA A LAVOURA de todas as classes, com especialidade em arados, cultivadores, etc. dos melhores fabricantes Norte-Americanos.

□□□□

Pedidos e informações a  
43-R, Rua S. Bento, 43-R

Caixa do Correio—K  
SÃO PAULO

## Marmoraria Tomagnini



Especialidade em  
tumulos de marmore  
e granito polido

— Pietrasanta  
(Carrara) Italia —  
S. PAULO

Rua Paula  
Souza N. 85  
Telephone, 3378  
(CENTRAL)

A todas as  
mães extremosas

Aconselhamos para os  
seus filhos o emprego do

### OLEO INDIGENA

Perfumado

Para completa extinção da caspa e a boa hygiene dos cabellos.



Usando o oleo INDIGENA perfumado, alisa os cabellos, mata por completo a caspa, lendijas, parasitas e todos os insetos do couro cabeludo. Evita a queda e faz crescer o cabelo, podendo ser usado em todas as «toilettes» de bom gosto, pelo seu perfume e por todas as virtudes.

A' venda em todas as farmacias, drogarias, perfumarias e barbearias.

PREÇO 2\$000  
PELO CÔRREIO, 3\$200  
Deposito em S. Paulo:

BARUEL & COMP.

MOVEIS Visitem a antiga e acreditada casa de moveis

## Ao Grande Oriente

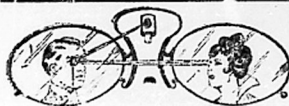
onde encontrarão um bello sortimento em  
Mobilia, Tapetes, Oleados, Capachos. etc.

PREÇOS CONVENIENTES

### J. C. COSTA

Rua Floriano Peixoto, 13 - Tel. 1482 Central  
Largo da Sé e Largo do Palacio

## Optica Norte-americana



Dr. J. VIGNOLI

OPTOMETRISTA

Exame da vista — Oculos e Pince-Nez

52 - Rua Libero Badaró - 52

## A Revista Feminina

Os numeros desta revista relativos ao anno de 1917 já se acham nesta redacção, encadernados, constituindo um grosso e elegante volume. A encadernação é em percaline, com os dizeres do lombo dourados. Vende-se cada volume a 25\$000. Como presente de anniversario para senhora ou para uma moça, é o que ha de mais fino e, sobretudo, de mais util. As pessoas que têm trunçadas as suas colleções devem adquirir a edição encadernada.